

A garota do BILIONÁRIO

DA MESMA AUTORA DO LIVRO **OPERAÇÃO CEO**

ANNE MILLER

A garota do BILIONÁRIO

DA MESMA AUTORA DO LIVRO **OPERAÇÃO CEO**

ANNE MILLER

Copyright ©2018 by Anne Miller.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou parcial, constituí violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Capa: Anne Miller

Edição digital: Março de 2018.

Índice

Prólogo
Capítulo 01 — Sabrina Lancaster
Capítulo 02 — Recepção Calorosa
Capítulo 03 — Fim de Noite
Capítulo 04 — Senhor Marinho
Capítulo 05 — Família
Capítulo 06 — Convite Inesperado
Capítulo 07 — Recepção
Capítulo 08 — Dominador
Capítulo 09 — Privacidade
Capítulo 10 — Evento
Capítulo 11 — Cliente Indesejado
Capítulo 12 — Depois do Choque
Capítulo 13 — Indicação
Capítulo 14 — Revelação
Capítulo 15 — Descontrole
Capítulo 16 — Exclusividade
Capítulo 17 — Banheiro
Capítulo 18 — Questionamentos
Capítulo 19 — Briga
Capítulo 20 — Jéssica Martins
Epílogo
Conheça os Meus Outros Trabalhos
Anne Miller

Prólogo

Cinco anos antes.

Eu estava tão assustada.

De uma forma que nunca havia estado antes.

Sentada naquele banco de praça, eu tentava me enganar, dizendo que tudo ficaria bem, que as coisas eventualmente melhorariam. Aquela velha história de que o dia seguinte seria melhor do que o anterior.

Mas a mentira era tão ruim que o medo não passava. Por mais que eu continuasse repetindo aquelas mesmas palavras como um mantra — o *"tudo vai ficar bem, Jéssica"* —, o meu corpo continuava tremendo.

A questão é que você pode até conseguir enganar as outras pessoas, mas essas mentiras não funcionam quando são endereçadas para nós mesmas — pelo menos, não por muito tempo.

E, no meu caso, não durou nem míseras quatro horas.

Sabendo que não resolveria os meus problemas sentada naquela porcaria de banco, eu me levantei e comecei a caminhar pela avenida principal, torcendo para pensar em qualquer coisa que me impedisse de me obrigar a voltar para casa.

Aquele lugar continuava sendo a minha casa?

Ainda que uma parte minha — a mais covarde — quisesse voltar, lá no fundo eu sabia que, mesmo que fosse aceita de volta pela minha mãe, nunca mais veria o ambiente em que cresci — aquele lugar — como um lar.

Enquanto os meus pensamentos tornavam a me aterrorizar — formulando centenas de situações ainda mais desagradáveis —, continuava caminhando sem um rumo e planejamento. Só interrompi os meus passos quando um carro preto estacionou ao meu lado.

Inicialmente, eu pensei que a pessoa estava apenas perdida, precisando de informação, saber onde ficava uma determinada rua ou lugar — que eu, sem dúvida alguma, não saberia lhe responder. E mesmo já passando das dez horas da noite, optei por não lhe negar ajuda.

Aproximei-me do veículo escuro e encarei o rapaz que abaixou o vidro isofilmado, antes de se inclinar para falar comigo.

A primeira coisa que observei em seu rosto, foram duas lanternas verdes. Elas pareciam um par de esmeraldas iluminando aquele rosto em meio a toda a escuridão em que a rua se encontrava.

— Qual… qual o valor? — perguntou-me ele, deixando-me confusa. Foi como se eu só tivesse pegado o final de sua frase e isso me deixou em um estado de confusão. Mas não tive nem tempo de questionar as suas últimas palavras, pois ele continuou, dizendo: — Quer saber, não importa… Entra aí, eu pago!

Depois do *“entra aí, eu pago!”*, eu já não estava mais tão confusa.

Eu sabia exatamente o que aquele rapaz queria e, principalmente, o que ele pensava que eu era.

E mesmo não sendo uma garota de programa — e nunca ter feito algo minimamente parecido com isso —, eu balancei a cabeça concordando com a sua proposta.

A verdade — e a única explicação para o que fiz ou o que estava prestes a fazer — é que eu não cheguei a pensar. Não tinha onde dormir — pelo menos, não mais do que uma noite —, precisava de dinheiro e vi uma oportunidade de ganhá-lo.

Com a chegada de certas necessidades, alguns limites simplesmente deixavam de existir.

O jovem sorriu e abriu a porta do carona para que eu entrasse e assim eu fiz, sentando-me ao seu lado, sem saber o que dizer ou fazer.

Coloquei o cinto de segurança e voltei a minha atenção para frente, já me arrependendo por ter entrado na porcaria do carro.

Tudo o que eu conseguia pensar era *"o que você está fazendo garota?"*.

O homem ao meu lado podia ser só um cara insatisfeito com o atual relacionamento — um dos principais motivos de traição, logo depois da falta de vergonha na cara, é claro —, mas também podia ser um assassino em série. Para completar o filme de terror rolando em minha mente, eu não tinha a mínima ideia de qual seria o nosso destino — nem mesmo se existia um programado.

Mas, novamente, ele não me deu tempo para falar ou fazer qualquer outra coisa — coisas como desistir daquela loucura, por exemplo.

O rapaz dos olhos esverdeados deu partida e nos tirou da avenida, fazendo com que eu finalmente voltasse o meu olhar em sua direção. Observei os finos fios de sua barba rala, o cabelo jogado para o lado, em um topete descolado e a forma confiante como ele dirigia o veículo.

Ele não me disse nada, simplesmente continuou dirigindo. Mas também não exigiu que eu dissesse alguma coisa e isso foi algo bom, pois eu estava ainda mais perdida do que quando caminhava sozinha por aquela rua.

Continuamos em silêncio até chegarmos a um lugar que reconheci como um motel. Ao colocar o meu pé para fora do carro, fiquei com medo de alguém desconfiar de que eu ainda não tinha dezoito anos, mas, no fim das contas, foi uma preocupação idiota, pois ninguém me impediu de entrar.

Não se importaram com a jovem de dezessete anos que acabara de descer

do carro de um completo estranho. Não se importaram com a expressão aterrorizada do meu rosto. As pessoas conseguiam enxergar apenas os próprios problemas.

Depois de esperar um pouco na recepção, onde o rapaz que me trouxe pagou adiantado pelo quarto, subimos naquele mesmo silêncio. E a cada degrau que eu avançava, ficava mais apavorada, pensando naquilo que estava prestes a fazer — algo que eu sabia que não teria volta.

Mas quando me lembrava do que ainda me restava, só constatava que não tinha nada a perder.

Quando adentramos o quarto, fiquei completamente surpresa com o ambiente luxuoso.

Tudo ao meu redor era tão lindo.

A cama parecia ser tão aconchegante, os tapetes no chão eram tão delicados que sentia pena de pisar em cima deles. As cortinas cobrindo as janelas eram igualmente belas. Só tinha visto lugares assim em alguns filmes que havia assistido na casa da minha amiga Isabela.

Sentei-me na cama e deixei que a minha mão tocasse a colcha que a cobria. Senti a maciez do tecido enquanto procurava pelo rapaz que havia me trazido até o motel.

Ele estava parado próximo à porta, observando-me de uma forma estranha, completamente indecifrável. E por mais inexperiente que eu fosse no ramo da prostituição, não conseguia identificar nada parecido com desejo em sua expressão facial.

Após tirar o paletó, ele avançou em minha direção e isso fez com que eu me levantasse de forma automática, colocando-me à sua disposição. Quando nós dois ficamos frente a frente, os nossos olhares se ligaram de uma forma que ainda não havia acontecido. Eu sentia que, pela primeira vez, ele realmente me

enxergava.

Comecei a desabotoar a minha camisa, pronta para começar o serviço que ele estava contratando. Mas fui interrompida por sua mão direita, que tocou na minha, levando o meu olhar assustado até o seu rosto.

— Não… não precisa… — ele sussurrou, deixando-me tão confusa quanto no momento em que me abordou na rua. Seu olhar despencou, fugindo do meu rosto, evidenciando o seu desconforto. — Eu… eu não sei nem porque te trouxe pra cá.

Imediatamente, deduzi que o problema era comigo, com a minha aparência, com as minhas roupas e toda a inexperiência evidente em meus gestos e movimentos. Se minha mãe pudesse me ver naquele momento, diria que não tinha vocação nem pra ser puta.

— Você quer que eu vá embora? — questionei sem saber exatamente para o lugar em que iria depois que deixasse o quarto do motel. — Eu sei que eu não te…

— Não, eu quero que você fique — respondeu ele interrompendo-me uma vez mais. Suas lanternas claras tornaram a me alcançar. O meu “cliente” sentou-se sobre a cama e deu dois tapas no espaço vago ao seu lado, indicando para que eu me sentasse próxima a ele. — Eu realmente preciso de companhia esta noite.

Ele desabotoou alguns botões de sua camisa celeste e afrouxou a gravata escura. E isso fez com que eu recomeçasse o que pretendia ter feito há alguns minutos, desabotoando a minha blusa, tentando, desajeitadamente, me despir.

O rapaz sorriu, se divertindo com toda a minha confusão e falta de experiência.

— Não é bem esse tipo de companhia que eu estava me referindo… — Ele jogou-se para trás, deitando-se sobre a cama e encarou o espelho enorme no teto. — Se importa se gente só conversar?

Foi impossível não estranhar.

Ele me abordou na rua e me trouxe para um quarto de motel — um que, aparentemente, custou caro — só para conversar? Não fazia nenhum sentido.

— Não se preocupe, eu vou pagar do mesmo jeito — completou ele, enxergando mais uma vez tudo o que se passava em minha mente. Depois de rir, dessa vez um pouco mais alto, ele continuou: — Eu devo ser o cara mais estranho com quem você já saiu, não é?

Por algum motivo, eu me senti à vontade para conversar com ele. Talvez fosse porque ele já havia me dito que não rolaria nada. Talvez fosse pela forma como ele me encarava, sem nenhuma malícia. Eu não sabia, mas estava mais tranquila ao seu lado do que costumava estar na minha própria casa.

— Na verdade, você é meio que o meu primeiro cliente — revelei a ele, também me deitando sobre a cama. — E, como não tenho ideia de como são os estranhos, não tenho como te dizer se você é ou não.

Ele tornou a rir, certamente ligando todos os pontos. Qualquer cara que já tivesse contratado uma garota de programa — o que não devia ser o caso dele — perceberia no mesmo segundo que eu não era uma.

— Mas me conte… Que coisa horrível você fez pra procurar uma garota de programa pra se abrir? — indaguei, realmente não tendo dificuldade para conversar com ele. Naquele instante, éramos apenas dois estranhos, podíamos dizer qualquer coisa, pois a probabilidade de nos encontrarmos novamente era mínima. — Só não vá me dizer que matou alguém.

Sempre fui uma garota muito extrovertida, extremamente comunicativa, que costumava ser simpática com todo mundo. E talvez fosse isso que me causou tantos problemas. Para alguns, é fácil demais confundir simpatia com segundas intenções. E se você é a pessoa simpática, acostumada a abraçar o mundo, não percebe as más intenções — não quando elas são direcionadas para

você.

— Pior do que isso… Eu vou me casar — respondeu-me ele ainda olhando para cima. — Todos os meus amigos queriam uma despedida de solteiro, mas eu recusei, optei por procurar uma garota de programa qualquer… — Ao notar as suas últimas palavras, ele rapidamente se corrigiu — Sem ofensas.

Antes que eu pudesse questionar o motivo de ele comparar um casamento a um assassinato, o homem ao meu lado prosseguiu: — Acho que, lá no fundo, eu não queria me despedir da vida de solteiro. — Foi impossível não sorrir ao perceber o quão fútil era o problema dele. Pelo menos, foi isso o que pensei antes dele continuar com o relato. — Estamos em pleno século XXI e ainda existem casamentos arranjados. Amanhã, por exemplo, eu vou me casar com uma mulher que detesto porque isso, a nossa união, vai deixar a minha família mais rica.

Demorei o meu olhar sobre o seu rosto, encarando a barba, a pinta que ele tinha no pescoço e a forma que ele mordia o lábio inferior enquanto refletia olhando para o espelho no teto. E em algum lugar de sua expressão, eu acabei encontrando abrigo.

— Meu padrasto começou a dar em cima de mim e… — respirei fundo, esforçando-me para colocar tudo aquilo pra fora. Não teria outra chance de dizer isso; não para alguém que eu nunca mais veria. — Eu sempre fingia que não percebia as investidas dele, a forma como ele me encarava ou as brincadeirinhas. Isso deu certo por um tempo, mas… um dia, quando minha mãe não estava em casa, ele tentou me agarrar e eu gritei, gritei tão alto que um dos vizinhos apareceu e o flagrou tentando abusar de mim. — O rapaz deixou de encarar o teto e voltou os seus olhos verdes em minha direção, esperando pelo restante do relato. — Quando a minha mãe chegou e soube de tudo, ela ficou do lado do marido, dizendo que eu havia dado motivos para ele me atacar, culpou as roupas que eu vestia, culpou até mesmo a forma que eu falava… E, então, ela me

expulsou de casa.

Com os olhos ainda queimando a minha face, ele questionou: — Espere um pouco… Você tem quantos anos mesmo?

— Dezessete… Quase dezoito — respondi tentando tirar aquele olhar assustado de sua face. — Mas, de qualquer forma, não é como se tivéssemos feito algo ilegal aqui.

— Eu trouxe uma menor de idade pra um motel… Como que isso não é ilegal? — continuou ele realmente focando na questão da minha idade.

Observei o seu rosto assustado e comecei a rir.

— E você, tem quantos anos? — perguntei em meio a uma crise de risos. — Com essa carinha de bebê, não parece ter muito também.

Ele revirou os olhos para o *"carinha de bebê"*, mas também se rendeu à risada.

— Eu tenho vinte e quatro… O que, caso você não saiba, é mais do que o suficiente pra ser preso.

Ficamos nos encarando, ambos com um sorriso.

Levei a minha mão até a dele e a apertei. Isso atraiu os seus olhos esverdeados para os meus castanhos, ligando os nossos olhares. E os poucos segundos em que nos encaramos, pareceram horas. Foram tantas coisas ditas em meio ao silêncio. Sentia que, naquele instante, ele era capaz de olhar para mim e enxergar tudo, todas as coisas que eu tentava esconder, os meus medos, os meus sonhos bobos e até os pensamentos infantis, sobre o quanto ele era bonito, sobre a minha vontade de beijar aqueles lábios e — mesmo depois dele ter dito que não queria nada — provar do seu corpo.

Mas isso não me impediu de continuar sustentando o nosso olhar. Só deixei de fitar o seu rosto quando ele tornou a encarar o teto espelhado.

E em determinado momento, enquanto eu o encarava, apaguei completamente. O sono chegou como um ladrão na noite, sem nenhum aviso e roubou todos os momentos que eu poderia ter tido com ele.

***

Acordei sozinha na cama.

Procurei pelo homem — um cujo nome eu sequer sabia —, mas não encontrei nenhum vestígio dele no quarto. Não havia paletó, sapato, meia e nenhuma das coisas que deveriam estar jogadas sobre o chão.

Na mesinha ao lado da cama, estava um bilhete.

Ele usou um pedaço de papel higiênico para escrever e isso me fez rir já pela manhã.

“Tive que sair bem cedo. É a porcaria do dia do meu casamento, então me deseje sorte. Foi bom te conhecer; adorei a nossa conversa. E eu ainda acho que deveria procurar a polícia pra prender aquele desgraçado do teu padrasto, junto com a babaca da tua mãe”.

Ele não assinou e isso me deixou triste, já que eu nunca saberia o seu nome.

Ao lado do bilhete, estava um envelope branco.

E dentro havia várias notas de cem.

Exatamente cinco mil reais.

O cara me deixou todo aquele dinheiro por uma conversa?

Peguei o envelope e deixei o quarto, com uma noção do que faria com parte do dinheiro. Eu já podia ficar em um hotel ou pousada, não seria obrigada a voltar para casa, onde não tinha nem certeza se seria aceita pela *“babaca”* da minha mãe.

Capítulo 01 — Sabrina Lancaster

Levantei-me da cama e apanhei as peças de roupas atiradas sobre o chão do quarto. E enquanto me vestia, levei o meu olhar na direção de Juliano e sorri maliciosamente ao me deparar com a expressão de seu rosto, que esbanjava desejo.

— Como de costume, foi um prazer… Em um sentido bem literal, minha delícia — comentou um dos meus clientes mais féis, com um sorriso de satisfação que me deixava com a sensação de dever cumprido. — E eu quero te ver mais uma vez, antes de voltar para o Rio e retomar a minha rotina por lá… — Ele fez uma breve pausa, pensativo. — Se eu pudesse, te levaria comigo.

O *"minha rotina por lá"* de Juliano certamente incluía a esposa, dona Carolina, que, de acordo com a maior parte das vezes em que conversamos — que não foram poucas —, não valorizava o homem grandioso que ele era.

E isso porque a coitada nem devia saber do "chifre grandioso" que ele estava colocando na cabeça dela.

Por algum motivo, alguns caras adoravam contar sobre os problemas conjugais em cima da cama — até mesmo durante a foda —, como se isso justificasse o fato de eles terem contratado uma acompanhante de luxo. No fim das contas, eu não oferecia só o sexo para eles, podia dizer que também dava uma espécie de apoio psicológico.

Serviço completo.

Se não fosse tão trágico, seria até engraçado.

Balancei a minha cabeça concordando com as suas palavras, enquanto fingia estar tão animada quanto ele para o nosso próximo encontro — ou

programa.

Como em todo bom negócio, uma boa parte da minha clientela precisava se sentir especial, eles precisavam se sentir diferentes do restante dos homens que eu atendia. E eu não media esforços para isso, fazendo-os pensar que eles não eram “um cliente qualquer”. Juliano mesmo devia pensar que ficaria colado na minha mente depois que o programa chegasse ao fim.

— Eu adoraria te ver mais… Enfim, você tem o meu número, Ju — sussurrei, tentando ajeitar o meu cabelo, que não estava cooperando muito. — E sabe muito bem onde me encontrar.

Quando eu consegui amenizar a droga do meu penteado, peguei a minha bolsinha de mão em cima da mesa de canto e caminhei em direção à porta.

Antes de cruzá-la, levei os meus olhos na direção do “Ju” e sorri. Mandei um beijinho com a mão direita e emendei em um tchauzinho, ainda com o sorriso colorindo os meus lábios vermelhos.

Felizmente, o meu “acompanhante” já havia ligado para a recepção e solicitado um táxi pra mim. Então, eu não precisei esperar muito tempo lá embaixo, o que era ótimo já que eu detestava ficar parada na recepção de hotéis. Os funcionários ficavam sempre me encarando, como se eu fosse uma espécie de E.T. ambulante.

Como eu já havia estado lá várias vezes — sempre com homens diferentes — eles sabiam bem o que eu era e não se limitavam em me julgar com os seus olhares fulminantes. Lá no fundo, eu sabia que o maior motivo pelo qual me detestavam — além de toda a hipocrisia e falso puritanismo, é claro — era porque eu faturava mais em uma noite do que eles receberiam em um mês inteiro trabalhando como escravos.

A pior parte dos compromissos surpresas era que, quando eles chegavam ao fim, eu precisava correr como uma louca para não me atrasar para o próximo.

Mas como Juliano era um dos mais antigos da minha lista, eu não queria decepcioná-lo e correr o risco de perdê-lo para a concorrência — que assim como em todas as outras “profissões” só estava aumentando.

Ao chegar no meu apartamento, a primeira coisa que eu fiz foi correr para o banheiro. Precisava desesperadamente me sentir limpa de novo, sem nenhum vestígio do homem que havia acabado de deixar naquele hotel.

Há muito tempo eu deixei de sentir nojo depois do “ato”, mas se dissesse que não me sentia desconfortável — pelo menos, até que a água levasse embora todas as evidências do crime — estaria mentindo.

Enquanto o líquido gelado caia sobre as minhas costas, pensava no que usaria para o evento em que eu, muito provavelmente, chegaria atrasada. Ainda que eu não pudesse escolher a cor do vestido — já que precisava ser obrigatoriamente um preto —, estava em dúvida entre dois modelos.

Não poderia nem reclamar dessa obrigatoriedade em relação à cor. Na maior parte dos eventos, as meninas — as modelos que recepcionariam os convidados — usavam roupas iguais e isso nos deixava parecidas com dançarinas de programa de TV, no pior sentido possível.

Abandonei o chuveiro e peguei o vestido de renda, deixando o com o decote em “V” de lado. Sequei-me rapidamente e o coloquei em meu corpo, sem conseguir desgrudar os olhos do relógio.

Eu não podia me atrasar, não depois da última vez que deixei Márcia na mão, faltando a um evento para o qual já tinha confirmado presença.

Calcei um sapato de salto e deixei o meu apartamento, entrando no primeiro táxi que apareceu.

Dentro do carro, fiquei mais aliviada, já que o meu atraso não seria tão grande assim. A festa começaria em meia hora — praticamente o tempo que demorariam arrumando o meu cabelo e maquiagem — e o taxista não levaria

mais de dez minutos para me deixar lá.

Por mais que eu detestasse esses eventos com todas as minhas forças, sabia muito bem que eles eram essenciais para que o meu faturamento continuasse alto. Ainda que eu fosse ficar em pé recepcionando os convidados a noite inteira — e não ganhando mais do que míseros trezentos reais por isso —, o evento funcionava como uma espécie de vitrine para os homens da alta classe. Mesmo tratando-se de um lançamento de uma marca de vinho, os engravatados — aqueles que já eram bem íntimos desse meio — aproveitavam para apreciar as modelos que os recepcionavam.

E quanto a essas garotas — onde eu me incluía —, elas aproveitavam a situação para colecionar contatos, ganhar clientela. Dessa forma, os míseros trezentos reais poderiam se tornar três mil depois de um programa bem sucedido.

Assim que desci do veículo, encontrei Márcia na porta me esperando — ou me impedindo de entrar, eu ainda não tinha certeza. E, pela expressão de seu rosto — que estava péssima, diga-se de passagem —, eu teria que ouvir muita merda calada.

— As meninas já estão praticamente prontas, Sabrina — começou ela, colocando-se à minha frente. — Agora você pode estar aí, toda badalada e ocupada, mas quando as coisas começarem a desandar… Porque, minha querida, elas sempre desandam… Aí vai ser a minha vez de estar ocupada pra você!

Fechei os meus olhos e respirei fundo, tentando não mandá-la para o inferno. E o simples fato de eu conseguir fazer isso era a comprovação de que ela estava certa em tudo o que havia acabado de me dizer.

— Eu sei que fiz merda… Eu sei — respondi, encarando os seus olhos castanhos, quase tão escuros quanto os meus. — E eu te garanto que não vai mais acontecer. O.K.?

Ela saiu da minha frente, deixando-me entrar no prédio e isso, da sua forma

estranha de demonstrar, significava que ela gostava de mim a ponto de relevar o que eu fiz. Tinha certeza que, se fosse qualquer outra garota, ela barraria a entrada, dispensando-a do trabalho e, consequentemente, de fazer parte de sua “vitrine de luxo”.

Diferente de todas as outras garotas ali, eu não era uma de suas modelos, não pertencia à sua agência — que era, obviamente, uma fachada para esconder a rede de prostituição. Ela não ganhava absolutamente nada com os programas que eu marcava fora do evento, mas, ainda assim, sempre permitiu que eu os frequentasse, mesmo sabendo que, no futuro, todos os executivos que me quisessem, procurariam diretamente na fonte.

Por mais que eu odiasse admitir, a desgraçada era uma espécie de amiga.

Depois que me arrumaram, deixando-me linda para recepcionar os convidados — e, provavelmente, futuros clientes —, juntei-me ao restante das meninas.

— Olha só quem decidiu aparecer… Sabrina Lancaster — comentou Wanessa, esbanjando veneno. Consegui sentir a ironia no momento em que ela pronunciou o meu nome de “guerra”. — Achei que você estava ocupada demais pra essas coisas.

Forcei um sorriso, adorando constatar o quanto a minha presença a afetava. Toda a inveja em seus olhos esverdeados estava tão evidente que qualquer um podia enxergá-la.

— E eu realmente estou, mas Márcia é minha amiga e eu não posso deixá-la na mão — respondi, voltando o meu olhar para o outro lado do salão, onde os modelos masculinos se posicionavam, recebendo instruções de como deveriam servir os convidados.

Abandonei a recalcada com as outras garotas e cruzei o salão, aproximando-me de Rick.

O loiro estava com uma expressão de tédio, mostrando-me que detestava tanto esses eventos idiotas quanto eu.

Diferente das modelos femininas que recepcionavam, os homens desempenhavam o papel de garçom, servindo os convidados. E, obviamente, caso um deles — tanto homens quanto mulheres — se interessassem por algo um pouco mais íntimo, os rapazes se ofereciam, assim como as garotas.

Mas Rick não era como a maior parte dos caras ao seu lado, ele só atendia homens. E, assim como eu, também não precisava mais frequentar esses eventos — sua lista de clientes era tão extensa quanto a minha —, mas sempre aparecia para maximizar ainda mais os lucros.

— Animado para a noite, bonitão? — brinquei, aparecendo de surpresa.

Ele me cumprimentou com um beijo no rosto e tornou a encarar o homem que continuava explicando a forma com que deveriam agir em frente aos convidados.

— Eu estaria se a gente, pelo menos, pudesse tomar esses vinhos — respondeu ele arrancando-me um sorriso. Ele fez uma careta como se estivesse prestes a morrer e continuou: — Eu tive que dizer não pra um dos meus clientes mais antigos pra estar nessa porcaria, pagando de garçonzinho.

Entendia exatamente o que ele estava dizendo.

Se não fosse o evento, ficaria bem mais do que duas horas com o Juliano. Mas como já havia faltado da última vez — deixando Márcia louca da vida —, optei por não abusar da minha sorte e comparecer.

— Mas pense pelo lado bom, vai que você conhece aquele bilionário hoje? — tornei a brincar, não deixando de rir. — Só não se esqueça de me chamar pra ser a sua madrinha de casamento.

Henrique era o meu melhor amigo. Começamos a participar dos eventos

juntos e a intimidade veio naturalmente. Chegamos até a dividir um apartamento por um tempo, antes das nossas listas crescerem e exigirem apartamentos separados para conseguirmos atender todo mundo.

Mas, diferente de mim — alguém com os dois pés cravados no chão —, o meu amigo acreditava em amor e em todas essas coisas românticas. Sempre o observava se apaixonando por clientes que nunca abandonariam as esposas para manter um relacionamento com ele.

Era sempre a mesma história, mas ele parecia nunca aprender.

— Eu já conheci o meu príncipe… — respondeu ele, interrompendo as próprias palavras para rir. Lancei um olhar de desaprovação em sua direção e ele entendeu bem. — Não me olhe assim, eu não sou tão idiota… Dessa vez, eu vou me contentar com as vezes em que ele me procura pra um programinha.

— Se você estiver cobrando dele, não tem problema aproveitar a foda — disse, lembrando-me que da última vez em que ele pensou ter encontrado o "príncipe encantado". O esperto deixou de cobrar do cara, o mesmo que o chutou assim que encontrou um acompanhante mais bonitinho. — E nada do Alex?

Alex era o infeliz do cliente dele que desapareceu. Lembro-me de precisar ir até o apartamento do meu amigo ajudá-lo a se recompor depois do "término" que eles tiveram.

— O filho da puta me ligou — revelou Rick, surpreendendo-me com a notícia. — Ele queria marcar uma hora, mas eu disse que estava com a minha agenda lotada… O que você sabe que não é totalmente mentira.

— Deveria ter marcado e cobrado muito caro desse safado — comentei, exemplificando exatamente o que eu faria em seu lugar. — É como eu te disse, você tem que aproveitar pra arrancar o máximo de grana que puder… Porque, em determinado momento, todos eles vão embora.

Quando notei que Márcia estava acenando pra mim, provavelmente me esperando para começar a fazer a mesma coisa que o homem a nossa frente fazia — explicando exatamente o que teríamos que fazer —, comecei a me afastar de Rick após combinar de vê-lo quando a noite estivesse terminando — isso, é claro, se um de nós dois não fosse convidado para um outro "programinha".

Caminhei até a mulher que clamava pela minha presença e, diferente do que pensei, ela não começou a falar, deixando claro o quanto nos arrependeríamos se destratássemos algum dos convidados.

Em vez disso, ela me puxou para um canto afastado e me encarou, analisando-me como uma mercadoria que ela costumava vender.

— Um dos convidados dessa noite é um grande amigo meu… — ela começou a dizer, deixando-me ciente de que se tratava de um programa. Com o *"um grande amigo meu"*, Márcia queria dizer que eu não devia decepcioná-lo. — Ele está apostando muito na minha agência e eu queria retribuir, mas nós duas sabemos que eu não tenho ninguém como você por lá.

Ela realmente não tinha.

A sua melhor modelo era Wanessa e isso já dizia muito.

— Vinte por cento — defini o tanto que ela ganharia por me arrumar o "trabalho". Como minha "chefe" ficou em silêncio, notei que ela não estava com muita vontade de negociar. — Tudo bem, fica com os seus trinta… Como de costume.

Márcia passou a mão direita sobre as suas madeixas vermelhas e sorriu.

— Dessa vez, eu não vou ficar com nada. — Somente isso foi o suficiente para me deixar muito, muito desconfiada. — Ele vai pagar diretamente pra você… E esse amigo costuma ser bem generoso.

Não consegui evitar um sorriso sarcástico.

— Você não vai cobrar nada por um serviço que intermediou? — questionei mostrando que não estava comprando aquela sua atitude benevolente. — Qual é a pegadinha, Márcia?

— Nenhuma, minha querida. Eu só quero que ele saia extremamente satisfeito, que tenha uma noite do cacete — respondeu ela ainda não me convencendo completamente. Ao notar toda a desconfiança expressa em meu rosto, ela resolveu abrir o jogo. — Ele é um cara um pouco complicado… Com métodos estranhos…

No mesmo instante, eu comecei a rir.

Sabia que tinha alguma coisa errada naquela história.

Aquela vadia, provavelmente, me colocou nas mãos de um maníaco.

— Mas eu não menti sobre a parte de ele ser generoso e de apostar muito na minha agência — continuou ela, deixando claro que eu não poderia dar pra trás. — Agora junte-se com as outras meninas e coloque um sorriso menos falso nesse seu rostinho.

E isso foi exatamente o que eu fiz.

Mas, infelizmente, não consegui deixar de pensar o quão louco esse cara devia ser para que Márcia mencionasse que ele tinha *“métodos estranhos”*. E, é claro, para que não cobrasse uma comissão em cima do programa.

Saíamos com diferentes tipos de homens todos os dias e cada um deles possuía a sua peculiaridade — coisas bem incomuns, por sinal —, convivíamos com caras considerados “estranhos” em praticamente todo o programa.

Sendo assim, pra que ela deixasse claro o quão estranho o sujeito era, eu não queria nem imaginar quais eram esses seus *“métodos”*.

Capítulo 02 — Recepção Calorosa

O trabalho de “recepcionista” não era nem um pouco complicado.

Tudo o que precisávamos fazer era sorrir e fingir gostar das investidas que recebíamos constantemente.

O lado ruim é que não tínhamos ideia se o cara era um zé-ninguém tentando se passar por alguém poderoso ou se realmente se tratava de um homem importante, que fedia a dinheiro. Dessa forma, por via das dúvidas, tratávamos todos com a mesma dedicação.

Mas era cansativo demais.

E a pior parte não era nem ficar em pé — sorrindo como uma idiota —, mas a sensação de estar competindo com as outras garotas. Wanessa mesmo, não podia ver um determinado homem falando comigo sem se atirar em cima dele no minuto em que se afastasse de mim.

De qualquer forma, eu não poderia sair com mais ninguém quando o expediente chegasse ao fim. Márcia já havia me prometido a alguém. Mas isso não me impedia de distribuir o meu número e tentar aumentar a minha freguesia.

Voltei o meu olhar para o lado e observei Rick servindo alguns convidados e isso fez com que eu percebesse que estava reclamando de barriga cheia. Sem dúvida alguma, a função dele era bem mais complicada do que a minha e também lhe dava menos visibilidade, já que os homens normalmente estavam mais interessados nas bebidas sobre a bandeja que ele carregava por todo o salão.

Não que o meu amigo não soubesse como chamar a atenção de quem ele queria — isso Rick sabia fazer, quase tão bem quanto eu.

O “garçom” fez uma careta — evidenciando o que eu já sabia: o quão chato era a sua função — e tornou a andar, levando as taças de champanhe para o restante dos convidados.

— É a sua vez de ficar lá na porta — avisou Camila tocando em meu ombro esquerdo. Eu me virei, encarando a sua expressão animada. — Hoje tá bombando, eu já entreguei o meu número pra sete caras…

— De que adianta? A Márcia vai ficar com uma porcentagem em cima de todos eles — comentei não entendendo o porquê de uma mulher com os atributos dela continuar naquela agência de fachada. — Você deveria sair debaixo da asa dela… Ia ganhar muito mais por conta própria.

Por mais que a mulher à minha frente não fosse exatamente uma amiga, eu sempre gostei dela. Diferente de Wanessa, Camila sabia que existia espaço para várias mulheres e que clientes não eram tão fiéis quanto diziam ser. No final das contas, todas nós poderíamos ganhar bem. Não existiam motivos para rivalidades nesse meio.

— É que você não precisa mentir pra sua família. No meu caso, todos eles pensam que eu sou uma modelo, que ganho meu dinheiro fazendo fotos e desfiles de moda. — Ela desviou o olhar e consegui sentir a vergonha em seu tom de voz. — Eles sentem orgulho de mim e… E eu não quero destruir isso, mesmo que me obrigue a pagar a porra dos trinta por cento pra Márcia.

Como o papinho começou a ficar meloso demais, balancei a cabeça mostrando que compreendia, apontei na direção da porta e me despedi.

— Acho melhor ir recepcionar os nossos queridos convidados — comentei forçando um sorriso. — Aproveite esse tempo longe da porta pra conhecer mais caras.

Depois do seu *“pode deixar”*, caminhei em direção à entrada pensando nas coisas que ela havia me dito — todo o lance envolvendo a família.

Eu não sabia o que era pior: precisar esconder do mundo o que realmente pagava as suas contas ou não ter ninguém pelo qual pudesse sentir vergonha. Talvez a primeira opção — a de Camila — realmente fosse a “menos pior”.

— Lá vem a que se acha a bucetuda, mas faz porta igual a todas nós aqui — começou Wanessa no instante em que me aproximei da porta, onde ela e mais duas modelos estavam posicionadas. — Não tá fácil pra ninguém, né?

Se eu rebatesse, passaríamos a noite inteira discutindo e eu não estava com vontade brigar com ela. Wanessa não valia o meu tempo.

— Já conseguiu alguma coisa pra mais tarde? — indagou uma das garotas encarando o meu rosto. Balancei a cabeça, confirmando. — Que inveja… Até agora, só entreguei o meu número.

Mesmo sem ninguém lhe perguntar nada, Wanessa começou a falar dos seus planos para o fim de noite.

— Tenho um compromisso com dois caras mais tarde, acho que vão pagar muito bem. Duvido alguém faturar mais do que eu essa noite.

Não consegui evitar a risada.

— Toma cuidado… Esses caras que pagam em dobro, te destroem na mesma proporção — comentei, dizendo por experiência própria.

Fazer programa com mais de um homem era algo que eu não gostava muito e só aceitava quando o dinheiro era bom o suficiente para compensar o “estrago”.

— Eu nunca mais caio nessa de que um deles vai ficar só assistindo — continuei, odiando-me por já ter sido passada para trás com esse papinho idiota.

— Eu já caí nisso — revelou uma também rindo da situação. — Você termina a noite um caco… Exatamente como a Sabrina disse, destruída.

— Isso é só com vocês… E ouvindo falarem assim, nem parece que são putas — rebateu Wanessa com uma expressão de superioridade estampada na face. — Se eu tiver que levar as duas juntas, eu aguento. E, no final do dia, é só lavar que fica nova… O que realmente importa é a grana que também vem dobrada.

Eu me limitei a sorrir e *"desejar boa"* sorte para a minha colega mentalmente. Tinha certeza de que, quando a noite chegasse ao fim, ela precisaria muito disso — por mais que não admitisse, bancando a "profissional".

Depois de sorrir muito enquanto desejava *"boa noite"* para as pessoas que entravam no prédio, eu ganhei uma folga da porta e pude passear um pouco pelo salão. Conversei com os homens que já conhecia — pelo menos, com aqueles que não estavam acompanhados de suas esposas, fingindo-se de santos — e deixei o meu contato com os novos que mostravam interesse em mim.

Visualizei o meu amigo do outro lado do salão. Como ele parecia desocupado, pensei em aproveitar esse tempo para conversar, já que, quando o evento chegasse ao fim eu teria que me encontrar com o "grande amigo" de Márcia.

No entanto, no instante em que me virei para começar a andar, esbarrei em um cara, derrubando a taça de champanhe que ele segurava em cima de seu terno caro.

A primeira coisa que eu pensei foi um *"ainda bem que não foi no meu vestido"*. Mas, logo em seguida, eu me dei conta do quanto teria que ouvir de Márcia pelo desastre com o convidado, então o *"merda, merda, merda"* veio bem rapidamente.

— Ai, meu Deus… Eu sinto muito! — apressei-me em dizer, encarando o tecido todo molhado pela bebida. No mesmo instante, um dos "garçons" se aproximou, trazendo alguns guardanapos de papel. Eu peguei um e tentei ajudar

o cara a se limpar, mas só consegui espalhar mais a mancha. — Eu… eu…

Ele se afastou, aparentemente, bem estressado.

— Não… não precisa… — respondeu ele, recusando a minha ajuda de forma bem grosseira. — Você já fez demais!

Tudo o que eu mais queria era sair correndo dali, mas isso seria ainda mais deselegante. E ainda corria o risco de Márcia me cortar de seus próximos eventos. Nós duas já não estávamos tão bem, não conseguia nem imaginar o que ela faria quando soubesse que dei um banho de champanhe em um de seus estimados convidados.

Só torcia para que ele não fosse um dos "grandões".

Um homem moreno aproximou-se de onde nós estávamos. Ao ver o cara sujo, tentando desesperadamente se livrar dos vestígios da bebida derramada, ele começou a rir, tornando tudo ainda mais constrangedor.

— Deram um banho em você, Fernando? — comentou a voz que soou de forma estranhamente familiar. — Pense pelo lado positivo, agora você terá uma desculpa boa por chegar em casa fedendo álcool.

Voltei o meu olhar em direção ao homem moreno, tentando me lembrar de onde eu o conhecia. Seus cabelos castanhos, a barba por fazer e os lábios grossos eram tão familiares quanto a sua voz. Mas, ainda assim, não consegui identificá-lo.

Ele aproximou-se de mim e fitou o meu rosto, analisando-me também.

Ao notar o quanto eu estava sem jeito com a situação desagradável, o homem sorriu e sussurrou: — Não precisa se preocupar, ele não vai reportar isso.

O cara que levou o banho de champanhe não parecia concordar muito. A sua expressão carrancuda gritava um "*pode ter certeza que eu vou reclamar, sua incompetente*".

Forcei um sorriso e me desculpei mais uma vez pelo incidente, antes de me preparar para caminhar o mais longe possível deles.

No entanto, eu acabei sendo impedida de fazer isso.

Quando eu me virei, visualizei o rosto do homem da voz familiar de outro ângulo. E ao observá-lo de perfil, analisando os fios de sua barba e o formato do seu nariz e boca, eu finalmente consegui reconhecê-lo.

E, nesse instante — a procura de uma confirmação —, eu busquei pelos seus olhos esverdeados — os olhos que eu nunca fui capaz de esquecer. Essas claras lanternas contaram-me a história que compartilhávamos, elas levaram-me de volta à noite que passamos naquele hotel. No dia em que tudo o que fizemos foi deitar-nos sobre a cama e encarar um ao outro — de perfil — em um silêncio ensurdecedor.

O homem parado bem à minha frente era o meu primeiro cliente.

Capítulo 03 — Fim de Noite

Ele estava ainda mais lindo do que eu me lembrava.

Aquelas suas lanternas esmeraldas emanavam o mesmo brilho que me cativou na noite em que nos conhecemos. Vê-lo à minha frente fez com que eu tornasse a me lembrar das rápidas horas que estivemos juntos.

Ainda que o nosso tempo tivesse sido curto, conseguia recordar da forma com que o sorriso costumava brotar em seus lábios, recordava-me do som de sua respiração e da forma que ele encarava o teto espelhado do hotel, tentando fugir dos problemas que o esperavam fora daquele quarto.

E o simples fato de me lembrar dele tornava tudo ainda mais estranho e incomum.

No meu trabalho, na maior parte os meus clientes não eram nada memoráveis e, quando isso acontecia — o suficiente para que eu me lembrasse de um específico por bastante tempo —, definitivamente, não costumava ser por algo bom.

Nossa memória tende a marcar ocasiões ruins, gravando-as por cima das boas. Um impacto negativo, infelizmente, tem sempre um peso bem maior do que um positivo.

Os caras que fodiam bem, por exemplo, eu costumava esquecer já na manhã seguinte. No entanto, um homem que adorava ser penetrado por mim usando uma cinta com um pênis de borracha colado, eu me lembrava por mais tempo. Esse era o tipo de coisa que sempre voltava à tona, seja numa de minhas conversas com Rick — relembrando as situações mais humilhantes na qual fomos submetidos. Ele sempre me ganhava nesse quesito — ou em uma conversa com as meninas, enquanto recepcionávamos os convidados em um

evento qualquer.

Mas o homem à minha frente não se encaixava em nenhum desses dois casos e, ainda assim, eu nunca havia sido capaz de esquecê-lo — lembrava-me até mesmo de pequenos detalhes do nosso encontro. Talvez isso se devesse ao fato de ele ter sido o meu primeiro cliente ou, simplesmente, porque ele não me obrigou a fazer nada naquele dia — com exceção da companhia.

Eu nunca fui uma mulher que costumasse fugir, mas, poucos instantes depois que eu o reconheci, apressei os meus passos, afastando-me o máximo que eu pude daquele homem.

E, só então, notei que estava sentindo aquilo que Camila evitava ter que sentir quando sua família descobrisse que ela não pagava as contas sendo uma modelo. Senti o meu rosto queimar e a vergonha me consumiu de uma forma que não costumava acontecer com frequência. Tudo isso por causa de um cara que eu nem mesmo sabia o nome.

Mesmo que eu ainda tivesse mais um tempo livre, tornei a me colocar em frente à porta e deixei uma das modelos aproveitar um pouco mais de tempo socializando no salão. Fiquei ali, sorrindo e dizendo *"boa noite"* pelo restante da noite, que era bem melhor do que correr o risco de ser reconhecida por aquele homem.

***

Quando a festa finalmente chegou ao fim, eu estava acabada, morrendo de dor nos pés.

Mas não pude comemorar o "fim de noite", pois ainda tinha o cliente de Márcia — o cara com "métodos estranhos" — que eu teria que agradar.

Pelo pouco que conhecia da mulher que fez a intermediação, devia se tratar de um homem na casa dos cinquenta anos, completamente insatisfeito com o

próprio casamento, do tipo que depois de fazer todas as suas bizarrices, se deitaria ao meu lado e começaria a se lamentar, reclamando da mulher e dos filhos — assim como acontecia com o Juliano.

Então eu sorriria e tentaria consolá-lo, dizendo que as pessoas não conseguiam enxergar o homem poderoso e forte que ele era. Diria mais coisas que levantariam a sua autoestima e, no final da noite — e, consequentemente, do programa —, o cara estaria tão satisfeito que guardaria o meu cartão em sua carteira só para se certificar de que não fosse perdê-lo.

Não demorou muito para que Márcia me abordasse, para se certificar de que eu não havia me esquecido ou desistido do compromisso que marcamos mais cedo.

— Eu não comentei antes, mas esse meu amigo gosta das mais inocentes — acrescentou ela, tornando impossível evitar a minha risada debochada.

Em meio a minha crise de risos, respondi: — Deixa eu ver se entendi bem… Esse cara quer contratar uma puta, mas quer que ela se pareça com uma menina inocente?

Não tinha sentido nenhum.

Se você paga por uma garota de programa, espera se beneficiar com toda a experiência dela, com as coisas que as mulheres comuns não fazem por medo ou pudor. Sem contar que pelo fato de eu ser uma acompanhante de luxo já acaba com toda a fantasia de “inocente”.

— É só se fazer de boba e ingênua, criatura — completou Márcia, não se aguentando e rindo também. — Se tem alguém que pode colocar esse cara na palma da mão, é você, Sabrina.

Balancei a cabeça, concordando.

— Tem um táxi te esperando — ela completou, deixando-me confusa, já

que ainda havia pessoas no salão. Márcia odiava que fôssemos embora antes do último convidado deixar o local. — Você já está dispensada… Pode ir!

Com o seu aval, peguei a minha bolsa nos fundos e deixei o prédio, seguindo em direção ao carro, já imaginando quem era o homem que me esperava e com sérias dúvidas se conseguiria agradá-lo tão bem quanto Márcia achava que eu poderia. Ainda que eu confiasse na qualidade do meu serviço, pela forma com que ela comentou, o cara parecia ser extremamente exigente, aquele típico cliente chato que tem em todo tipo de trabalho.

O motorista estacionou em frente a um dos hotéis mais luxuosos da cidade. Cinco estrelas era muito pouco para descrever o "*Star Palace Hotel*".

Já havia tido o prazer de conhecer o lugar, alguns clientes — bem poucos, eu devo admitir — haviam me levado para passar uma noite ali. Os homens mais poderosos não gostavam de repetir muito o hotel, criando uma espécie de frequência. Na maior parte das vezes, nos encontrávamos em um local privado, tornando impossível para as suas mulheres — e mídia, no caso dos famosos — descobrirem a respeito das puladas de cerca.

E os que não eram tão poderosos assim — e não se importavam com flagras —, optavam por me encontrar em meu apartamento mesmo. O lugar era tão luxuoso quanto um bom quarto de hotel — ainda que não se comparasse às suítes de lugares como o *Star Palace* — e ainda tinha a vantagem de o valor já estar incluso.

Desci do carro e me dirigi à recepção.

Quando se tratava de grandes empresários, nós nunca sabíamos os seus nomes antes do encontro. Éramos apenas informadas que deveríamos nos apresentar na recepção do hotel e, então, um deles nos encaminharia para o quarto em que os "engravatados" estavam.

E foi exatamente o que aconteceu.

Disse que me chamava Sabrina Lancaster e um dos funcionários me acompanhou até a suíte presidencial — o que, obviamente, me deixou bem surpresa.

Márcia não mentiu quando me disse que esse cliente poderia ser bem generoso. E somente essa informação conseguiu me deixar mais animada. Ainda que ele, provavelmente, fosse um maníaco — que me obrigaria fazer coisas estranhas —, eu receberia muito bem por isso.

No final das contas, isso era tudo o que importava. Infelizmente, tinha que concordar com Wanessa nessa parte. A grana sempre compensava o sacrifício, isso deveria ser um lema a ser seguido. E se eu não aceitasse isso, era melhor deixar de ser uma garota de programa.

O funcionário me disse que o "senhor Marinho" deixou avisado que se atrasaria um pouco e que eu devia esperá-lo no quarto e aproveitar o tempo para me preparar. O homem ficou extremamente constrangido ao dizer o *"e ele também disse que você deve se preparar"* e isso me divertiu.

Entrei no luxuoso quarto e me maravilhei com a vista sensacional. Uma enorme vidraça iluminava todo o ambiente. Eu era capaz de ver os principais prédios da cidade e praticamente tudo abaixo dali de cima. Era de tirar o fôlego, assim como os móveis e a decoração.

Sentei-me na cama e esperei pelo tal do amigo da Márcia. Esperei tanto que cheguei a ficar com sono e, por pouco, não adormeci em cima daquela cama confortável.

Bateram à porta e isso fez com que eu acordasse de vez e fosse até lá para atender. Como não tinha muita lógica o dono do quarto anunciar a chegada através de batidas, sabia que não se tratava do cara. E ao abri-la confirmei isso vendo um dos funcionários com um carrinho de serviço de quarto.

Ele deixou um balde com gelo e champanhe e saiu.

Isso foi o suficiente para que eu soubesse que o meu cliente já estava a caminho. Então, como já não estava mais tão bem quanto no momento em que cheguei ao hotel, fui para o banheiro retocar a maquiagem e disfarçar a expressão cansada que carregava em meu rosto.

Enquanto encarava o meu reflexo no espelho, escutei um barulho de porta batendo e isso fez com que eu soubesse que o maníaco já havia chegado. Voltei a minha atenção para o espelho e sorri, respirando fundo e mentalizando *"você dá conta disso; você é Sabrina Lancaster, garota!"*.

O simples fato de estar em um quatro de hotel tão luxuoso já era a confirmação de que realmente precisava conquistar aquele cara, deixá-lo na palma das minhas mãos — como a dona da agência havia destacado —, independentemente de seus "métodos estranhos".

Optei por tirar parte da minha roupa no banheiro mesmo, retornar só de lingerie, pois queria que a primeira impressão que ele tivesse de mim fosse inesquecível.

Deixei o banheiro e voltei o meu olhar em direção à porta do quarto, buscando por ele. Como ele não estava ali e nem perto da cama, eu redirecionei a minha atenção para o outro lado do ambiente.

Encontrei-o parado de costas em frente à vidraça.

Ele era bem alto e completamente diferente do que eu imaginei — muito longe dos sessenta anos. Caminhei bem lentamente, como se estivesse desfilando em uma passarela. Infelizmente, ele não se virou para me encarar, tornando o meu esforço para ser sexy enquanto andava em sua direção totalmente inútil.

Toquei em seu ombro e, só então, ele permitiu que eu encarasse a sua face.

E foi chocante.

A forma com que as suas lanternas esmeraldas me fuzilaram, fizeram com

que eu caísse para trás, desabando do salto. Se ele não me agarrasse a tempo, estaria estirada sobre o chão do quarto, tornando a cena ainda pior. Mas eu não era a única pessoa grogue. Pela forma com que a sua testa se franziu, ele estava tão surpreso quanto eu com a infeliz coincidência.

O “senhor Marinho” era ninguém menos que o meu primeiro cliente, basicamente o cara de quem fugi mais cedo, em um dos eventos de Márcia.

Capítulo 04 — Senhor Marinho

Em frente a ele, eu tornei a me sentir a garota de dezessete anos que acabara de ser expulsa de casa. Com aqueles olhos me fuzilando, toda a insegurança e medo — coisas que eu tanto me esforcei para deixar para trás — ressurgiram das sombras, dominando tudo outra vez.

E exatamente como quando entrei em seu carro, instantes após eu ser abordada naquela avenida mal iluminada, as minhas palavras se dissiparam e o silêncio tomou conta do ambiente. Tudo o que eu conseguia pensar era em fugir novamente, buscar por qualquer outro lugar onde eu não estivesse na mira de suas esferas esmeraldas intimidantes.

— Você é uma das garotas da Márcia, não é? — questionou ele, quebrando todo o silêncio.

Eu, definitivamente, não era uma das *"garotas da Márcia"* — e esse era, provavelmente, o principal motivo pelo qual ela me indicou para o serviço.

Mas Marinho não me deu tempo para responder.

— Regina… Esse é o seu nome, certo?

Balancei a cabeça negando e isso me tirou de todo aquele estado horrível, devolvendo-me a capacidade de falar.

— Não… Para as duas perguntas — respondi e levei o meu olhar até o seu rosto quadrado. — Eu não sou uma das… — Fiz aspas com os dedos e me esforcei para não revirar os meus olhos ao dizer — "Garotas da Márcia"… E o meu nome não é Regina, é Sabrina!

Ele sorriu e notei traços de surpresa em sua expressão — algo que se mesclava muito bem com o desconforto. Era como se o cara a minha frente não

estivesse acostumado a ser questionado, nem mesmo quando estava errado.

Eu também não o questionaria — homens como ele nunca gostavam de ter uma mulher batendo de frente —, mas, devido à noite que compartilhamos no passado, eu estava agindo como se o conhecesse. No entanto, diferente de mim, ele não me reconheceu, enxergava-me apenas como a garota de programa que estava encarregada de servi-lo.

E isso facilitava muito as coisas.

Se ele não se lembrava de mim, eu não tinha motivos para me envergonhar.

Desde que eu iniciei nessa vida um tanto incomum, nunca me envergonhei das coisas que precisava fazer para me sustentar. O primeiro programa — pelo menos, aquele em que o cliente realmente exigiu o sexo — foi desconfortável. Mas, ainda sim, não foi um sentimento de vergonha que senti ao me entregar daquela forma.

Mas, por algum motivo — sem nenhuma explicação —, eu tinha essa sensação ao encarar os olhos do homem a minha frente. Eu me importava com o que ele poderia achar daquela garota que conheceu se soubesse que ela continuou a trilhar aquele mesmo caminho.

Felizmente, esse problema já estava resolvido, pois se dependesse de mim, ele nunca saberia de nada.

Depois de me encarar com aqueles faróis claros — analisando bem a mercadoria que estava adquirindo —, Marinho caminhou em direção à porta, aproximando-se do carrinho do serviço de quarto que fora deixado ali por um dos funcionários minutos antes dele entrar.

— Márcia não me enganou dessa vez… Você realmente é gostosa. — Ele tirou a garrafa de champanhe do balde com gelo e tornou a olhar para a paisagem urbana e, consequentemente, para mim. — Por que você não tira a roupa e me deixa apreciar ainda mais essa vista?

Quando os seus lábios se esticaram em um sorriso sacana, transbordando desejo, eu não consegui mais reconhecer o rapaz que estava prestes a casar, o mesmo que se deitou naquela cama ao meu lado e se limitou a olhar para cima, buscando por uma resposta que ninguém poderia oferecer.

Com exceção da aparência — que também sofreu consideráveis mudanças —, ele estava irreconhecível.

Ou talvez essa fosse a sua verdadeira face, com traços maliciosos que a garota de dezessete anos da época não foi capaz de reconhecer.

Retribuí o sorriso e dei início ao meu expediente de trabalho.

Com bastante calma — em um verdadeiro *jogo de sedução* —, livrei-me do meu vestido preto. Enquanto eu me despia lentamente, sentia os seus olhos esfomeados me engolirem. Marinho chegava a se engasgar com todo o desejo que o consumia.

E eu, como uma boa provocadora, deixei com que ele apreciasse a minha lingerie vermelha — uma que vesti especialmente para o caso de encontrar um possível cliente no evento.

Após enlouquecê-lo com o meu joguinho, tirei a parte de cima, dando-lhe uma visão completa dos meus seios fartos — um presente que ganhei de um antigo cliente.

Como ele já estava completamente fisgado, eu não demorei muito para tirar a última peça de roupa que cobria o meu corpo, ficando totalmente nua. Continuei em frente a ele e o simples fato de ter a vidraça — que era praticamente uma parede transparente — atrás de mim, tornava tudo ainda mais excitante.

Estranhamente, eu não estava ansiosa para finalizar o serviço e usar uma cama só para dormir.

Não dessa vez.

E, definitivamente, não com ele.

Era como se eu estivesse devendo-lhe o sexo de cinco anos atrás. E a parte mais louca — e completamente sem noção, vindo de uma garota de programa — era o fato de eu querer pagar. Desejava essa foda tanto quanto ele, que seria — de forma bem literal — cobrado por isso.

Então, eu me lembrei das coisas que Márcia havia me dito; algo sobre ele gostar de meninas inocentes, que não se parecessem com profissionais experientes. E, no mesmo instante, escondi a maior parte do meu busto com o braço esquerdo, dando-lhe a impressão de que eu estava envergonhada. Levei a minha mão direita até a minha vagina, cobrindo-a também.

Depois de encher uma das taças com o champanhe importado, ele sentou-se sobre a cama e continuou a me encarar. Isso acabou atraindo o meu olhar — que estava voltado para o chão, completando a minha atuação de “menina inocente”.

Ele se levantou e gesticulou com a mão para que eu me aproximasse.

E foi isso o que eu fiz, caminhei em sua direção sem expor completamente as minhas partes intimas — o que pareceu agradá-lo bastante.

— Não vai me oferecer uma taça de champanhe? — questionei ao parar a poucos centímetros de seu corpo.

Depois das palavras já terem deixado a minha boca, eu me arrependi. Certamente, uma “menina inocente” não pediria por bebida. Mas então, lembrei-me daquilo que havia dito a Márcia. Se ele quisesse mesmo uma menina tão inocente, não teria contratado uma prostituta.

O moreno balançou a cabeça negando.

— O que você acha da gente dividir essa aqui?

Marinho me passou a taça e, consequentemente, a mão que cobria o meu sexo deixou de escondê-lo. E antes mesmo que eu conseguisse segurá-la, já podia sentir os seus dedos massageando a minha fenda.

— É bem lisinha… — observou o meu primeiro cliente, deixando-me em dúvida se ele estava interagindo comigo ou se estava apenas pensando alto ao me tocar daquela forma. — Do jeitinho que eu gosto.

Ele deu alguns passos para trás, sentando-se em cima da cama novamente. Obriguei-me a acompanhá-lo, parando em pé a sua frente e assim como havia acontecido antes de pegar a taça de champanhe, mantive a atuação fajuta, cobrindo o meu sexo com a mão esquerda e com a direita — que segurava a taça de cristal — os meus seios.

Limitamo-nos a olhares — que diziam mais coisas do que as nossas bocas poderiam fazer em um período tão curto de tempo. Em meio ao silêncio, as confissões aterrissavam e dominavam todo o território.

Ele não conseguia esconder o quanto me queria e eu — a pessoa que deveria ser uma "profissional do sexo" — parecia uma adolescente prestes a trepar com o gostosão da escola.

Sem nenhum aviso prévio, ele — o gostosão metido a *badboy* — me puxou com força, colocando-me em cima de seu colo. Os seus movimentos foram tão bruscos que acabei derrubando metade do líquido da taça em cima de seu terno caro.

Coisas assim aconteciam o tempo todo, parte disso porque eu era desastrada — e também porque o meu trabalho, que envolvia cama, sexo e bebida dava margem para todas essas trapalhadas. E sempre que uma bebida era derrubada, eu tinha que ouvir reclamações, coisas que cortavam completamente o clima.

"Porra… O que a minha mulher vai pensar?" gritavam a maioria.

Também existiam aqueles que pensavam que acompanhantes de luxo não

entendiam de preço, dizendo coisas do tipo *“Você sabe o valor dessa droga?”*.

A maior parte deles, envolvidos pelo tesão, acabavam se recompondo em alguns minutos. Mas o fato é que eles se importavam com a porcaria de um terno como se não possuíssem centenas de outros parecidos.

E isso sempre fazia com que eu me lembrasse de uma frase que Rick havia me dito.

“E é exatamente por esse motivo que eles são ricos, meu amor… Porque valorizam cada centavinho que possuem”.

Mas diferente dos meus outros clientes, Maninho não pareceu ligar. O homem que ainda me segurava em seu colo, nem mesmo se mexeu, tentando tirar o líquido do tecido.

— Já é a segunda vez que você derruba bebida em cima de outra pessoa, Sabrina… — comentou, rindo de forma descontraída e mostrando-me que havia se lembrado de mim, do momento em que acabei esbarrando em seu amigo durante o evento de Márcia. — Eu acho que já passou da hora de alguém se vingar e te deixar molhada.

O duplo sentido em sua voz fez com que eu quisesse muito responder, dizendo que realmente estava ansiosa pelo momento em que ele me deixaria encharcada. Mas acabei interrompendo a mim mesma, porque essa frase seria, no mínimo, incoerente com a minha atuação de ingênua.

Marinho encarava o meu rosto como um predador analisa a presa antes do abate. Naquele instante, ele era um tubarão faminto e eu um pobre peixinho prestes a ser destroçada por aqueles dentes gigantescos.

Eu conseguia sentir toda a sua imponência, ela me hipnotizava, deixando-me paralisada — na posição perfeita para ser atacada por ele. O seu olhar me queimava e o silêncio permitia com que eu ouvisse a minha própria respiração.

Não resisti e fiz um pouco de charme, bebendo um pequeno gole do champanhe. Fiz isso da forma mais sexy que eu consegui, bebericando aos poucos e sem tirar o meu olhar de seu rosto — mesmo correndo o risco de ser dilacerada por ele. Queria muito que Marinho imaginasse outra coisa em minha boca e que o membro em sua calça endurecesse tanto ao ponto de ficar visível.

Por mais que ele não se tratasse de um cliente comum — "comum", definitivamente, não era uma palavra para defini-lo —, eu não conseguia evitar usar todas as coisas que fazia com os outros caras.

Depois de um tempo, os programas tornavam-se tão automáticos quanto qualquer outro emprego.

A primeira coisa que eu sempre fazia era checar o estado do homem com quem eu teria que me deitar. Se ele estivesse cheirando a bebida ou muito suado, eu me aproximaria da forma mais amável — e sexy — possível e o convenceria a tomar um banho, deixando claro que no instante em que ele saísse do banheiro, eu estaria pronta para a nossa brincadeirinha.

Era melhor esperá-los de quatro em cima de uma cama do que ter os seus corpos sujos sobrepondo o meu.

Como esse não parecia ser o caso de Marinho, eu pulei direto para a próxima etapa, que era, basicamente, identificar os fetiches e preferências.

Essa era a parte mais complicada do meu trabalho, já que certas coisas nós nunca identificávamos somente com uma boa análise. Quando outras garotas — ou, como nesse caso, a própria Márcia — não comentavam, precisávamos fazê-los falar ou expressar isso de uma forma com que compreendêssemos. Essa era a única maneira de garantir um "atendimento de qualidade", bom o suficiente para garanti-los em nossa listinha de clientes frequentes.

No tempo em que fiquei no quarto, notei que o homem parado a centímetros do meu corpo gostava muito de controle — daquele tipo de cara que

realmente era possessivo. Isso ficou muito claro no instante em que ele foi para o fundo do quarto pegar a taça de champanhe, ficou evidente na forma com que ele me encarou nua em frente a vidraça. Marinho me observou com a expressão de quem apreciava algo que havia acabado de comprar. Naquele instante, eu não era uma pessoa ou — como para a maior parte dos homens que eu atendia me enxergava — alguém capaz de realizar os seus desejos mais insanos. Eu era apenas um de seus novos brinquedinhos.

A forma com que ele me negou uma taça de champanhe, dizendo que podíamos dividir a dele, foi apenas mais uma das várias pistas. Nesse caso específico, Marinho, basicamente, controlava onde, como e quando eu bebia.

Ele queria me ter sobre o seu completo controle.

Márcia me ajudou muito com a frase “menina inocente”. E agora, ao evidenciar todas as pistas que ele foi deixando pelo caminho, sabia que “submissa” se encaixava melhor. Todos esses detalhes fizeram com que eu tivesse uma boa ideia de quais eram os *“métodos estranhos”* que ele possuía.

Após identificar as preferências do cliente, eu iniciava o serviço, visando o determinado fetiche. Nesse caso, deixei com que ele conduzisse tudo. Limitava-me a continuar pelada em seu colo, encarando-o como uma garotinha assustada e inocente — uma vitima de seus crimes terríveis.

Nesse trabalho, nós não julgávamos fetiches.

Obviamente, cada garota de programa tinha um determinado limite — coisas que podia até pensar em praticar e outras que estavam fora de questão —, mas não existia julgamento — pelo menos, não na frente do cliente.

Novamente de surpresa, ele me puxou. Dessa vez, deitando-me sobre a cama e sobrepondo o meu corpo com o seu. Nossos rostos ficaram praticamente colados, mas ele não me beijou — o que não era nada incomum em meu trabalho.

Por algum motivo, certos homens consideravam beijo como sendo “pessoal demais” — como se enfiar o pinto deles em minha boceta não fosse. Na maior parte das vezes, eu até gostava quando esse contato não ocorria — muitos bebiam e fumavam demais, o que acabava me deixando um pouco receosa.

Mas, dessa vez — com esse cara —, eu queria muito um beijo.

Em uma ocasião normal, eu ergueria o meu rosto e tomaria a iniciativa. Se o homem fosse mesmo desses que não gostam de beijos, isso nos renderia uma boa risada no instante em que eu questionasse *“então você quer me foder sem beijar primeiro, seu safado?”*. No entanto, como o fetiche de Marinho era a dominação, não quis passar por cima disso — ainda que eu estivesse morrendo de vontade de sentir os seus lábios grossos nos meus.

Sua mão acariciou o meu rosto. Em seguida, o seu toque se intensificou, os seus dedos começaram a me apertar, como se ele quisesse agarrar a minha face. Depois de segurar os meus lábios — aproveitei esse momento para dar uma lambidinha em um de seus dedos —, suas mãos desceram até o meu pescoço, que ele agarrou em uma nova exibição de poder.

O cara tinha mesmo uma boa pegada — quase que literalmente.

O “senhor Marinho” exalava poder.

Mesmo que a sua mão não estivesse envolvendo o meu pescoço — no instante em que o membro duro dele encostava em minha coxa —, eu seria capaz de reconhecer isso, qualquer uma em meu lugar seria.

Nunca fui o tipo de mulher que sentia prazer sendo dominada. Não curtia muito apanhar e se um dia praticasse algo parecido, gostaria de bater. O pouco que eu fazia — coisas bem básicas — era para agradar alguns clientes — que se dividiam entre os que gostavam de dominar e aqueles que queriam ser dominados.

Mas se eu dissesse que não estava gostando do que acontecia em cima

daquela cama, estaria mentindo.

Eu gostei de sentir o peso de sua mão sobre o meu pescoço, como se ele pudesse me partir ao meio sem se esforçar. Eu gostei de sentir toda a sua força e virilidade, enquanto o seu corpo continuava sobrepondo o meu. Eu gostei de vê-lo tomando todo o poder de mim, dominando-me completamente.

— A sua atuação de inocente até que não é tão ruim… Bem melhor do que as das outras meninas que a Márcia me enviou… — sussurrou ele, arrepiando-me toda. A sua voz grave soou de forma tão sexy que precisei me controlar para não tomar a frente e acelerar um pouco as coisas. — Mas eu reconheço uma vagabunda quando encontro… E você, Sabrina, é uma puta bem safada.

Sua mão esquerda correu em direção a minha boceta, tocando-a de surpresa. Como a direita ainda pressionava a minha garganta, não consegui evitar aquela invasão — algo que eu não faria nem se pudesse. Os dedos de Marinho brincaram com os lábios da minha xoxota e, não se limitando a essa parte, mergulharam dentro dela.

A parte mais gostosa era a expressão safada em seu rosto, que estava coberto de uma malícia que me tirava do sério, fazendo-me questionar os pensamentos pervertidos que povoavam sua mente.

Segundos depois, as suas garras começaram a vibrar dentro de mim, fazendo-me ver estrelas naquele caro quarto de hotel. Os seus movimentos eram tão rápidos que eu não fui capaz de processar todo o prazer que me invadia. Conseguia apenas sentir toda a pressão e barulho causado pelo badboy, que tentava arrebentar a minha boceta.

Mas a sensação era boa — dolorosamente boa. A intensidade machucava, mas eu não conseguia deixar de desejar cada vez mais, queria ser destruída e se isso não era completamente masoquista, eu não tinha ideia do que era esse sentimento.

Por mais que a minha mão tentasse impedi-lo de continuar a dedar a minha fenda, eu queria que ele prosseguisse com os movimentos. As minhas mãos agiam por instinto, queriam me proteger daqueles dedos grandes e imponentes. Mas a minha mente já estava contaminada por ele — Marinho tinha me infectado —, fazendo-me desejar cada vez mais.

Seu rosto desceu e, então, ele se afogou em meu busto. Literalmente enfiou a cabeça em meus seios. Seus lábios envolveram-nos de forma afobada e insaciável. Ele estava esfomeado — e prestes a me devorar toda.

Ainda que a minha vontade fosse de levantar, jogá-lo sobre a cama e chupar o caralho duro guardado naquela calça social, tinha que continuar mantendo a fantasia — por mais que ele já tivesse me chamado de *"puta safada"*. E para isso, infelizmente, precisava agir de forma submissa — o que me impedia de chupar o pau dele até cansar.

Ele não estava agindo como os outros caras.

E isso era muito estranho.

Desde que comecei a fazer programas, os homens com quem me relacionei — pelo menos, a maior parte deles — agiam de formas bem parecidas.

Ainda que cada um tivesse um fetiche e manias específicas, todos eles buscavam por uma mesma coisa: satisfação própria.

Todos eles buscavam por prazer. E esse sentimento era tão grande — e provavelmente reprimido há muito tempo —, que enquanto transávamos, eles só conseguiam pensar em si mesmos, em satisfazer as suas necessidades mais básicas. Ninguém me chupava por muito tempo, ninguém me acariciava por muito tempo e, principalmente, ninguém me fazia gozar.

Os orgasmos eram todos falsos e só existiam para que eles se sentissem completamente satisfeitos — não afetando as suas masculinidades frágeis —, contando aos amigos sobre o momento em que fizeram a "puta" gritar.

Eles tiravam o cacete pra fora, agarravam o meu cabelo — ou me esperavam tomar a iniciativa — e o sexo oral tinha início. Depois disso, não demorava muito para que me virassem e consumassem o ato. Independente do buraco que escolhiam, terminavam bem rápido. No máximo dez minutos e já estávamos deitados sobre a cama, encarando um ao outro.

E não tinha nada de errado nisso, afinal, eles estavam me pagando para fazê-los gozar e não para que me fizessem chegar ao êxtase.

Sendo assim, o simples fato de ter um cara com a mão dentro da minha vagina, deixando-me extremamente molhada, me causava um estranhamente enorme — e, consequentemente, muito prazer.

Quando pensei que as coisas não poderiam ficar ainda melhores, ele abandonou os meus seios e seguiu em direção ao meu sexo, que continuava sendo maltratado por sua mão pesada. Marinho não parou de me dedar nem mesmo quando começou a me chupar, ele conseguia conciliar muito bem as duas coisas.

Eu conseguia sentir a textura de sua língua e principalmente o contraste com a sua barba, que roçava sempre que a linguona afundava em mim, invadindo-me como se ele quisesse foder a minha boceta só com ela.

No momento em que as suas dedadas se intensificaram, eu não aguentei e acabei fechando as pernas, o que fez os seus olhos subirem, buscando pelo meu rosto.

— Tá tentando fugir de mim, vadia? — questionou ele, enquanto reabria as minhas pernas, liberando novamente o acesso a minha vagina. Depois de me colocar em uma posição que me deixava bem aberta, ele tornou a falar: — segura as pernas e não solta.

“E se eu soltar?” Pensei, imaginando se ele faria alguma coisa além de me repreender verbalmente.

Como se estivesse lendo os meus pensamentos, Marinho completou: — se você fechar essas pernas de novo, eu vou ser obrigado a castigar essa bocetinha.

Não perdi tempo fantasiando sobre o castigo.

Limitei a balançar a minha cabeça, acatando as suas “ordens”.

Depois de conferir se eu realmente havia compreendido as suas palavras, Marinho introduziu dois dedos, o médio e o anelar. Seus olhos continuaram a me fitar, observando a minha expressão facial mudar na medida em que os seus movimentos começaram a aumentar.

Sua mão vibrou tão rápido que não consegui nem mascarar o som da minha voz — forçando o gemido para soar de forma sexy. Sendo assim, os gritinhos deixavam a minha boca naturalmente e isso — em um programa — era quase inédito.

E assim como ele havia dito no momento em que derrubei a bebida em seu paletó, fiquei completamente molhada. E ele adorou isso, o barulho das dedadas e o som descontrolado da minha voz o enlouquecia.

Seus movimentos foram reduzindo gradativamente e eu tinha certeza de que a penetração finalmente estava próxima de acontecer.

Nunca estive tão ansiosa para quicar em uma rola antes.

Não sabia o que queria sentir; o caralho em minha boceta ou ele todo babado em meus lábios.

Marinho desceu da cama e se colocou de pé em frente a ela. No mesmo segundo, entendi exatamente a sua intenção e me coloquei na beirada do colchão, ficando entre as suas pernas — a posição perfeita para que eu abocanhasse o seu cacete no instante em que ele o tirasse de dentro de suas calças.

Ele começou a abrir calça, removeu a cinta e, sorrindo de forma maliciosa,

olhou para o meu rosto.

— Mesmo você não merecendo muito, eu vou te deixar mamar o meu pau — sussurrou ele, com aquela voz autoritária que era bem excitante. Sentia-me como uma das funcionárias de sua empresa, prestes a transar com o chefão. — Deixa essa boquinha bem aberta pra mim, deixa…

Abri a minha boca e continuei encarando aquela sua expressão sacana.

Mas no momento em que ele a abaixaria, um celular começou a tocar. Pelo toque — e porque eu sempre o deixava no *"vibracall"* —, soube que não se tratava do meu.

Pude ver no rosto do meu cliente que ele estranhou a ligação, que não devia estar esperando por ela, mas isso não o impediu de verificar.

Sem me dizer nada, Marinho pegou o aparelho no bolso da calça e deixou a cama, abandonando-me ali, com a boca aberta, quase salivando.

Ele atendeu a ligação e caminhou em direção a vidraça.

— Eu já estou indo… — respondeu ele, ainda com o celular grudado no ouvido. — Só preciso resolver um problema aqui no escritório.

Eu devia ser o "problema" do escritório dele.

Finalmente fechei a minha boca e desviei o olhar, já aceitando que não retomaríamos o que estava rolando antes do celular tocar.

Estava com tanta raiva pelo programa ter sido interrompido — algo que eu costumava achar bom — que cobraria o serviço completo, mesmo que ele nem tivesse chegado a gozar, diferente de mim.

— Você já vai embora? — questionei o óbvio, após observá-lo se arrumar. — Não quer que eu termine?

Ele voltou a atenção em minha direção.

O seu olhar se concentrou em minhas pernas, mais especificamente para o meio delas.

— Não… Eu acho que meio que já terminei por você… — respondeu ele, de forma bem convencida. — Dá próxima vez, você me retribui o favor.

Antes que eu pudesse lembrá-lo de que recusei várias propostas para estar com ele — o que não era uma grande mentira, já que tive que fazer isso para ir ao evento de Márcia — e que por esse motivo seria obrigada a cobrar o valor integral do programa, Marinho tirou um envelope do bolso do paletó.

— Isso aqui deve ser mais do que o suficiente… — Ele colocou o dinheiro em cima de uma mesinha de centro e voltou a buscar pelos meus olhos. Quando ele me encontrou, não conseguiu deixar de sorrir de forma tão maliciosa quanto no momento em que ainda me invadia com os dedos. — Se bem que eu é que deveria cobrar por esse programa, né? Eu te fiz gemer como uma… — Ele balançou a cabeça rindo, antes de completar — como uma puta.

Dessa vez, eu não consegui me segurar.

Estava com ódio pela interrupção, queria muito cortar as asinhas dele. E como o dinheiro já estava em cima da mesa — eu não precisava mais agradá-lo com cliente —, não me limitei a revirar os olhos.

— O quê? — questionei, minha voz soou alta demais e isso o assustou. — Você achou mesmo que aqueles meus gemidos eram reais? — Forcei uma risada, como se ele estivesse me contando uma piada bem engraçada. — Ah, meu Deus… Não! Isso se chama atuação… Toda garota de programa experiente faz isso durante os programas.

Adorei ver aquele sorrisinho bobo desaparecendo dos seus lábios.

Mas mesmo assim, ele balançou a cabeça, negando-se a acreditar em minhas palavras.

— Esqueceu que a minha mão estava aí dentro, dedando essa boceta? Ela ficou molhadinha e você sabe bem disso! — contra argumentou ele, com aquele mesmo ar de superioridade que eu tanto detestava. — Ou vai me dizer que isso é outro truque de puta que eu não conheço?

Joguei o meu corpo para trás e continuei sorrindo.

— Se você acredita mesmo no que está me dizendo, porque deixou de ir embora pra ficar aqui comentando sobre o quanto você é fodão com uma… uma puta? — disparei, sem me dar ao trabalho de encará-lo. — No fim das contas, foi você quem pagou pra me comer, meu amor.

Ele ia continuar, mas hesitou e balançou a cabeça, como se estivesse se perguntando o que ainda fazia dentro do quarto, discutindo com uma garota de programa — uma burra o suficiente para arrumar confusão com um cliente e destruir todas as chances de um segundo encontro — sobre o talento dele na cama.

Marinho se limitou a pegar as suas coisas e deixar o quarto.

E quando ele saiu, eu me detestei por ter ferrado tudo com o cara que era, provavelmente, o cliente mais sexy e rico que já entrou pra minha listinha.

Capítulo 05 — Família

— Você, basicamente, orquestrou um ataque à masculinidade dele — comentou Rick, ainda rindo de toda a minha situação com o Marinho na semana anterior. — Amiga… Esse cara não vai mais querer comer você nem de graça.

Voltei o meu olhar em direção ao sofá, onde o meu amigo estava sentado.

— Mas essa é a questão, Henrique… O desgraçado nem chegou a me comer! — relembrei o fato, mostrando toda a minha indignação com uma coisa que nem tinha chegado a acontecer. Não consegui nem ver o pau dele. — Eu estava lá, sentada com a boca aberta, esperando pra chupar aquele cacete e, de repente, o idiota tem que ir embora… E como se já não fosse ruim o suficiente, ainda queria fazer piadinha sobre o fato de eu ter gostado do…

— Falando assim, cheia de reclamações, até parece que era você que estava pagando pra ele. — Rick pegou o controle da televisão e mudou de canal. — Vou te dizer a mesma coisa que você sempre diz pra mim em situações parecidas… O mais importante é que o programa foi pago.

"O mais importante é que o programa foi pago", definitivamente, não se aplicava ao meu primeiro cliente. O meu amigo não sabia que já havíamos nos conhecido, que o encontrei logo quando eu comecei — quase que por acidente — na prostituição.

Ele não tinha como saber sobre o quanto esse cara mexia comigo e, como consequência, também não poderia me ajudar com isso.

— Pense no lado positivo, pelo menos foi uma droga e você nem correu o risco de se apaixonar — continuou ele, não controlando a quantidade de sarcasmo em sua voz. — Até porque, pelo que você me contou, esse gostoso deve ter uma picona de mel que faz a gente gamar.

— Nem se preocupe com isso, eu não sou você, queridinho… Não me apaixono por caras que precisam pagar pra transar comigo… Nem mesmo por aqueles que têm uma pica de mel — respondi bem na defensiva. — A questão é que, pela primeira vez em muito tempo, o — fiz aspas com os dedos — "sexo" foi muito bom… E ficou com aquele gostinho insuportável de quero mais.

Peguei a minha bolsa vermelha em cima da estante.

Sabia que se continuasse com aquela conversa, acabaria perdendo a hora e chegando atrasada — como acontecia quase todas as vezes — ao meu encontro.

— Agora é sério, eu já vou indo. Enrolei demais aqui com você, falando sobre essa… Enfim… Fui. — Voltei o meu olhar em direção a ele e uma coisa me impediu de continuar a andar em direção à porta. — E você, não vai atender ninguém hoje?

Ele se limitou a sorrir e eu obtive a minha resposta.

Rick provavelmente cancelou todos os compromissos do dia só para atender o seu novo *"príncipe encantado"*.

"Deixa de ser burro, cara!", pensei quase dizendo em voz alta. Por mais que já tivesse dito essa frase várias vezes para ele, não queria continuar focando nisso, sendo a pessoa pessimista que estava cavando uma cova para jogá-lo assim que a morte ocorresse.

O fato era que começava sempre assim.

Primeiro a pessoa aumentava a quantidade de programas com ele, tornando-se uma espécie de *"cliente VIP"*. Logo em seguida, o idiota do meu amigo começava a se sentir mal por estar cobrando e passava a "dar" para o cara de graça.

Sim.

De graça.

A determinada pessoa não abandonava a mulher — ou cara — que tinha em casa, tampouco assumia a relação com, pasmem, um garoto de programa. Na maior parte das vezes, a pessoa que te satisfaz na cama não é a mesma que você tem vontade de apresentar para a família — e por esse mesmo motivo que garotas de programas eram tão requisitadas.

— É melhor que esse cara, o cliente, te pague pelo programa — não consegui deixar de dizer antes de cruzar a porta.

Por mais que o plano fosse "não comentar sobre", a frase escapou da minha boca. E nela fiz — ou o meu subconsciente fez — questão de destacar o que seria o "encontro" deles, um programa, como com qualquer outro cliente.

Ele podia até ficar com raiva por eu não ser o tipo de amiga que apoiava coisas que sabia que não funcionaria. Mas, no final das contas — quando tudo dava errado, porque sempre dava — ele reconhecia que eu estava certa. E eu seria a pessoa que o colocaria em pé de novo.

Deixei de me envolver nos problemas de Henrique e tornei a focar nos meus próprios — que não eram poucos.

A minha irmã, sem dúvida alguma — e com toda a razão —, reclamaria mais uma vez do meu atraso. A minha pontualidade sempre foi péssima e o mais irônico era que, no meu trabalho, eu cobrava por hora.

Livrei-me de todas as coisas que envolvia o meu trabalho e coloquei um sorriso em meu rosto, preparando-me para encontrar a única família que eu tinha.

***

Caroline — ou Carol, como eu costumava chamá-la — estava cada dia mais linda.

A minha irmã mais nova havia acabado de completar dezesseis anos. E com

a chegada da adolescência, já havia ganhado corpo e passado a se portar como uma mulher.

E isso era o que mais me assustava.

A única coisa capaz de tirar o meu sono à noite.

— Está tudo bem, Carol? — questionei com um tom de preocupação evidente em minha voz.

Sempre que a encontrava em um de nossos almoços, repetia essa mesma pergunta. E não sossegava até que ela me respondesse de forma sincera.

O meu *"Está tudo bem, Carol?"*, na verdade, significava um *"Ele tentou alguma coisa, Carol?"*.

Na época em que eu tinha a idade dela, comecei a ter problemas com o nosso padrasto — os mesmos problemas que me afastaram de casa.

No início, não passava de alguns olhares maliciosos quando a minha mãe não estava por perto. E naquele tempo — com a mentalidade de uma menina — eu me culpava por isso. Achava que estava dando motivos para ele me olhar com desejo. Então, passei a mudar a forma de me vestir e agir em frente a ele, mas os olhares continuaram.

Por algum motivo, eu sempre pensei que essas coisas ficariam daquela mesma forma, apenas em olhares bobos. Não imaginei que ele pudesse fazer alguma coisa, que avançaria para cima de mim num momento em que a minha mãe não estivesse em casa.

Mas foi exatamente o que aconteceu.

E como todas essas coisas já haviam acontecido comigo, eu ficava ainda mais preocupada com a minha irmã dentro daquela casa, dividindo o mesmo teto que aquele homem nojento.

Afinal, se ele já tinha feito uma vez, o que o impediria de fazer novamente?

— Eu sei que não tenho o trabalho mais digno do mundo… Eu sei. Mas eu posso te tirar de lá, Caroline — tornei a falar de um assunto que já cansamos de discutir. Nós duas nunca chegávamos a um consenso. — Não vamos morar juntas, mas será melhor do que com aquele…

— Ele não tentou nada comigo, Jéssica — ela se apressou em responder. — O Leandro só me encara algumas vezes… Não passa de olhares.

Atualmente, Carol era a única pessoa que usava o meu verdadeiro nome — Jéssica — para se referir a mim.

“Só me encara algumas vezes… Não passa de olhares”.

Essa frase soou de forma tão familiar para mim. Eu costumava repetir algo parecido quando tinha a idade dela, na época em que empurrava as coisas com a barriga, fingindo que a água não estava prestes a atingir os meus pés.

— Foi exatamente assim que começou comigo. Você sabe bem disso! — Eu a interrompi antes de levar a minha mão em direção à dela. Depois de apertá-la, levantei o meu olhar, encarando o seu rosto. — Não dá mais pra facilitar, Carol… Não com ele.

Antes que eu pudesse recomeçar o assunto, ela tornou a falar: — Eu prometo que te aviso se sentir que corro algum risco com o Leandro lá dentro… Eu prometo, O.K.? — Ela forçou um sorriso, tentando me tranquilizar, mas não teve muito sucesso. A minha preocupação só desapareceria quando ela deixasse aquela casa. — As coisas estão bem e… Você sabe que eu não conseguiria abandonar a nossa mãe com ele.

“Abandonar a nossa mãe com ele”.

Caroline sabia que Leandro havia me atacado e que ele foi o motivo pelo qual eu deixei a nossa casa tão cedo — antes mesmo de completar dezoito anos.

Mas existia algo que eu não contei para a minha irmã mais nova, algo complicado demais para dizer a uma menina tão jovem.

No dia em que o nosso padrasto me atacou, eu gritei tanto que acabei atraindo um vizinho para o apartamento. Isso impediu que Leandro fizesse alguma coisa e, também, revelou o que ele havia tentado fazer comigo na ausência da minha mãe. Naquele mesmo dia, esse vizinho contou para ela o que ele havia impedido de acontecer. Esse cara disse com todas as letras que viu o marido dela me atacando, tentando abusar sexualmente de mim.

Mas, diferente do que eu pensei, ela não o expulsou de casa e o denunciou para a polícia. Depois de dispensar o vizinho — a única pessoa que tentou me ajudar —, a mulher que deveria agir como a minha mãe disse que eu precisava ir embora. Ela me acusou de tentar seduzir o marido dela, falando várias outras coisas sem sentido. Culpou as minhas roupas, a forma que eu falava e até o meu jeito de andar.

Por mais que eu já não quisesse continuar naquela casa — convivendo com o cara que estaria sempre a um passo de me assediar —, não a deixei só por aquele incidente. Eu fui expulsa dela, pela minha própria mãe, antes que pudesse completar dezoito anos.

Quando eu me reaproximei da minha irmã — e soube o quanto era parecia ser próxima da mulher que me jogou na rua para proteger o marido safado —, não consegui contar toda a verdade. Só revelei sobre o ataque porque queria deixá-la ciente de que isso também poderia acontecer a ela.

— Eu preciso ir, mas…

— Se acontecer alguma coisa, é pra te ligar no mesmo instante. — Carol completou a minha frase sorrindo, como se fosse uma piada. Antes que eu pudesse deixar claro sobre o quanto era sério, ela continuou: — Não se preocupe, eu vou ficar bem.

Eu realmente torcia para que ela ficasse.

Capítulo 06 — Convite Inesperado

No instante em que deixei o hotel em que atendi Rogério — um dos poucos clientes que eu realmente detestava —, liguei o meu celular.

Eu sempre o deixava desligado durante os programas. Ninguém gostava de ser interrompido — principalmente quando estavam pagando por hora. Rogério mesmo não deixaria de fazer uma ceninha ao vê-lo tocar, cogitando descontar os segundos que eu perdesse com isso no momento do pagamento.

Um número desconhecido me ligou três vezes e isso me deixou animada. Nesses casos — na maior parte das vezes, pelo menos — eram novos clientes, que conseguiam o meu contato com conhecidos que — depois de conhecerem o meu serviço de extrema qualidade — recomendavam-me.

Sendo assim, eu não demorei muito para retornar a ligação. Ainda que se tratasse de um mês muito bom em faturamento, eu não podia dispensar nenhum cliente, porque, como Márcia bem havia destacado em uma de nossas discussões, as coisas sempre desandavam. E, no tempo das vacas magras — ou homens engravatados sem interesse em mim —, seria ótimo poder contar com mais um cara.

Joguei o meu corpo para trás, encostando sobre o banco traseiro do táxi e esperei a pessoa me atender.

— Eu já estava começando a achar que você não me retornaria… — disse a voz familiar do outro lado da linha. Como fiquei surpresa demais para dizer alguma coisa, permaneci em silêncio. Ele aproveitou para continuar, revelando o motivo de sua ligação. — Será que tem um horário pra mim na sua agenda?

Não estava acreditando que era mesmo Marinho falando comigo do outro lado — solicitando um programa —, mesmo depois de tudo o que havia

acontecido em nosso último encontro.

De acordo com Rick, eu orquestrei um ataque à masculinidade dele. Pisei tanto na bola que o cara não iria querer me comer nem de graça. Aparentemente, o meu melhor amigo estava errado — tanto que ele estava disposto a pagar pela "comida".

Eu deveria dizer um alto e claro *"não"* — mesmo com a minha política de não recusar trabalho —, mas não consegui. O cara pagava muito bem e, ainda que eu não fosse admitir para ele, gostei bastante do que havia acontecido em nosso último encontro — tanto que fiquei completamente frustrada quando ele foi interrompido às pressas.

— Pra você eu tenho sim — comecei, esforçando-me ao máximo para dar um jeito de destruir a péssima primeira impressão que ele teve de mim. — Eu não consigo te dizer exatamente quando agora, mas eu posso te ligar amanhã pra gente marcar alguma coisa na semana que v…

— Então… É que eu estava pensando em uma data bem mais próxima… — interrompeu-me ele, como se eu fosse um de seus subordinados, alguém que deveria estar completamente à sua disposição. Antes que eu pudesse explicar que não poderia encontrá-lo naquela semana, pois tinha inúmeros compromissos, Marinho tornou a falar. — Eu meio que preciso pra agora.

Agora?

Sem chance.

Rogério era o meu último programa do dia e não tinha planos de atender mais ninguém. Estava cansada e só conseguia pensar na minha cama — e em nenhum desses pensamentos eu transava com um cliente.

— É que infelizmente eu já tenho alguns…

— Eu pago pelos clientes que você vai ter que dispensar — insistiu ele,

interrompendo-me outra vez. Marinho não estava me dando muita alternativa. — Lembra que você ficou me devendo uma gozada?

Fechei os meus olhos e respirei fundo.

— Tudo bem, eu acho que consigo fazer esse favorzinho pra você — respondi vencida por sua insistência. — Até porque eu tenho que te dar a chance de me fazer gemer de verdade dessa vez, não é?

— Mais do que gemeu da última? — rebateu ele, roubando-me um sorriso. Pensei em contra-argumentar, alimentando aquela discussão idiota, mas nem tive tempo. — Só apareça aqui no hotel que eu prometo que hoje você não vai nem precisar usar aquela sua atuação de puta.

A forma com que ele falou me deixou completamente arrepiada e ansiosa pelo encontro. Foi impossível não imaginá-lo sussurrando essas mesmas palavras ao pé do meu ouvido, enquanto metia os seus dedos grandes em minha boceta, de forma tão intensa quanto da última vez em que estivéramos juntos.

Mudei o tom da conversa, tornando-a mais profissional — pelo menos, na medida do possível. Ele me disse que o programa ocorreria no mesmo hotel, o *Star Palace* e aproveitei para dizer que também precisaria de mais uma hora. Tinha que passar em casa para tomar um banho e me trocar. Marinho concordou e ficou de mandar o motorista dele me buscar em meu apartamento.

Ele encerrou a ligação com um *"só não demora muito ou vou atrás de você, Sabrina"*.

Eu só concordei em atendê-lo porque realmente não tinha mais clientes marcados para a noite. Caso já tivesse, ainda que ele pagasse o que esses outros caras me ofereceriam por um programa, não seria muito inteligente dispensá-los. Depois de um tempo como acompanhante de luxo, você descobre da pior forma que é melhor ter vários clientes antigos pagando um valor "X" considerado baixo do que apenas um pagando muito bem, mas que pode desaparecer a

qualquer momento.

Mas como os meus compromissos não passavam de mentiras — contadas com o único propósito de me fazer parecer ocupada —, eu não perderia a oportunidade de ganhar uma boa grana e ainda aproveitar um pouco da companhia dele — que, eu aceitando ou não, era boa pra cacete.

Cheguei em casa e tomei um banho bem caprichado, sem me importar com o tempo que perderia embaixo do chuveiro. Como dessa vez sabia que o cliente se tratava dele — diferente de quando nos encontramos, depois do evento de Márcia —, exagerei bastante no visual. Eu não queria estar só bonita no momento em que ele me visse, queria enlouquecê-lo.

Vesti a lingerie que mais gostava, uma de renda preta com cinta liga. Coloquei o meu vestido novo e finalizei deixando os meus cabelos castanhos soltos. Durante todo o processo, lembrei-me de que ele gostava de garotas "inocentes". O momento em que comecei a me maquiar não foi uma exceção. Deixei tudo bem leve, o mais natural possível. E ainda que isso significasse que não poderia usar o meu batom vermelho — praticamente a minha armadura para a guerra —, gostei bastante da imagem que o espelho refletiu.

Dessa vez, estava decidida a ser mais profissional. Faria o máximo de esforço possível para evitar que ele percebesse que eu estava curtindo demais o programa. Não queria mais ouvir comentários do tipo *"gostou mais do que eu que estou pagando"*, como ele fez da última vez.

Interfonaram da recepção para avisar que o motorista de Marinho já estava me esperando.

Não deixei o coitado me esperando por muito tempo. Assim que terminei de me arrumar, desci para encontrá-lo. O homem moreno abriu a porta do carro para que eu entrasse e o contornou para se sentar novamente no banco do motorista.

E sentada ali no banco de trás, eu me questionei se esse era o mesmo carro que a mulher dele usava. Mesmo não me lembrando de ver uma aliança em seu dedo, eu tinha certeza absoluta de que Marinho era casado. E isso fez com que esses questionamentos a respeito da esposa dele continuassem. Em sua maioria, eram coisas idiotas como *"será que esse é o mesmo motorista que a leva para o cabelereiro?"*.

Não, eu não estava com pena da mulher — e nem nada parecido com isso. As minhas contas eram todas pagas por caras que traíam as suas esposas. Então, seria, no mínimo, incoerente da minha parte importar-me com a vida que eles possuíam fora do quarto em que nos relacionávamos.

A questão que realmente me interessava era em como ela devia ser. Eu sabia que ele não a havia escolhido por conta própria, que foi um casamento arranjado com o único objetivo de enriquecer ainda mais a sua família — ao menos, foi o que ele me contou naquele quarto de motel, no dia em que nos conhecemos.

Abandonei todos esses pensamentos no instante em que o carro se aproximou do *Star Palace Hotel*. Tinha quase certeza de que ficaríamos novamente naquele quarto com a vidraça enorme, proporcionando-nos aquela vista magnífica.

Mas, dessa vez, não deixaria que a paisagem — ou qualquer outra coisa — me ofuscasse. Eu estava vestida para matar e não deixaria aquele quarto de hotel sem que o crime estivesse concluído.

Capítulo 07 — Recepção

No instante em que me aproximei da recepção, notei os olhares que tanto me incomodavam. Mesmo em silêncio, aquelas pessoas me diziam tantas coisas. As palavras mais maldosas eram as que se escondiam atrás de sorrisos inocentes.

Eu sabia muito bem o que todos eles deviam estar pensando, as coisas que não tinham coragem suficiente para dizer na minha cara.

"A vagabunda chegou" ou qualquer outra coisa parecida. Talvez usassem *"puta"* no lugar de *"vagabunda"*. Talvez se sentissem mais confortáveis com a palavra *"prostituta"* por dar um ar mais formal a frase.

De qualquer forma, eu não me importava com o que eles — ou qualquer outra pessoa — pensava da minha profissão. Até porque se me importasse com o que as pessoas diziam sobre mim, não teria escolhido continuar nesse caminho.

Parei em frente ao balcão da recepção e encarei a pessoa atrás dele: uma mulher na casa dos quarenta, que carregava um olhar cansado no rosto pálido. Os fios brancos em seu cabelo dourado entregavam-me que ela já não tinha mais vaidade. E pela repulsa que a minha imagem causava em seu olhar, supus que ela devia ser do tipo que detestava ter que transar com o marido, daquelas clássicas que sempre recorriam à velha desculpa da dor de cabeça para escapar. Como não encontrava o parque de diversão aberto em casa, o cara procurava por adrenalina fora, com garotas de programa que, provavelmente, cobravam bem mais barato do que eu. A recepcionista não me odiava pelo que eu fazia, ela me odiava pelo que ela mesma era incapaz de fazer.

Seus olhos me julgavam, mas, bem lá no fundo, também carregavam uma pitada de inveja. Eu não só dava conta do recado como ainda estava ganhando para transar com homens como o marido dela.

— O meu nome é Sabrina — disse a ela, brincando com os meus dedos em cima do balcão. Voltei o meu olhar para a parede vermelha decorada, carregando o nome "*STAR PALACE"* em letras garrafais. — Sabrina Lancaster.

A mulher encarou a tela de um computador e digitou alguma coisa — provavelmente o meu nome —, antes de trazer os seus olhos de volta para mim.

— Desculpe, querida… — Conseguia sentir o desprezo em seu tom de voz, principalmente quando ela pronunciou o "*querida*". — Não tenho nada reservado no seu nome.

Joguei o meu cabelo para o lado e sorri.

— Mesmo com todo esse seu esforço, você se enganou — garanti, não me esforçando para não soar irônica.

Ela respirou fundo — certamente tentando não me mandar para o inferno — e repetiu a pesquisa. Depois de mais alguns segundos, ela sorriu de forma vitoriosa e balançou cabeça, de forma negativa.

Meu nome realmente não estava ali.

— Eu sinto muito… Acho melhor você ir embora — respondeu ela muito feliz em me enxotar daquele lugar.

Como eu continuei parada em frente a ela, dois seguranças aproximaram-se de mim.

— Deixa eu te ajudar com isso… — completei aumentando a minha voz, como se tivesse tentando ser expulsa da porcaria do hotel. — O nome do cara é Marinho e ele está no quarto mais foda dessa porcaria de lugar.

Um dos homens engravatados — os seguranças — agarrou o meu braço como se eu fosse alguma ameaça para o ambiente. E isso atraiu o olhar das pessoas que circulavam pela recepção e, consequentemente, fez com que eu me sentisse humilhada.

— Se não me levarem para a porcaria do quarto do Marinho agora, eu juro que vou fazer um escândalo tão grande que até a corna da mulher dele vai ficar sabendo — ameacei encarando os dedos do segurança que continuavam envolvendo o meu braço. Voltei a minha atenção para a loira atrás do balcão. — Então, o que vai ser?

De forma hesitante, ela fez um sinal para o que cara me soltasse. E então pediu para que um dos funcionários presentes me acompanhasse até os aposentos do idiota que não havia avisado a recepção sobre a minha “visita”.

Enquanto o cara me acompanhava pelos corredores, senti como se estivesse sendo escoltada para a delegacia. Até parecia que ele estava me acompanhando para se certificar de que eu não roubaria nada no meio do caminho.

Detestava quando isso acontecia.

Como o meu nível de clientela subiu — e consequentemente as minhas roupas e forma de me portar —, isso não acontecia muito nas lojas e nem nos eventos que eu costumava frequentar. Só estava tendo esses problemas porque o pessoal da recepção certamente me reconheceu das últimas vezes em que eu estive ali. A recepcionista ligou os pontos e soube que eu não estava visitando amigos. O seu preconceito fez com que eu fosse comparada com uma ladra ou com qualquer outra coisa horrível, que ameaçava a harmonia perfeita do lugar.

Mas essas ocasiões inconvenientes só serviam para me mostrar que, ainda que eu fosse uma acompanhante de luxo — que atendesse algumas das figuras mais importantes do país —, sempre seria vista como uma vagabunda qualquer, uma simples garota de programa.

O funcionário continuou a me acompanhar. Seus olhos analisavam cada um dos meus passos. Sentia-me a maior criminosa. Quando não era um olhar malicioso — secando a minha bunda de forma descarada —, era um de desconfiança.

Quando chegamos ao quarto de Marinho, eu me virei e o encarei.

— O que foi? Vai querer entrar aqui e assistir também? — questionei já sem paciência. O tom da minha voz soou mais alto e isso deve tê-lo feito se perguntar se foi mesmo uma boa ideia ter me levado até aquele andar. Antes que o funcionário idiota pudesse dizer mais alguma coisa, eu completei: — Você já pode ir, cara!

Queria tanto ter pronunciado um *"babaca"* no lugar do *"cara"*. Principalmente quando ele continuou parado, encarando-me com aquele seu olhar superior.

Esses homens *"certinhos"* eram todos iguais. Falavam mal das garotas de programas, eram orgulhosos demais e gritavam aos cantos que não precisavam pagar por mulher nenhuma. Mas se tivessem dinheiro, pagariam como qualquer outro.

— Desculpe, mas nós não podemos deixar estranhos sozinhos aqui nos corredores, é uma das norm…

Quantas vezes eu precisaria falar que estava ali para visitar um dos hospedes do hotel? Será que eu precisaria dizer explicitamente que estava ali para atender um cliente?

Por sorte, dessa vez eu não precisei falar nada.

— Algum problema? — questionou Marinho, abrindo a porta do quarto.

A imagem do homem engravatado fez com que eu e o funcionário folgado fôssemos surpreendidos. Ninguém estava esperando aquela aparição.

Voltei a minha atenção em direção ao homem que solicitou o meu serviço.

— Esse idiota acha que eu vou roubar alguma coisa ou perturbar a droga dos hospedes — respondi, ainda não acreditando que estava mesmo tendo aquela conversa. Nada disso estaria acontecendo se o imbecil do Marinho tivesse

avisado que eu viria. — Você pode, por favor, dizer pra ele que eu só estou aqui porque você me chamou?

Mas o cara ao meu lado nem deu tempo para o meu cliente responder. Ele aproveitou esse momento para começar a se defender.

— É uma das normas do hotel. Neste andar, nós não podemos deixar nenhum desconhecido pelos corredores. — Ele voltou o olhar em direção a Marinho. — Assim que o senhor me confirmar que ela é mesmo a sua… — O idiota deixou uma risada maliciosa escapar. Eu sabia que ele quase havia pronunciado um *"puta"*. — Uma de suas convidadas, eu vou embora.

Estava cogitando a ideia de dar meia volta e deixar o hotel, junto com o meu cliente, que não estava ajudando em nada. Eu estava espumando de raiva, morrendo de vontade de quebrar a cara dos dois homens próximos de mim.

— Não precisa se preocupar não, parceiro. Ela é sim uma das minhas convidadas… — respondeu o cara próximo à porta, instantes antes de voltar a sua atenção em minha direção. — Uma bem especial.

Ele e o funcionário se entreolharam e sorriram, era como se estivessem falando em códigos. Conseguia imaginar os pensamentos maliciosos em meio ao silêncio.

Eu, obviamente, me senti ainda mais humilhada com toda aquela situação.

No entanto, dessa vez eu nem tive a chance de cogitar abandonar o programa. Sem nenhum aviso prévio, Marinho me puxou pelo braço e me arrastou para dentro do quarto.

Depois de fechar a porta na cara do funcionário inconveniente, o meu primeiro cliente voltou o seu olhar em minha direção.

— Além desse idiota, mais alguém te irritou?

— E qual a importância disso? — indaguei, não entendendo onde ele queria

chegar com aquela pergunta. Não consegui evitar o tom debochado. — Vai reclamar com o gerente, é?

Ele deu um passo, aproximando-se ainda mais do meu corpo.

Marinho sorriu de uma forma que me arrepiou.

— E se eu reclamar? — sussurrou ele enquanto encarava os meus lábios.

Por algum motivo — mais um que entrou para a enorme lista dos que eu desconhecia —, eu me afastei dele, trucidando o clima entre nós dois. Em vez de bancar a garota sexy e implorar com uma voz sedutora para que ele demitisse o maldito funcionário — mesmo sabendo que ele não tinha esse poder —, caminhei em direção à vidraça e apreciei a vista fenomenal à minha frente. Se eu tivesse usado aquela carta — uma que a antiga Sabrina nunca deixaria escapar —, Marinho se sentiria o cara mais poderoso do universo e isso faria com que alimentasse as fantasias dele que envolviam dominação.

— Quem mais me irritou? Só todo mundo daquela maldita recepção, mas não é como se fossem demiti-los só porque você vai ligar lá e reclamar — respondi sem encará-lo e terminei de ferrar com as coisas.

Eu estava mesmo reclamando do povo da recepção durante o nosso programa? Aparentemente, sim.

Antes que o homem à minha frente pudesse argumentar, dizendo sobre o quanto era poderoso e influente — dando-me uma chance de consertar todo o estrago —, dei um novo tiro no meu próprio pé.

— Talvez eles até demitam aquele cara, mas todo mundo? É gente demais pra uma reclamação.

Fechei os meus olhos e questionei *“que droga você está fazendo Sabrina? Acorda pra vida, menina”*.

Eu, basicamente, questionei sobre o quão importante ele realmente era e,

pela expressão no rosto de Marinho, ele não gostou muito.

Respirei fundo e me virei, voltando o meu olhar em direção ao rosto dele.

Eu dei três passos e forcei um sorriso, antes de recomeçar.

— Mas uma reclamação sua… — Enquanto falava em um tom confiante, fingia que encarava o presidente dos Estados Unidos, o homem mais poderoso do mundo. — Um figurão desses… — Passei a mão sobre a sua gravata e desci, tateando o seu abdome. — Acho que não sobra uma camareira nesse lugar.

Ele pegou a minha mão e a afastou de seu corpo.

— Não vou reclamar com a porra do gerente, Sabrina… Eu sou o dono do hotel — sussurrou Marinho, deixando-me completamente sem reação. — Na verdade, fui eu quem colocou essa regra de não permitir estranhos andando sozinhos pelos corredores deste andar.

Eu me esforcei para não revirar os olhos.

No fim das contas, ele era o babaca da história. Tinha me convidado pra ir ao *Star Palace* e permitiu que aquele idiota ficasse implicando comigo, cuidando de mim como se eu fosse uma espécie de assassina.

— Eles não sabem que eu sou o chefão e esse é o único motivo daquele imbecil usar aquele tom para falar comigo. Para as pessoas que trabalham aqui, eu sou como um cliente normal — completou o cretino, como se isso fosse um joguinho divertido. — Eu quis manter dessa forma porque odeio gente me bajulando.

Naquele instante, eu não consegui me conter.

A maldita risada escapou dos meus lábios.

E isso trouxe o seu olhar em minha direção, buscando pelo motivo da graça, que pra mim era bem óbvio.

Como já estava ferrada, eu não me importei com aquele deslize.

— É que, sinceramente, não é o que parece… — comentei de forma hesitante, ainda com o sorriso em meus lábios. — Você tem cara de quem adora ter as pessoas beijando os seus pés.

Com os olhos fixos em mim, ele respondeu: — Talvez eu goste mesmo que algumas pessoas fiquem aos meus pés. Mas isso não inclui nenhum dos funcionários deste lugar.

Antes que eu pudesse questionar com um *"eu duvido"*, ele tornou a falar: — Mas eu não te chamei aqui pra falar sobre o meu hotel ou sobre os funcionários.

— E você me chamou pra que mesmo, Marinho? — arrisquei na pergunta, usando aquela voz sedutora que devia ter usado lá no início, quando entrei em seu quarto.

— Pra estourar essa tua boceta.

Capítulo 08 — Dominador

Depois do *“pra estourar essa boceta”*, eu pensei que o meu cliente sorriria daquela sua forma especial — repleta de malícia — e desaceleraria um pouco as coisas. Mas Marinho não tentou tomar os meus lábios como fez da última vez e nem mostrou interesse em qualquer tipo de preliminar.

Não.

Ele não queria nada disso.

Naquele momento — uma fração de segundos antes de ele iniciar a sua caminhada em minha direção —, eu senti que o animal voraz a minha frente estava se preparando para o abete.

E somente o pensamento de tê-lo me destroçando fez com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem. Eu conseguia sentir o impacto antes mesmo de seu toque, conseguia sentir a sua respiração ofegante mesmo com o seu corpo a um metro de distância.

Ele andou até onde eu estava, como se estivesse cumprindo com uma promessa e agarrou as minhas pernas, tirando-me do chão, como um anjo prestes a alçar voo ao céu. Os seus olhos felinos encaravam-me com um olhar faminto. O sorriso que brotou em seus lábios assemelhava-o a um leão que arreganhava os dentes para assustar ainda mais a presa antes de devorá-la.

Ele, definitivamente, era do tipo de garoto travesso que brincava com a comida e isso me atraia demais.

Enquanto Marinho me levava para a cama em seus braços, sentia-me paralisada, como um cervo ao avistar o predador se aproximando. Você sabe que não vai terminar bem, mas, mesmo assim, quer continuar assistindo,

completamente hipnotizada com as cenas.

Ele me jogou em cima da cama, derrubando-me deitada sobre o colchão. Mas nem mesmo a queda fez com que eu deixasse de encará-lo.

— O que você acha de me deixar chupar esse seu cacete? — propus a ele, não me importando com a personagem “menina inocente”.

Eu já tinha ferrado com essa fantasia em nosso último programa.

Não conseguia nem disfarçar a minha ansiedade para ver o seu membro. E como se soubesse dos meus pensamentos indecentes, ele balançou a cabeça negando, só para não me dar — literalmente — esse gostinho.

— Pelo que eu me lembro da nossa última noite juntos, você não foi uma boa garota, Sabrina… — Marinho agarrou o volume em sua calça. — Ainda não tá merecendo mamar aqui.

Fingi uma expressão tristonha.

— E você sabe o que meninas más ganham? — ele completou, dando um passo na direção da cama. Balancei a cabeça horizontalmente, negando e contribuindo ainda mais para a brincadeira. — Umas boas palmadas… E uma surra de vara.

Abri as minhas pernas e puxei o vestido pra cima, para que ele conseguisse visualizar o fino tecido que cobria o meu sexo. Passei a mão sobre a minha calcinha sorrindo e isso, de imediato, chamou a sua atenção.

— Aqui? — questionei em um sussurro, ainda com a mão sobre a minha vagina.

O seu sorriso sacana me deixou úmida.

De todos os caras com quem eu já estive — definitivamente, não foram poucos —, Marinho era o único que conseguia expressar tanta malicia através de

um único sorriso.

— Isso mesmo, vagabunda — respondeu ele, tocando na colcha violeta que cobria a cama. — Primeiro nessa bocetinha, que eu vou deixar vermelha… — Suas esferas esmeraldas subiram até o meu rosto, que ele fuzilou sem piedade. — Depois a gente vai pra esse seu rabo gostoso.

Parado em frente a cama, ele começou a remover a cinta, antes de desabotoar a calça. Quando ela finalmente caiu, eu fui agraciada com a visão daquelas coxas peludas. E principalmente com a sua cueca cinzenta, que me surpreendeu com o volume.

— Você está, literalmente, fodida na minha mão.

Ele se abaixou, pegou a carteira no bolso direito da calça jogada no chão e retirou um preservativo de lá. Quando ele voltou a se erguer, não perdeu tempo e se livrou daquela última peça de roupa, ficando completamente nu a minha frente.

Os meus olhos, obviamente, correram em direção ao seu membro, traindo-me na primeira oportunidade. Não consegui disfarçar a minha curiosidade e no instante em que o observei, soube que tinha perdido a aposta com Rick.

Depois de toda a frustração de ter o programa interrompido — bem no momento da penetração —, eu apostei com o meu amigo de que o pau de Marinho era pequeno, que a interrupção havia sido proposital — e mais um monte de teoria da conspiração, que no final das contas não passava de paranoia.

Após muitos anos nessa “profissão”, eu descobri que a maior parte dos cachorrões — que iam de “Rottweiler” a “Pitbull” — tinham pintos de “Pinscher”. E exatamente como dizia o ditado popular, quanto mais barulho eles faziam com as latidas, menor era a intensidade de suas mordidas.

Mas aquele “Pitbull” na minha frente, sem dúvida alguma, tinha um cacete de “Pitbull”. O pau dele era bem grande e já estava completamente duro, pronto

para a “colisão”. A cabeça era rosadinha, parecendo um pirulito de tutti-frutti — o que me deixou com água na boca — e o sacão, com dois grandes bagos, fazia justiça a todo o conjunto.

Livrei-me do meu vestido e quando ia começar a tirar a lingerie, ele me impediu, confirmando a minha suspeita de que ele era do tipo de cara que gostava de fazer isso sozinho, ter a mulher despida por suas próprias mãos.

Pensei que Marinho faria um joguinho comigo — um diferente daqueles que ele já praticava —, removendo as peças de roupa do meu corpo com calma, em uma verdadeira provocação. Pelo pouco que eu o conhecia, sabia que o safado adoraria me ter implorando para que ele me despisse logo.

Mas eu fui surpreendida outra vez.

Ele agarrou o tecido da calcinha e o puxou com força, rasgando-o completamente. A minha lingerie preferida foi destruída por sua mão pesada em poucos segundos e isso me deixou sem reação, pois não era algo comum.

No entanto, em uma ocasião normal, eu interromperia o programa e deixaria bem claro para o desgraçado que ele iria pagar por uma idêntica. Mas com o moreno, tudo o que eu consegui fazer foi continuar observando-o em silêncio, agindo — dessa vez inconscientemente — de forma bem submissa.

Ele se jogou contra o meu corpo e me derrubou. Segundos mais tarde, Marinho já estava sobrepondo o meu corpo com o seu, que era bem maior. O homem de terno fazia com que eu parecesse minúscula comparada ao tamanho dele. Sentia-me completamente impotente debaixo de seu corpo grande e nem mesmo isso fazia com que eu quisesse fugir daquele monstro, tampouco com que eu tentasse impedi-lo de me devorar.

Era exatamente o oposto. Eu olhava para cima e assistia a saliva escorrendo de suas longas presas, mas, ainda sim, não queria ir embora.

Eu queria ser devorada por ele.

Assim como ele fez com a minha calcinha, a sua mão pesada tornou a atacar, arrancando o sutiã do meu corpo. E sem aquela última peça de roupa, eu fiquei completamente pelada e entregue a ele.

Estava vulnerável ao monstro.

Ele esticou os lábios em um sorriso.

— Dessa vez, eu vou ficar bem assim… Olhando fixamente para o seu rosto — sussurrou ele, fitando a minha expressão, que se perdia em meio ao prazer. — Vamos ver se você vai mesmo fingir esses gemidos.

Não teve língua.

Não teve dedo.

Não teve nada disso.

Marinho queria pular direto para a foda e eu como qualquer boa profissional — boa até demais, por sinal —, sempre dava razão ao cliente.

Ele me invadiu e eu não consegui deixar de gemer ao ter a minha boceta preenchida por seu caralho. E como os seus olhos me analisavam sem parar, era impossível não demonstrar o quanto eu estava excitada. O cara estava — literalmente — dentro de mim, suas mãos desceram até os meus seios, sentindo-os com vontade, incluindo os meus mamilos, que já estavam duros, não tinha uma maneira de ocultar isso.

Ele começou mexendo o quadril de forma bem lenta, concentrando-se mais em meus peitos. Encarava-os como se fosse um brinquedo novo do parque de diversões que costumava frequentar. Suas mãos os exploravam com vontade, fazendo com que eu sentisse todo o seu desejo por mim.

Mas, diferente da última vez, ele não chupou. Limitou-se a apertá-los com força, como se eu estivesse sendo punida e não merecesse o seu beijo.

— Eu… eu pensei que você fosse me foder com força — deixei escapar, com um sorriso cheio de deboche. — Que fosse deixar a minha…

Antes que eu pudesse completar a frase, os seus movimentos aumentaram, substituindo as minhas palavras por gemidos ininteligíveis. Suas estocadas tornaram-se rápidas e bem firmes, fazendo-me enxergar estrelas. Fechei os meus olhos a aproveitei aquele passeio maravilhoso.

— E eu vou… Vou foder até ela ficar bem vermelha… — sussurrou ele, ao pé do meu ouvido, como se fosse uma promessa que ele estava disposto a cumprir. — Eu sou um homem de palavra, Sabrina.

O *"eu sou um homem de palavra"* me arrepiou mais do que o *"vou foder até ela ficar bem vermelha"*.

A parte mais fascinante da nossa foda era que Marinho emanava imponência.

Eu já atendi a vários homens poderosos, mas eu só sabia que eram mesmo poderosos porque eles não calavam a boca e, a todo instante, deixavam claro sobre o quanto era "fodões". Mas com o homem em cima de mim, era completamente diferente — com exceção de alguns poucos momentos em que o seu ego tomava conta de sua boca. Ele não falava sobre o seu cargo, não se vangloriava pelas suas centenas de posses, mas, mesmo assim, o poder parecia fazer parte dele, como se fosse uma extensão de seu corpo.

Ele meteu com força, seguia em um ritmo constante e tudo isso resultava em um barulho alto, que se mesclavam entre as colisões de nossos sexos e os gemidos que ecoavam pelo quarto. Isso sem contar com o cheiro forte, uma consequência da nossa "brincadeira".

Sentia o seu pau entrar e sair da minha "concha". Marinho afogava o mastro em minha boceta e, ironicamente, arrancava todo o meu fôlego.

Seguimos dessa forma por alguns minutos e quando os movimentos dele

começaram a diminuir, eu não perdi a oportunidade de provocá-lo.

— Já cansou, é? — debochei, como se ele já não tivesse acabado comigo. — E aquele lance de me deixar destruída?

Ele tirou o pau de mim e levantou o olhar, observando-me com aquela sua expressão misteriosa. Não tinha como saber se ele estava pensando em algo sério ou completamente pervertido, mas, ainda sim, eu chutava a segunda opção — perversão sempre se encaixava com ele.

Sua mão acertou a minha vagina em cheio. O estalo de seu tapa foi bem alto e a dor maior ainda. Não consegui deixar de gritar, antes de levar a minha mão em direção ao meu sexo, que acabara de ser atacado pelo selvagem.

— Agora que ela já está bem coradinha, eu vou comer esse rabo — informou-me ele, antes de virar o meu corpo de forma bruta. O moreno passou o dedo nem na minha entradinha, deixando-me extremamente tensa. E enquanto continuava esfregando-o sobre aquela mesma região, ele sussurrou ao pé do meu ouvido, debochando: — vai dizer que já está cansada?

Antes que eu pudesse abrir a boca para responder, Marinho já estava dentro de mim. Ele me invadiu com força e sem nem um pouco de dó, arrancando-me um longo gemido, em um misto de prazer e dor — onde, infelizmente, a segunda dominou quase que completamente a primeira.

A parte mais irônica era que o sexo anal sempre foi algo bem comum pra mim, o que era natural já que a maior parte dos homens buscam garotas de programa para fazer justamente aquilo que as suas companheiras em casa não oferecem. Eles sempre gostam mais daquilo que é “proibido”, aquilo que a mulher costuma se opor a fazer.

O grande problema com a prática era que se o cara não fosse bem experiente, doía pra caralho e não dava prazer nenhum. Sendo assim, eu sempre tentava facilitar bem as coisas, conduzindo o iniciante para que o sexo anal

fosse, no mínimo, suportável pra mim.

Eu sempre levava lubrificante comigo. Mas, por algum motivo — provavelmente porque não estava planejando um programa antes de Marinho ligar —, deixei em casa, na bolsa que estava usando no programa com o Rogério.

A única lubrificação era a da camisinha e, infelizmente, estava longe de ser o suficiente. Ele realmente não estava brincando quando disse que em destruiria.

— O que você acha de me deixar dar uma cavalgada nesse caralho, hein? — sugeri com a minha "voz sexy", tentando melhorar as coisas para o meu lado. Não queria deixar aquele quarto de hotel completamente arrombada, pelo menos não de forma tão literal. Antes que ele pudesse contra argumentar, tornei a insistir. — Você não quer me ver rebolando nessa rola grande, minha delícia?

— O teu único trabalho é ficar bem quietinha e me deixar estourar esse seu rabo gostoso… minha delícia — rebateu ele, aumentando o ritmo das metidas, como se quisesse me impedir de continuar falando. Isso sem contar o seu deboche, finalizando a frase com o *"minha delicia"*.

Se Henrique estivesse por perto, presenciando a cena, diria que eu estava, literalmente, estava tomando no meu "cú".

Sem muita opção, eu puxei um dos travesseiros e afoguei o meu rosto em cima dele, ansiosa para o momento em que aquele desgraçado finalmente gozaria. E pensar que há alguns minutos, eu estava lá no céu, com esse mesmo cacete que agora judiava de mim.

Eu continuaria com a minha cabeça escondida se não tivesse sentido algo diferente roçando a minha xoxota. Antes que eu pudesse pronunciar qualquer coisa, aqueles dedos grandes me invadiram.

Marinho virou os nossos corpos, deixando-nos de lado e continuou a me foder, enquanto a sua mão brincava em minha "área VIP". Seus dedos travessos

brincavam lá dentro, explorando-me daquela sua forma sacana, a mesma que me levou à loucura em nosso último encontro.

E em poucos minutos, ele começou aumentar a quantidade de dedos e iniciar um “vai e vem”, fodendo a minha boceta enquanto continuava me comendo pela “porta de trás”. Como o moreno era bem experiente com os dedos, fiquei extremamente excitada com aquela “brincadeira” e isso ajudou bastante com a penetração, que deixou de doer tanto, devido ao prazer que voltou a me invadir, na mesma intensidade que as suas garras.

Conforme ele estimulava o meu sexo, eu comecei a me soltar mais e realmente curtir o que estava acontecendo em cima daquela cama. Gostei de tê-lo sobre o meu corpo, dominando-me daquela forma. Adorei me sentir “preenchida” enquanto seus lábios trilhavam um caminho de beijos em meu pescoço.

Era engraçado a forma com que aquele homem conseguiu reverter toda a situação ao seu favor. Naquele instante, eu queria estar ali com ele — queria tê-lo me destroçando.

Seus movimentos aumentaram e senti a sua respiração ofegante demais, junto com o seu hálito quente sobre o meu pescoço. Tudo isso me alertou para o que estava prestes a vir. O cliente delícia estava quase chegando lá, eu tinha certeza.

Depois que eu cheguei a essa conclusão, não demorou muito para que ele gemesse alto. Foi como se o seu pau começasse a crescer dentro de mim, sentia-o pulsar. O cliente urrou e mexeu o quadril, ainda gemendo, antes de tirar o seu membro de mim.

Após essa nossa aventura — quase uma na selva, com toda a sua brutalidade —, Marinho deitou-se ao meu lado na cama e ficou em silêncio.

Assim como ele, eu também não pronunciei uma única palavra. Fiquei

parada na mesma posição por alguns instantes, mas isso não durou muito, os meus olhos tornaram a me trair, contrabandeando-se para o outro lado. Nesse momento, eu percebi que ele estava encarando o teto do quarto — assim como no dia em que nos conhecemos —, foi impossível não reviver algumas memórias.

E, só então, eu fui capaz de identificar aquele homem na expressão de seu rosto.

Mesmo com toda aquela casca grossa envolvendo-o, ele continuava ali dentro.

Eu tinha certeza.

Capítulo 09 — Privacidade

Joguei o meu corpo para o lado esquerdo e o encarei deitado de barriga para cima, com os olhos voltados para cima. Sorri ao constatar que, desde o dia em que nos conhecemos, essa era a primeira vez em que dividíamos uma cama dessa forma.

Foi impossível não ver as cenas daquele dia passando por minha mente e isso — todas essas lembranças — trouxe de volta uma das minhas maiores dúvidas.

Foram longos cinco anos e, durante todo esse tempo, eu não fazia ideia de qual era a resposta para a pergunta do milhão.

Aproveitei o momento em que ele ainda estava deitado sobre a cama, com as lanternas esmeraldas voltadas para o teto do quarto — com aquela expressão pensativa indecifrável —, para me levantar e pegar a sua calça no chão.

Os meus movimentos foram tão bruscos que chamaram sua atenção de imediato, fazendo com que Marinho levantasse a cabeça e me encarasse franzindo a testa, sem entender o que eu estava tentando fazer.

Sem nem hesitar, eu apanhei a carteira no bolso direito de sua calça social.

Nesse instante, eu tive quase certeza de que ele devia pensar que eu estava tentando roubá-lo — de uma forma bem estúpida, diga-se de passagem. Uma garota de programa segurando a carteira dele. Sem dúvida, essas duas coisas juntas não poderiam dar outro resultado.

Ignorei esses seus olhares desconfiados e a abri, pegando a carta de motorista, que era, basicamente, o primeiro documento que encontrei ali dentro.

Depois disso, eu devolvi o objeto para a peça de roupa e caminhei de volta

para a cama, com a sua CNH em mãos.

— Erick Marinho — pronunciei o seu primeiro e o último nome, com um sorriso vitorioso colorindo os meus lábios. O cretino conseguia sair bonito até em foto de documento. Virei o meu pescoço, buscando pelo seu rosto. — O seu nome do meio é Felipe?

Sem dizer uma só palavra, o meu cliente puxou o objeto da minha mão com bastante força. Com esse gesto grosseiro, ele deixou bem evidente o fato de não ter gostado da liberdade que tomei.

Eu fiquei bem assustada, pois não estava esperando por uma reação assim — pelo menos, não por algo tão bobo quanto descobrir o seu primeiro nome.

Quando eu pensei que não poderia ficar pior, Marinho se levantou da cama e pegou um envelope branco em cima da mesinha no canto do quarto.

Antes mesmo que ele pudesse me entregar, eu já tinha sacado tudo.

Erick Marinho estava me chutando, praticamente me expulsando do quarto de hotel.

Sendo assim, mais uma vez, eu consegui estragar as coisas no final da noite — já poderia marcar isso como um novo recorde. E ainda tinha pessoas que se atreviam a dizer que um raio não caía duas vezes no mesmo lugar.

Não fiquei só surpresa, mas sem graça também. No entanto, não era tão incomum clientes não gostarem desse tipo de “liberdade”. A maioria tinha uma paranoia envolvendo discrição, não gostavam de revelar o nome, profissão e nenhuma outra informação importante para a garota de programa, com medo de que alguém descobrisse — como se nós fôssemos espalhar a notícia para o mundo inteiro. Já aqueles que não eram tão pilhados e ainda sim optavam por isso, eu sempre acreditei que se devia ao fato da impessoalidade. Quando não há conversa — nem mesmo nomes —, tudo se resume apenas ao sexo.

A grande questão é que eu não devia estar tão surpresa com aquela reação — principalmente vindo dele, alguém que sempre me surpreendia de alguma forma.

Talvez fosse porque há alguns minutos, ele estava deitado sobre a cama, encarando o teto do quarto, exatamente como fez quando nos conhecemos. Talvez fosse porque, por uma fração de segundos, enxerguei aquele homem bacana do meu lado. Talvez fosse porque eu estava cega, enxergando uma beleza que não existia. De qualquer forma — seja qual fosse o motivo —, eu estava bem enganada.

Caminhei em sua direção e peguei o dinheiro, antes de desviar o meu olhar, voltando-o para o chão. Após um silêncio — que parecia mais estrondoso do que o mais alto dos trovões —, comecei a pegar as minhas peças de roupa — pelo menos, as que ele não tinha rasgado enquanto me despia — e me vesti.

Como a grana de Marinho era sempre boa — na maior parte das vezes, uma quantia bem maior do que a que eu cobraria —, não quis reclamar ou adicionar um custo pelas roupas que ele destruiu.

A verdade é que, naquele momento, eu não queria falar com ele — não depois do clima estar mais destruído do que a minha calcinha —, nem mesmo para reclamar.

— Eu… eu só vou usar o banheiro… — comentei, apontando em direção à porta no outro lado do quarto.

Ele continuou em silêncio e isso fez com que eu cogitasse a ideia de me virar e ir embora completamente descabelada, só para não precisar passar mais tempo próxima a ele. Mas como passaria pela recepção — onde já me encaravam com um olhar de superioridade — e ainda teria que chamar um táxi, eu optei seguir em direção ao banheiro.

Fechei a porta do cômodo logo após entrar, como se isso me deixasse mais

longe dele. Encarei o meu reflexo no espelho e respirei fundo antes de começar a colocar os fios castanhos do meu cabelo de volta no lugar.

Eu me recusei a ficar ali, sentindo-me aquela garotinha assustada que entrou no carro de um desconhecido. Havia prometido a mim mesma que não me sentiria mais assim, nunca mais — por homem nenhum. Ergui a minha cabeça e sorri, lembrando-me de quem eu era: uma mulher forte e bem resolvida que não se assustava facilmente.

Quando terminei de me arrumar — e de me recuperar psicologicamente —, abri a porta e caminhei em direção à saída, esforçando-me para não encará-lo.

Mas quando estava prestes a deixar o quarto, não resisti e voltei o meu olhar em direção a ele.

Erick estava de costas, encarando a paisagem urbana através da vidraça gigantesca. E então, eu me lembrei de que, na última vez em que estive no quarto, houve um momento em que ele me fez tirar a roupa para *"apreciar melhor a vista"*. Agora era eu que o encarava pelado, quase no mesmo lugar em que me posicionei para deixá-lo me observar.

Sorri sem graça e cruzei a porta, deixando-o lá.

Eu tinha certeza que aquele havia sido o nosso último programa juntos. Ainda que eu não tivesse ferrado tudo ao ponto de ele nunca mais cogitar sair comigo, Erick Marinho havia acabado de entrar para a minha lista negra. Dessa vez — ainda que não fosse algo que eu costumasse fazer com frequência —, seria eu quem não aceitaria mais fazer um programa com ele.

***

Segui em direção ao elevador o mais rápido que eu pude, pois não queria correr o risco de ser abordada por aquele funcionário que me "escoltou" até o quarto de Marinho. Conseguia imaginá-lo aparecendo de surpresa e gritando *"é*

contra as regras pessoas desconhecidas circularem por aqui”. E, devido a toda a raiva que estava sentindo, não conseguiria me segurar dessa vez.

Pressionei o botão do térreo e respirei fundo, ainda tentando digerir o que havia acontecido lá no quarto. Mas em pouquíssimos segundos, cheguei à conclusão de que a resposta era bem mais simples. Ele era idiota e pronto, não havia mais nada.

Antes que a porta de metal pudesse se fechar, uma mulher estendeu o braço sobre o sensor, impedindo-a. A ruiva entrou e parou bem ao meu lado.

Eu senti os seus olhos cinzentos me analisando dos pés à cabeça.

— Como é que eu estou? — questionou ela, deixando-me em dúvida se ela realmente estava falando comigo. Voltei a minha atenção em sua direção e, como percebi que ela não estava com um celular ou algo parecido, tive a minha resposta. — O meu cabelo está muito bagunçado ou eu não preciso me preocupar?

Eu nunca tive o costume de conversar com pessoas estranhas em elevadores ou em qualquer outro lugar, sempre fui bem quieta e na minha. Mas sempre que um deles puxava o assunto comigo, eu respondia educadamente e, dessa vez, não foi diferente.

— Ele está bom, você não precisa se preocupar.

E ela realmente não precisava. Os seus cabelos vermelhos, assim como o restante de sua aparência, não deixavam nem um pouco a desejar.

No entanto, eu não entendi o porquê da sua pergunta já que estávamos dentro de um elevador com um espelho gigantesco. Se ela realmente quisesse saber sobre o estado de seu cabelo — ou qualquer outra coisa referente ao seu visual —, bastava se virar e olhar para trás.

Era como se ela quisesse conversar comigo. Ou o toco que levei de

Marinho havia mexido tanto com a minha cabeça a ponto de eu estar formulando teorias da conspiração. Infelizmente, a segunda opção era a mais provável.

— Ainda bem, eu não quero aqueles idiotas da recepção me encarando — continuou ela, fisgando a minha atenção ao pronunciar *"recepção"*, algo que eu também detestava. — Da última vez que eles me viram, me olharam como se eu fosse a Bruna Surfistinha.

O sorriso em meus lábios foi automático, assim como a minha identificação com ela. Eu entendia exatamente sobre o que ela estava falando; passava por isso constantemente, principalmente com aquela maldita recepção.

— Eu pensei que isso só acontecesse comigo, mas, pelo jeito, não sou a única vítima deles — respondi, levando os meus olhos em sua direção.

— Fique tranquila, você não é — continuou ela, forçando um sorriso, que eu não demorei muito para retribuir. — Sempre que eu chego aqui, eles me encaram como se a palavra "VADIA" estivesse escrita na minha testa.

— Eu sei bem como é isso, acredite… — disse a ela, lembrando-me dos olhares maldosos que eu sempre recebia. — No meu caso, eles não queriam nem me deixar pisar nesse andar, como se eu fosse uma terrorista louca.

A porta do elevador se abriu antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

— Boa noite — disse ela, despedindo-se e apressando os seus passos, provavelmente se esforçando ao máximo para não ficar muito tempo ali na recepção, exatamente o que eu também planejava fazer.

Capítulo 10 — Evento

“Eu ferrei com tudo… Eu sei, mas, acredite em mim, essa cara não facilitou nem um pouco as coisas”.

Repeti essa mesma frase durante todo o caminho, mas, infelizmente, no momento em que cruzei com Márcia, essas palavras evaporaram da minha mente.

Fiquei parada em frente a ela, sem nenhuma reação, aguardando a “mijada”.

Quando Márcia intermediou o programa entre mim e *“o cara com métodos estranhos”* — que também era conhecido como Erick Marinho —, ela deixou bem claro que eu não poderia falhar, não com ele. A mulher à minha frente chegou chamá-lo de “amigo”, o que era quase desenhar um *“não faça besteira, menina”*.

O nosso primeiro encontro foi um completo desastre, cheguei até a questionar a capacidade dele em satisfazer uma mulher. Foi tanto tiro no meu próprio pé que eu deveria tê-lo amputado. No entanto, por um milagre, Marinho quis repetir o programa. Só que em vez de consertar as coisas, eu acabei com tudo de vez invadindo a sua privacidade — ao pegar aquela porcaria de documento para descobrir o seu primeiro nome.

Em uma tradução bem literal, eu estava muito ferrada.

— Falei com aquele meu amigo… — ela começou a dizer, bloqueando totalmente o meu caminho e impedindo-me de entrar no prédio.

Respirei fundo e esperei que ela deixasse claro que eu nunca mais participaria de nenhum de seus eventos. Mesmo que fosse uma droga ouvir todas as merdas que ela tinha para me dizer, eu sabia que Márcia estava com a razão,

assim como no dia em que furei com ela.

E, então, enquanto encarava a sua expressão de poucos amigos, finalmente me lembrei daquelas palavras que tinha decorado para dizer a ela.

Mas antes que eu pudesse começar com o *"eu ferrei com tudo"*, Márcia tornou a falar: — Eu nunca o vi tão satisfeito com uma garota antes. — Ela balançou a cabeça em negação, como se não acreditasse nas próprias palavras. — Essa porcaria aí deve ter mel… — Seus olhos voltaram a se fixar em mim. — Ele fechou os próximos eventos da empresa dele com a minha agência… Então, acho que te devo um agradecimento.

— Não precisa agradecer, ele pagou muito bem pelos programas — respondi sorrindo aliviada. Não consegui disfarçar a surpresa por Marinho não ter me queimado com ela. Apontei na direção da portaria, querendo me livrar logo daquela conversa, com medo de que ela descobrisse que nem tudo estava tão bem assim. — Eu ainda tenho que me maquiar, então…

Ela deu dois passos para o lado, abrindo caminho para que eu passasse.

E como não menti que precisava começar a me arrumar para recepcionar os convidados, apressei os meus passos e juntei-me ao restante das garotas.

O ataque da minha rival começou no segundo em que eu me sentei na cadeira para começar a ser maquiada.

— Como assim ainda não deram um camarim exclusivo para a estrela do evento? — ironizou Wanessa, que não aguentava ficar nem um minuto sem me atacar. — Coitadinha de você, tão injustiçada por ser obrigada a ficar com o restante de nós, meras recepcionistas…

Encarei-a através do reflexo no espelho e retribui o sorriso sarcástico.

— Não… Eu não preciso de nada exclusivo, mas adoraria se dessem uma sala pra você e nos presenteassem com a sua ausência — respondi enquanto

continuavam a me produzir.

Tinha certeza de que outras garotas concordavam comigo. Wanessa era insuportável com mais da metade das modelos. Poucas eram as pessoas que realmente gostavam dela; a maior parte só a aturava porque, assim como eu, não tinham muita escolha.

Se ela fosse do tipo de garota de programa que batesse ponto em avenidas no centro da cidade, eu tinha certeza que seria daquelas que arrumavam confusão quando outra chegava perto. Wanessa brigaria mais do que travesti para defender o “ponto”.

O evento da noite seria a inauguração de uma nova marca de roupas, “Kmões”. Estaríamos todas trajando um vestido lilás da determinada marca, seríamos como manequins ambulantes, andando de um lado ao outro no salão. E, assim como no evento anterior, precisaríamos recepcionar os convidados — e, é claro, aceitar um programa no fim da noite, caso um deles solicitasse.

— Sai da frente, meu amor — pediu o loiro, que vestia um terno preto horrível, ao entrar na sala em que estávamos nos maquiando. Rick parou bem à minha frente e apontou para a roupa que vestia, seu dedo tocou na estampa de dragão dourada que cobria boa parte da roupa. — Olha só o que a desgraçada da Márcia me obrigou a usar?

Eu não consegui nem fingir que ele não estava horrível usando aquela porcaria.

Pensei em dizer um *“não está tão ruim assim”* ou *“pelo menos, você não vai usar isso sozinho”*.

Mas não tive tempo, outra pessoa respondeu:

— E você vai continuar usando essa droga… — comentou Márcia lá do fundo da sala, surpreendendo tanto a mim quanto ao meu melhor amigo. Tinha certeza de que ele não a chamaria de *“desgraçada”* se soubesse que ela estava

ali ouvindo tudo — E sem reclamar. — Ela se aproximou, parando bem à nossa frente. Nesse instante, para não ficar ouvindo o esporro que ela daria em Henrique, voltei a minha atenção para o cara que continuava mexendo no meu cabelo. — E você estava esperando o quê, vestir algo melhor ou igual ao que os convidados estarão usando?

Com as modelos femininas, esse problema não existia. Eles sempre nos faziam usar algo combinando — o que nos diferenciava das outras mulheres — e estava tudo certo. Mas com os meninos, era um pouco mais complicado, estavam sempre tentando deixá-los com o visual de um garçom, o que, de certa forma, eles realmente eram, assim como nós — as meninas — também podíamos ser comparadas com recepcionistas, por estarmos desempenhando essa função.

— A roupa é horrorosa, eu sei… Mas também não poso fazer nada — continuou a mulher próxima de nós dois, agindo de forma mais calma do que eu a imaginava em uma situação parecida. — Agora dá pra sair daqui e deixar as minhas meninas se arrumarem?

Rick não perdeu tempo nem se despedindo, só caminhou para fora da sala.

E, quando ele já não estava mais ali, a minha chefe — Márcia era a pessoa mais próxima que eu tinha disso — voltou o olhar para o restante das garotas.

— Mas alguém quer reclamar da roupa?

Obviamente, ninguém se manifestou.

Senti pena do meu amigo e, ao mesmo tempo, uma imensa vontade de rir daquela situação. Foi muito engraçado a maneira que ele entrou e reclamou da roupa, para, logo em seguida, ser flagrado por Márcia.

Fiquei escalada para o primeiro grupo que ficaria na porta, recepcionando os convidados que estavam chegando. Como era o começo da noite, teria o dobro do trabalho em comparação com o grupo que assumisse após o nosso

turno. E como se isso já não fosse ruim o suficiente, Márcia me colocou junto com a ridícula da Wanessa.

Mas estava decidida a fazer como da última vez, ignorar a existência daquele ser insignificante. Com tantos possíveis clientes, eu não perderia o meu tempo com ela — e esperava que ela estivesse com o mesmo pensamento.

Eu assumi a frente e passei a conferir os nomes dos convidados na lista, sorrindo enquanto desejava *"boa noite"*. Encontrei vários conhecidos — os que estavam desacompanhados até sorriam e demoravam o olhar sobre o meu rosto e corpo —, alguns deles estavam com as esposas e, nesses casos, o contato era mínimo.

Os safados sempre agiam como se nunca tivessem me visto antes e isso me fazia fantasiar as esposas descobrindo sobre a traição. Na minha imaginação — que era bem fértil, devo destacar —, brigávamos tanto que chegava ao ponto das duas rolarem pelo chão do salão enquanto o determinado marido tentava acalmar a esposa e interromper a briga. Mas, no fundo, eu sabia que aquelas mulheres eram tão elegantes, que dificilmente desceriam do salto, mesmo que o motivo fosse socar a cara da mulher que trepou com o marido dela.

Estava tão distraída conversando com as garotas que, quando um rosto familiar surgiu, fiquei completamente grogue. Mas mesmo que eu estivesse em perfeito estado, não conseguiria atendê-lo, já que Wanessa pulou na minha frente, jogando-me para o lado.

A safada conhecia bem homens de alto padrão, ela farejava o dinheiro. E o seu instinto apitou quando viu Marinho se aproximando ao lado de outro homem, que eu não me lembrava de já ter visto.

— Como é que se chamam os cavalheiros? — questionou a "modelo", praticamente se jogando em cima dos dois. Como eles ficaram em silêncio, ela continuou: — Eu meio que preciso saber o nome de vocês pra autorizar a

entrada.

“Ele fechou os próximos eventos da empresa dele com a minha agência” lembrei-me das palavras de Márcia e matei a charada.

Nesse momento, eu dei dois passos e me prontifiquei em tirar Wanessa do caminho deles.

— Desculpem a inconveniência, é que ela ainda é nova por aqui e acaba fazendo essas coisas — disse, deixando que eles entrassem. — Tenham uma ótima noite.

Os olhos esmeralda de Erick me engoliram. Pensei que ele fosse me ignorar e continuar andando, mas aquele homem não cansava de me surpreender.

— Boa noite, Sabrina — disse ele antes de voltar a atenção para o homem ao seu lado.

Quando eles se afastaram, Wanessa voou em minha direção, o que me obrigou a explicar.

— Eles são os representantes da porcaria da marca do vestido que você está usando, sua burra — deixei escapar, sem paciência para aquela idiota. — Mais um minuto prendendo-os aqui na porta e você ferraria com todo mundo.

Eu sabia que ela não tinha culpa. Eu mesmo só estava com aquela informação porque me lembrei da conversa que havia tido com a Márcia.

Mas o fato era que muitos homens — principalmente quando eram os “donos” do evento — odiavam ter que ficar parados, dizendo o nome para a modelo conferir, como se fossem um convidado qualquer.

Esses casos dificilmente aconteciam porque, na maior parte das vezes, Márcia ficava com o grupo que assumia o primeiro turno, recepcionando os convidados em primeira mão. Então, ela sabia quem era a pessoa da qual não deveria questionar o nome.

Wanessa e as outras meninas ficaram bem enciumadas ao ouvirem Erick pronunciar o meu nome. O simples fato de ele me conhecer já incomodava as “concorrentes”.

Mesmo querendo manter distância daquele cara, eu não podia dizer que não havia gostado do cumprimento.

***

Quando o meu turno na porta chegou ao fim, eu procurei por Rick. Não perderia a chance de gozar com a cara dele por causa daquela roupa com estampa de dragão.

Mas quando o encontrei, servindo bebida a um dos convidados, percebi que — pela forma que eles falavam — era melhor não interromper o “clima” que estava rolando.

Eu não seria uma “empata cliente”.

Peguei o seu exemplo e passei pelo salão, falando com alguns homens. Entreguei alguns cartões — do meu “escritório” — e reencontrei alguns dos caras que tinham desaparecido da minha lista.

Nesses eventos, nada acontecia de forma muito explicita. Assim como a prostituição na agência de modelos de Márcia, as coisas funcionavam debaixo dos panos. Ninguém dizia *“porque você parou de marcar programas comigo?”*, mas falavam *“você anda tão sumido… Apareça por lá”*.

Esses engravatados contratavam acompanhantes de luxo justamente porque não queriam que elas se parecessem com garotas de programa. Eles não queriam só as mulheres mais lindas do mercado, queriam total discrição.

Depois de “socializar” bastante, caminhei para o lado externo da cobertura, pois precisava pegar um ar.

Aproximei-me da sacada e apoiei as minhas mãos no metal. Levei os meus olhos em direção ao céu negro, iluminado pela lua cheia e as constelações. A parte mais louca ao encarar as estrelas é que percebíamos o quanto éramos insignificantes no universo. Não passávamos de um grão de areia no universo.

— Você consegue estar bonita até usando esse vestido horrível — disse a voz familiar, surgindo atrás de mim.

Eu nem me precisei me virar para encará-lo, sabia exatamente de quem se tratava.

— Esse vestido horrível é da sua marca de roupa — respondi com os olhos fixos nos prédios do outro lado da rua.

— Eu sou só um dos sócios, o meu amigo, aquele cara que chegou comigo, é o diretor executivo — disse Erick aproximando-se de mim. Ele parou ao meu lado e, mesmo sem olhar em sua direção, consegui sentir os seus olhos em mim.

— Eu… eu preciso voltar pra lá — eu disse a ele, finalmente o encarando. — Aproveite a festa… É você quem está pagando por ela.

Ele agarrou o meu braço, impedindo-me de voltar ao salão.

Isso fez com que eu encarasse aqueles olhos verdes e que me odiasse por não conseguir me desprender deles, como certamente faria se ele fosse um cliente comum.

— O meu nome é Erick Felipe Marinho e eu sou o CEO, que significa diretor executivo, das indústrias Wallver — comentou ele, ainda apertando o meu pulso. Antes que pudesse dizer que sabia bem o que era diretor executivo e que não estava entendendo nada do que ele estava me dizendo, Marinho continuou: — Sou filho único e casado, mas acho que a parte do casado você já sabia.

Com o *“sou filho único e casado”* entendi o que ele estava fazendo. Essa

era a forma que Erick Marinho encontrou para se desculpar pelo que havia acontecido no nosso último encontro. Eu, particularmente, detestei. Gostaria muito mais de ouvir o típico *"eu sinto muito"*.

— O fator filho único já explica o porquê de você ser tão mimado — respondi, não comprando aquela conversinha. — Não estou a fim de ser a sua boneca, Erick Marinho. Da última vez, você já arrancou as minhas pernas, não vou ficar e te deixar tirar a minha cabeça também.

Puxei o meu braço, desprendendo-me dele e voltei para o salão, deixando-o lá sozinho.

Detestava ser tratada como lixo. E mesmo com aquele seu pedido de desculpa — que foi péssimo, diga-se de passagem —, não estava disposta a sair com ele outra vez. Ele me fez perceber que eu estava errada, que o dinheiro nem sempre compensava.

.

Capítulo 11 — Cliente Indesejado

— Dessa vez, é sério… Ele está roubando, Jéssica! — gritou Carol, acusando Henrique de trapacear. E, pelo que eu conhecia dele, tinha certeza de que a minha irmã estava certíssima em sua acusação.

— Eu, roubando? Você está louca, menina! — defendeu-se Rick, nem disfarçando. — Não tenho culpa se sou bom nesse jogo a ponto de você achar que eu estou trapaceando.

Carol revirou os olhos e sorriu.

— Eu vi você roubando dinheiro do mercado, espertinho — continuou ela, desmascarando-o.

Voltei o meu olhar em direção a eles e sorri com a cena que se passava na sala. O meu melhor amigo e a minha irmã — basicamente, as pessoas que eu mais gostava no mundo — juntos, jogando Banco Imobiliário — e discutindo sobre um possível roubo. Não podia estar melhor.

— Eu vou terminar a pipoca e aí a gente começa de novo… — Voltei o meu olhar em direção a Rick, que estava jogado sobre o sofá. — E, dessa vez, sem roubar!

Coloquei a pipoca salgada em uma tigela e em uma menor a doce. Henrique gostava de doce e Caroline só comia salgada. Eu não tinha preferência, estava mais satisfeita em passar aquele momento com eles.

Levei as coisas para a mesinha de centro na sala e nos preparamos para começar a jogar. Como eu não era boba, já fiquei cuidando de Rick, pois ele era bem “espertinho” e sempre tentava trapacear, exatamente da forma que Carol havia dito.

No entanto, antes que a minha irmã pudesse terminar de distribuir o dinheiro entre nós três, eu ouvi três batidas na porta e a minha barriga gelou.

No mesmo instante, os olhos dos dois voaram em minha direção. O de Rick parecia dizer um *"me diz que você não fez isso, sua idiota?"*, já o da garota sentada ao meu lado fuzilava-me com um *"é sério?"*.

Não dei tempo para que um deles me acusasse de algo que eu não tinha feito.

— Eu não combinei nada com ninguém — fiz questão de deixar bem claro.

O *"eu não combinei nada com ninguém"* significava um *"eu não marquei nenhum programa"*. As tardes com a minha irmã eram sagradas, eu nunca faria algo assim — pelo menos, não depois do que aconteceu da última vez.

Como as batidas na porta continuaram, eu me obriguei a levantar e ir atender.

Lá no fundo, eu sabia que não foram apenas as batidas na porta que me tiraram da sala. Eu não aguentava olhar para os olhos de Carol e ver todo aquele julgamento lá dentro. Ela nunca havia me dito nada, mas eu sabia bem o que ela pensava e não era algo bom.

Destranquei a porta e a primeira coisa que vi ao puxá-la, foi uma gravata azul-marinho. Levantei o meu olhar e encarei o rosto de Erick, a sua barba por fazer, extremamente bem aparada e os seus olhos esverdeados.

Mas havia algo diferente nele.

Marinho estava inquieto, de uma forma que eu nunca o vi. Ele parecia um adolescente vivenciando a pressão de convidar uma menina para o baile da escola.

— Oi, Sabrina.

Depois do susto de encontrá-lo atrás daquela porta, respirei fundo, decidida a dispensá-lo.

— Como você entrou aqui?

Eu não me importei com o tom que havia acabado de usar. Não estava dando a mínima para o fato de ter soado grosseira com ele. Nós não estávamos em um programa e eu, definitivamente, já não o queria mais como cliente.

Eu não precisava mais me obrigar a tratá-lo bem.

— Eu te vi naquele dia e meio que senti vontade de ficar com você — respondeu ele, antes de sorrir.

Era a primeira vez que eu o via sorrir daquela forma, sem nenhum traço de malícia ou sarcasmo.

— Eu não perguntei o que você está fazendo aqui… Eu quero saber como entrou? — tornei a questionar, mesmo já desconfiando de sua técnica “infalível”.

— Eu meio que dei um pouco de dinheiro para o pessoal da portaria… disse que faria uma surpresa, o que, convenhamos, não é completamente mentira.

Observei mais uma vez aquela cara de pau e me permiti sorrir. Ele retribuiu o sorriso e se preparou para entrar no meu apartamento, mas, antes que ele pudesse fazer isso, eu fechei a porta em sua cara, deixando-o para o lado de fora.

Pensei que ele iria embora — e nunca mais voltaria — depois do fora que dei, mas Erick abriu a porta e entrou, deixando-me sem reação.

Por algum motivo, mesmo depois de ele ter praticamente invadido o prédio, não pensei que pudesse fazer isso. Mas fez e eu fiquei parada sem saber o que fazer.

— Você já está com algum cara, é isso? — disse ele, visivelmente irritado com o que eu havia acabado de fazer. Erick voltou o olhar para o meu rosto e

continuou: — Não vai me responder, porra?

Os meus olhos estavam fixos nas duas pessoas sentadas ao redor da mesa de jogo na sala. Como eu o ignorei por bastante tempo, Marinho seguiu o meu olhar e entendeu toda a situação.

Carol se levantou, pegou a bolsa dela e caminhou em nossa direção.

— Você não podia esperar mais uma hora, Jéssica? — disparou ela com os olhos marejados e fixos em mim. — Que droga de irmã você é?

Pensei em correr atrás dela, mas sabia que não adiantaria falar com a minha irmã — não enquanto ela estivesse com a cabeça quente.

Rick se levantou e também se aproximou da porta.

— Eu vou tentar falar com ela… — Ele voltou o olhar em direção ao Marinho e, provavelmente, o reconheceu das descrições que eu havia feito. — Ela já tinha me dito que você era um pouco babaca, mas não imaginei que fosse tanto.

Henrique também cruzou a porta e eu fiquei sozinha com o meu “ex-cliente”.

— Eu… eu sinto muito… — começou ele ao notar a “cagada” que havia feito. — Eu não imaginei que você estivesse…

— Com a minha irmã e um amigo comendo pipoca e jogando Banco Imobiliário? — eu o interrompi, não fazendo questão de disfarçar a minha raiva. Ele balançou a cabeça, concordando com as minhas palavras. — Pensou que por eu ser uma… Pensou que eu não tenho direito a uma vida normal?

Aparentemente, esse era o dia das “primeiras vezes”, pois eu nunca o tinha visto tão envergonhado antes.

— Você acha que eu não tenho uma família? — continuei, como se ele

fosse o culpado por todos os meus problemas. — Você acha que eu não sou uma pessoa?

— Ela, a sua irmã, não sabia sobre… sobre você e os programas? — perguntou-me ele, identificando o real motivo pelo meu descontrole.

Desviei o meu olhar, sem saber se queria mesmo ter esse tipo de conversa com ele, uma cara que já foi um dos meus clientes — um dos mais babacas, por sinal.

Ele caminhou em direção à porta e a fechou. Depois disso, seguiu em direção ao meu sofá e se sentou lá, mesmo sem eu tê-lo convidado.

Erick não precisava de convite para nada.

E por mais estranho que pudesse parecer, eu não queria mandá-lo embora. Eu não queria estar sozinha e ficar pensando em todos os meus problemas com Carol e no quanto ela estava certa sobre eu ser uma “droga de irmã”.

Então eu respondi a sua pergunta.

— Ela descobriu há um pouco mais de dois meses — disse, lembrando-me do momento exato. — Eu a tinha convidado pra passar a tarde aqui e acabei me esquecendo de que já tinha marcado com um cliente. E como esse cara era quase que fixo, a portaria nem ligava pra avisar… — Lembrei-me do olhar da minha irmã e tornei a me sentir destruída. — Eu abri a porta e, assim como você, ele foi entrando. Mas o cara era tão babaca que olhou pra ela e perguntou se Carol também estaria “inclusa” no pacote… Até eu tirar o imbecil do meu apartamento, ela descobriu tudo.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse me dizendo que compreendia a situação, mesmo eu sabendo que nunca poderia compreender.

— Ela não vai ficar chateada pra sempre — disse ele como se tivesse certeza de algo. — Se isso, o seu trabalho, diminuísse a forma que a sua irmã te

enxerga, ela não estaria aqui agora, mesmo sabendo das coisas que rolam neste apartamento.

Passei os meus dedos sobre as minhas pálpebras, impedindo que as lágrimas despencassem sobre o meu rosto. Erick era a última pessoa que eu queria que me visse chorando.

— Agora que ela já foi embora, você já pode me dizer o porquê está aqui — disse, mudando de assunto e aproximando-me do sofá em que ele estava sentado.

— Eu já te disse… Segundos antes de você me cortar, o que, eu não vou mentir, me deixou um pouquinho magoado — Erick respondeu, tornando a soar de forma debochada. — Mas já que você faz tanta questão, eu queria te ver… E você sabe bem de que forma.

Sim, eu sabia muito bem a "forma" que ele queria me ver. Certamente, sem nenhuma peça de roupa cobrindo o meu corpo e, de preferência, gemendo daquela forma que considerava a "verdadeira".

— É… Não vai rolar — deixei bem claro, sem muitos rodeios. — Da última vez que eu estive com você, fui praticamente expulsa do quarto porque queria saber o seu nome.

Marinho ficou tão puto por eu ter invadido a privacidade dele, fez a maior tempestade em copo d'água e dias depois, ironicamente, ele invadia o meu apartamento — em um sentido bem literal.

— Você pode invadir a minha casa, mas eu não posso saber o seu nome? — continuei, deixando muito claro o quanto a situação e a nossa relação estava longe de ser equilibrada. — Eu não sou dessas garotas que permitem que os caras a tratem como lixo, independentemente da quantidade de dinheiro que estiver no envelope no final o dia.

Ele se levantou do sofá e se aproximou de onde eu estava parada.

— Eu sei que sou um cliente complicado, mas gosto da sua companhia. — Marinho sorriu enquanto os seus olhos me fitavam. E, naquele instante, foi como se ele estivesse olhando através de mim, enxergando muito mais do que uma garota de programa. — Gosto desde aquela primeira vez, quando te encontrei vagando pela avenida… Tão perdida quanto eu.

Ele se lembrava de mim.

Erick se lembrava da nossa primeira vez juntos.

— Você… você lembra? — disse ainda não acreditando em suas palavras. Em nenhum momento, Marinho deu algum indício de que havia se recordado de mim. — Por que você nunca me disse que…

— Você também não me disse — respondeu ele, interrompendo-me de forma defensiva. — Eu… Lá no fundo, tinha esperanças de você não ter me reconhecido. — Ele sorriu sem graça, evidenciando o quanto estava desconfortável. — Eu não queria que você olhasse pra mim e se lembrasse daquele banana, do cara que deitou do seu lado naquela cama e não fez nada a noite inteira.

Se ele soubesse o quanto eu admirei aquele homem, nunca diria algo assim.

— Eu costumava gostar dele… Daquele cara — disse, desviando o meu olhar. Não conseguiria continuar se o encarasse, o seu olhar estava pesado demais para que eu o continuasse sustentando. — Não pelo dinheiro que ele deixou quando foi embora… Eu gostava da sua transparência. — Não consegui evitar a risada ao me lembrar dos momentos que passamos juntos naquela noite. — Não escondeu o medo quando descobriu que eu não tinha dezoito anos e que poderia ser preso por me levar a um motel. — Levantei o meu olhar e finalmente o fixei em sua expressão. — Ele se limitou a deitar ao meu lado e…

— Encarou o teto do quarto, morrendo de medo do que aconteceria no dia seguinte — completou o homem à minha frente. — Ele não era transparente,

Sabrina. — Marinho sorriu como se as coisas que eu estava dizendo não fizessem sentido, como se fossem uma grande piada. — Ele era covarde.

Eu não o deixaria estragar uma memória tão boa.

— Eu… eu acho melhor você ir embora — finalizei, não gostando do rumo daquela conversa, que já havia se tornado sentimental demais.

— Só vou se você me prometer que vai encontrar um horário na sua agenda pra mim — insistiu ele, deixando-me em dúvida sobre algo que eu pensei ter certeza. Ao notar que eu continuaria calada, Erick prosseguiu, tentando me ganhar por exaustão: — Então, o que vai ser? Vai concordar ou eu vou ter que continuar aqui, enchendo o teu saco?

Depois de mais alguns segundos de silêncio, Marinho voltou para o meu sofá e se sentou lá, deixando bem claro que não levantaria até que eu concordasse em atendê-lo. Ele sabia ser bem convincente quando queria — isso eu era obrigada a admitir.

— Tudo bem, você ganhou — disse, cedendo a sua pressão psicológica. — Eu ligo pra gente marcar um dia.

— Negativo, mocinha… — rebateu ele, folgando-se ainda mais em meu sofá. — Eu não quero — Ele fez aspas com os dedos — “um dia”, eu quero algo próximo.

Fiquei em silêncio por alguns segundos e foi tempo o suficiente para que eu percebesse que essa era a única forma de tirá-lo da minha casa.

— O.K. Eu te ligo pra gente marcar a porcaria do programa — respondi dizendo exatamente aquilo que ele queria ouvir. — Agora, dá pra sair do meu sofá?

Ele sorriu de forma vitoriosa e se levantou. Após demorar os seus olhos esmeralda sobre o meu rosto, Erick Marinho finalmente deixou o meu

apartamento, dando-me um tempinho para respirar.

Capítulo 12 — Depois do Choque

Eu cumpri a minha promessa e liguei para o Erick, disposta a aceitá-lo novamente como um cliente — mesmo com todos os meus instintos se colocando contra essa ideia. E, durante a ligação, não houve nenhuma discussão, nem mesmo um mínimo deboche da parte dele, assim como nenhuma grosseria da minha.

Resolvemos tudo o que tínhamos para resolver como duas pessoas civilizadas.

Combinamos um encontro no final da semana — no sábado, o único dia disponível em minha agenda —, Marinho não tentou me lembrar do quanto ele era um cara importante e ocupado — merecedor da minha total disponibilidade — e isso, tê-lo concordando tão facilmente com algo, provavelmente, foi a parte mais estranha da ligação.

O restante da semana passou bem devagar.

Os meus problemas transformaram os cinco dias restantes em uma verdadeira eternidade, era como se a semana nunca mais fosse acabar. E, obviamente, a minha irmã mais nova estava envolvida nisso.

Carol ainda não havia me desculpado pelo que aconteceu em sua última visita à minha casa. Ela pensou que eu tivesse, mais uma vez, marcado um programa no mesmo horário em que havíamos combinado de passar juntas. O assunto “programa” em si já era complicado demais para discutir com ela — uma adolescente com apenas dezesseis anos —, então eu não quis forçar a barra, cercando-a contra a sua vontade.

Ela precisava de um momento só pra ela e eu sabia bem disso.

No entanto, o grande problema em deixá-la ter esse tempo para me perdoar, era que eu acabava ficando totalmente no escuro quanto à convivência dela naquela casa com o nosso padrasto. Eu estava com medo de acontecer alguma coisa e, por estar chateada comigo, ela acabar não me informando.

Essa hipótese roubava todo o meu sono, fazendo com que eu me revirasse a noite inteira em cima da cama.

Rick até tentava me tranquilizar dizendo que, eventualmente, ela voltaria a falar comigo, que éramos uma família e dificilmente nos separaríamos. Mas não era fácil acreditar nessas coisas, não quando eu estava no centro do problema, bem no olho do furacão.

Quinta-feira foi o dia mais corrido da minha semana. Atendi vários clientes, organizei o meu apartamento e fiz outras coisas, tentando me deixar completamente sobrecarregada. Essa foi a forma que encontrei para não pensar em tragédias a cada três minutos e enlouquecer com as centenas de possibilidades envolvendo a minha irmã, o padrasto e a idiota da minha mãe — uma péssima combinação, diga-se de passagem.

No final dessa mesma noite, Erick ligou para me informar detalhes sobre o nosso programa. E diferentemente do que eu imaginei, nós não nos encontraríamos no *Star Palace Hotel*, como nas duas últimas vezes. Ele, estranhamente, me pediu para encontrá-lo em um restaurante do outro lado da cidade.

Pelo que consegui captar da conversa, o nosso encontro no sábado se limitaria a um jantar, que ele intitulou como um *“jantar de negócios”*.

Como eu já o conhecia, sabia que Marinho não me levaria para um jantar sem uma segunda intenção engatilhada.

Havia alguma coisa de muito errada naquela história.

E, infelizmente, não faltava muito para que eu descobrisse o que era.

***

Na sexta-feira à tarde, eu tinha um encontro marcado com um cliente, outro dos “amigos” de Márcia — outro que eu também não tinha ideia de quem era. Como se não bastasse o fato de ser obrigada a perder trinta por cento do valor do programa — dessa vez, ela quis a comissão —, o cara ainda insistiu que o nosso “compromisso” fosse no *Star Palace*.

Depois de todas as coisas que aconteceram entre mim e Marinho, somado ao pessoal ridículo daquela recepção, eu acabei pegando uma espécie de birra do lugar, ainda que fosse um dos hotéis mais luxuosos da cidade.

O nome do cliente era Alexandre. Eu até estranhei quando Márcia me disse com todas as letras, já que esses homens mais poderosos não gostam muito de revelar o nome antes — e alguns, como o próprio Erick Marinho, nem mesmo depois — do programa.

Quando cheguei na recepção, a primeira coisa que notei foi a ausência da loira aguada atrás daquele balcão. Logo em seguida, percebi que a maior parte dos rostos das pessoas que trajavam o uniforme do hotel era totalmente diferente do que eu me lembrava.

Sorri ao me dar conta de que o meu primeiro cliente cumpriu o que havia me dito.

Lembrei-me de quando ele questionou *“quem mais te irritou?”*. Eu havia respondido *“todos naquela recepção”* — ou algo parecido —, antes mesmo de saber que ele era o dono do lugar.

E mesmo depois de descobrir sobre isso, nunca imaginei que ele realmente demitiria os funcionários que me “irritaram”.

Sem dúvida alguma, eu teria um lugarzinho “VIP” no inferno, já que não sentia nem um pouco de remorso pelo pedido — por mais que indireto — que eu

havia feito. Só o fato de estar ali, na recepção, e não haver ninguém me encarando como se eu fosse uma ladra ou puta — nesse caso, não estavam tão errados assim — era bom demais.

— Sabrina Lancaster — confirmei o meu nome para a recepcionista.

Depois de analisar as coisas na tela de seu computador, a moça — que dessa vez era morena — sorriu.

— Certinho, eu encontrei a reserva aqui, Sabrina. O quarto fica no segundo andar, número vinte um — respondeu ela, deixando-me extremamente satisfeita pela agilidade.

Como a recepcionista não me deu um cartão para abrir a porta, eu sabia que o meu cliente já devia estar lá no quarto, esperando por mim. Mas a melhor parte não foi nem o atendimento rápido sem rodeios — ou olhares me julgando —, mas o fato de ela não mandar ninguém atrás de mim, como um cão de guarda, vigiando cada um dos meus passos.

Caminhei em direção ao elevador e, ao entrar reconheci a mulher que estava ali dentro, retocando a maquiagem no grande espelho. Encontrei-me com ela na última vez em que estivera ali — exatamente naquele elevador —, pouco tempo depois de Marinho praticamente me expulsar do quarto em que estávamos no terceiro andar.

Como nós não éramos nem mesmo conhecidas, eu não quis cumprimentá-la — muito menos puxar assunto. Simplesmente, parei ao seu lado e cliquei no botão do segundo andar, mantendo o meu olhar no chão.

— O que você achou do novo pessoal? — disse ela, tirando-nos do silêncio assim que a porta metálica se fechou. Antes que eu pudesse responder, ela continuou falando: — Alguém te olhou estranho ou…?

Levantei o meu olhar, voltando-o em direção a ela, que continuava se arrumando.

— Não… Eu ainda nem acredito que já posso entrar neste hotel sem precisar me controlar para não socar a cara da recepcionista — respondi sorrindo ao imaginar a cena em que eu golpeava a antiga ocupante do cargo. — E quanto a você, continuam te encarando como se você fosse a Bruna Surfistinha?

Ela riu e, enquanto terminava de passar o batom vermelho, respondeu: — Não, agora eles me encaravam com um olhar que diz só “VADIA” e isso já é um bom avanço.

Observei que ela havia pressionado o botão para o terceiro andar — o mais luxuoso de todos — e não consegui deixar de questionar algumas coisas.

— Pelo jeito, você vai se encontrar com um figurão hoje — comentei ainda encarando o botão. — O terceiro andar daqui é bem exclusivo, só gente de alto nível consegue reserva.

Ela sorriu e guardou a maquiagem em sua bolsinha preta. Como a ruiva não respondeu de imediato, conclui que acabei falando demais, perguntando coisas que não deveria e “passado do ponto”, torrando o clima.

— Ele é bem importante mesmo… — disse ela, aliviando a minha tensão. — Não sei se chega a ser um “figurão”, mas acho que vou me dar muito bem.

Com essas palavras, a mulher ao meu lado matou todas as minhas dúvidas sobre ela ser ou não uma garota de programa.

Chegamos ao meu andar e a porta se abriu. Virei-me e sorri, despedindo-me dela com um *“boa sorte com o figurão”*. Eu sabia que com todo aquele charme, ela nunca precisaria de algo como sorte.

Eu já desconfiava que de que a ruiva também era garota de programa desde a última vez que a encontrara no elevador, saindo do terceiro andar. No entanto, como ela parecia refinada demais — até mesmo para uma acompanhante de luxo —, não tive certeza. Mas a nossa pequena conversa de hoje me deu todas as respostas e, é claro, colocou novas dúvidas.

Por mais que, da última vez, ela já estivesse nesse andar exclusivo, não consegui deixar de me perguntar se ela estava lá em cima com Marinho. No momento em que pronunciei o “figurão”, foi a imagem dele que veio até à minha mente — aquele rosto lindo e, principalmente, o seu sorriso sacana.

E o simples fato de eu estar parada, praticamente sentindo ciúmes pelo fato de Erick estar saindo com outra acompanhante além de mim, fez com que eu percebesse que deveria ir direto para o quarto do meu cliente e deixar de pensar nessas coisas idiotas.

Entrei no quarto vinte e um e, no mesmo instante, já notei a diferença entre esse quarto com a suíte presidencial em que eu ficava com Marinho. Era menor e bem menos luxuoso, sem a vidraça incrível ou qualquer um dos atributos do andar de cima. Mas, ainda assim, estava muito longe de ser algo ruim. Afinal, tratava-se de uma suíte no *Star Palace*.

O meu cliente estava sentado sobre a cama. Com as mãos apoiadas sobre os joelhos. Ele estava visivelmente ansioso para o encontro, dando-me a impressão de que, diferentemente dos meus clientes mais poderosos, ele não estava acostumado a se encontrar com “acompanhantes”.

Instantes depois de eu cruzar a porta, o cara se levantou e caminhou em minha direção, para, pasmem, me recepcionar.

Quando ele se aproximou, eu o reconheci no mesmo segundo. Alexandre era o dono da marca “Kmões” — a do vestido lilás horrível —, o homem que chegou ao último evento acompanhado de Marinho.

O programa seria com um dos amigos de Erick.

Capítulo 13 — Indicação

Foi impossível não chegar à conclusão de que Erick havia me indicado.

Lembrava-me bem do momento em que ele se referiu ao Alexandre como um amigo — quando estávamos lá na sacada do prédio, durante o evento de Márcia. Talvez ele quisesse que o seu colega me provasse também, o que não era algo tão incomum assim.

— Tudo bem? — questionou ele depois de me cumprimentar com um beijo no rosto. Respondi com um aceno de cabeça, seguido de um sorriso. — Eu sou o Alexandre e te vi naquela festa e…

— O que você acha de a gente falar um pouquinho menos e começar a fazer um pouquinho mais, hein? — fiz a proposta, interrompendo toda aquela conversa desnecessária; não queria ter que ouvir que Marinho me recomendou.

Aproximei-me do loiro e encarei os seus olhos cor de mel. Coloquei a minha mão sobre o seu peito e o empurrei para a cama, já gostando um pouco mais da ideia de transar com o amigo de Erick, que, assim como o próprio, era muito gostoso.

Deixei de pensar no outro cara e foquei toda a minha atenção para o homem que estava parado bem à minha frente, queria me dedicar exclusivamente a ele durante essa hora de programa, dar a mesma atenção que sempre dava aos meus clientes.

Dei mais um empurrãozinho, sentando-o na cama e removi a cinta de sua calça social, antes de abaixá-la completamente. E diferentemente do amigo dele, Alexandre me deixava conduzir, realmente fazer o meu trabalho. Não existia toda aquela questão da “dominação”.

Passei a minha mão sobre o volume na cueca cinza, provocando-o. Mas não o torturei muito, arrancando-a também e, consequentemente, chegando até o seu membro.

O pau dele não dos maiores, mas também não podia ser considerado pequeno. Em compensação, ele era bem cabeçudo e isso me deixou bem ansiosa para começar a lamber aquela glande rosadinha.

Ajoelhei-me e fiquei de frente para o seu sexo. Comecei a massegeá-lo com um “vai e vem”, deixando-o naquele ponto de bala.

Eu sempre buscava endurecê-los antes de colocá-los em minha boca, adorava senti-los crescendo em minha mão, conforme eu aumentava os movimentos, masturbando-os. E como eu era muito boa no que oferecia, não demorou muito para que o cacete à minha frente estivesse duro como uma barra de ferro.

Com isso feito, eu não tinha mais desculpas para não abocanhar aquele caralho. Obviamente, fiz um pouquinho de charme, voltando o meu olhar para o rosto de Alexandre no segundo em que comecei a lamber a cabeça do seu pau. Fiz isso bem lentamente, observando o prazer invadindo a sua expressão facial.

Afastei a minha boca do seu mastro.

— Você gosta das inocentes, Alex?

Precisei me segurar para não soltar um “também”, fazendo alusão ao amigo dele.

Ele riu de forma maliciosa e balançou a cabeça, negando.

— Inocentes? Não… Eu gosto mesmo é das safadas — respondeu ele antes de agarrar o meu cabelo e pressionar a minha cabeça contra o seu cacete.

Por um instante, pensei que ele não fosse do tipo de cara que tomava atitude, com aquela pegada gostosa. Mas estava bem enganada. Alexandre sabia

ser bem safado quando queria, a sua mão agarrando os meus cabelos só comprovava isso.

— Chupa olhado pra mim, Sabrina — pediu ele, ainda controlando o ritmo em que o caralho entrava e saía da minha boca. Voltei o meu olhar em sua direção e fiz da forma que ele pediu. — Isso… Eu gosto assim.

Ao contrário de Marinho — que era tão desbocado quanto eu —, a palavra mais "suja" que ele usou foi "safada". Mas Alexandre não precisava me chamar de "puta" ou "vagabunda" para me deixar excitada. O seu olhar já estava dando conta do recado, pois os seus olhos escuros diziam-me todas essas coisas, eles refletiam o seu desejo.

Ele se levantou da cama, ficando em pé à minha frente. A sua mão continuava me mantendo presa, uma refém daquele pedaço suculento de carne.

Eu sabia o que Alex faria antes mesmo dele me pressionar conta a sua virilha, engasgando-me em seu caralho.

Sem hesitar, ele começou a foder a minha boca com força, metendo bem fundo. Conforme eu ia me engasgando, me sujava com a mistura de porra e saliva que escapava da minha boca. Era algo muito sujo, mas prazeroso na mesma proporção.

Notei que, se continuasse daquela forma — principalmente, naquele ritmo —, terminaria o programa lavada de esperma. Então tirei a minha roupa, ficando apenas de lingerie. Usava um conjuntinho azul e, dessa vez, torcia para que ele não fosse tão selvagem quanto Marinho, arrancando à força e, consequentemente, destruindo tudo.

Afastei o meu cabelo que caiu sobre o meu rosto, tentando não melecá-lo também e tornei a chupar aquele picolé de carne. E quando o bonitão me deu uma folga, deixando de socar com força na minha boca, eu voltei a minha atenção para as suas bolas grossas. Como Alexandre não possuía muitos

pentelhos, eu chupei aqueles bagos com bastante gosto, enfiando-os um de cada vez em minha boca.

— Ah, eu estou quase… quase gozando… — sussurrou ele, entre os gemidos. Alex afastou a sua rola de minha boca e se abaixou também. O cliente removeu o meu sutiã de forma cuidadosa e apertou os meus seios, sentindo-os com as mãos. — Eu quero meter nessas tetas… Posso?

O fato de ele me perguntar se podia, enquanto me encarava apreensivo à espera da resposta fez com que eu sorrisse, divertindo-me com a situação. Chegava a ser engraçado a forma que ele me tratava.

Balancei a minha cabeça, confirmando positivamente a sua pergunta.

Com o meu aval, ele voltou a se levantar e eu me inclinei, encaixando o seu caralho entre os meus seios. Alexandre não perdeu tempo e começar a “meter” neles. Para apimentar ainda mais as coisas, coloquei a minha língua para fora e em determinados momentos, quando as estocadas eram mais fortes, a cabeça melada de seu pau tocava nela.

Não demorou muito para que ele gozasse, sujando-me completamente.

Apertei o seu caralho em minhas mãos e dei mais uma chupada, fazendo-o urrar de prazer. Mamei Alexandre por mais alguns minutinhos e me levantei.

— Vou tomar um banho antes de ir embora… — comentei, encarando o seu rosto, que estava todo vermelho, uma consequência do êxtase, que o atingiu em cheio.

— Claro, fique à vontade! — respondeu ele sempre muito educado.

Caminhei em direção ao banheiro e parei na porta, voltando a minha atenção a ele.

— Alex? — chamei-o, trazendo a sua atenção de volta para o meu rosto. — Esse é o momento em que você me segue até o banheiro e come debaixo do

chuveiro.

Não precisei chamar de novo, Alexandre entendeu muito bem o recado. Ele pegou uma camisinha no bolso da calça e caminhou em minha direção.

No instante em que cruzei a porta, tirei a minha calcinha e segui para o chuveiro, que ficava do lado esquerdo do espaçoso banheiro. Eu o liguei e voltei o meu olhar para a porta, esperando Alex tirar a roupa e entrar no box.

Chamei-o com um gesto de mão e com um sorriso safado nos lábios. E isso foi um grande incentivo para que ele arrancasse aquelas roupas sociais e viesse me encontrar, embaixo de toda a água.

Seus olhos me fitavam.

Depois daquele seu olhar 42, Alexandre se abaixou e beijou o meu pé. Voltei o meu olhar para o chão, tentando entender o que ele estava fazendo. O segundo beijo foi na curva do meu tornozelo, o terceiro um pouco mais a cima. Ele prosseguiu com a sua trilha de beijo, passando por minha coxa e chegando ao meu sexo, que ele não hesitou em beijar também.

Seus beijos continuaram, passando por minha barriga e seios, até que ele voltasse a ficar em pé, quando tomou a iniciativa e beijou a minha boca.

Pensei que ele fosse parar e questionar com um “posso?”, mas, dessa vez, ele não estava buscando por uma autorização.

Quando os nossos lábios se afastaram, eu me virei, colocando os meus seios na parede gelada e virei o meu pescoço, olhando para trás e o flagrei, todo desajeitado, tentando colocar a camisinha no pau.

Foi impossível não sorrir com a cena.

Após resolver o “probleminha”, Alex se aproximou, colando o seu corpo ao meu. Suas mãos pararam em minha bunda, mas não demoraram muito ali, cedendo lugar ao seu caralho, que deslizou por minha fenda.

Diferentemente do sexo oral — quando ele fodeu a minha boca com força —, as estocadas eram calmas. Ele me devorava sem pressa ou afobação. Fazia isso enquanto desferia vários beijos pelo meu pescoço.

O amigo de Marinho era o típico “romântico”.

E por mais que eu não curtisse muito esses — pelo menos, não tanto quanto aqueles que causavam um “impacto” —, estava gostando de Alexandre. Ele era bem tranquilo, mas também sabia muito como agradar. E o seu jeito bobo me divertia bastante, fazia bastante tempo que eu não ria — de forma verdadeira e não para fazer um charme — em um programa.

Seus lábios subiram até a minha orelha, que ele mordiscou levemente, enquanto continuava metendo em um ritmo constante.

Mesmo naquela posição, com a água ainda caindo sobre as nossas cabeças, continuava sentindo o seu perfume maravilhoso. E isso me lembrava de Rick dizendo que não existia algo mais gostoso do que um homem perfumado.

Seu pau se desencaixou de mim. Pensei que ele já tinha gozado e que poderia começar oficialmente o meu banho, mas então ele me virou, deixando-me novamente à sua frente, com os nossos rostos quase colados.

Seus olhos cor de mel brilhavam intensamente.

Sem aviso prévio, ele me agarrou pelas pernas e me ergueu, pegando-me no colo, sem desviar o olhar de mim. Sua expressão estava séria e extremamente confiante, completamente o oposto de como costumava estar lá no quarto, perto da cama.

Alex encostou-me na parede com cuidado e o seu cacete tornou a me invadir e com mais força dessa vez. As metidas eram mais firmes e profundas.

Sua respiração ficou bem ofegante, assim como a minha. Seus lábios encontraram os meus em um beijo quente, embaixo de um monte de água

gelada. Nós éramos um choque térmico. Sentia-me tão quente que parecia que o meu corpo poderia entrar em combustão a qualquer momento.

Em seus braços, atingi o tão raro êxtase. O seu perfume, a água gelada, o caralho entrando e saindo, tudo isso fez com que eu gemesse alto.

Até que o “bobinho” era bem esperto, sabia bem como foder gostoso.

— Tá gostando? — questionou ele, surpreendendo-me com a pergunta.

Dificilmente alguém questionava isso.

Na maior parte das vezes, costumava ser um “tá gostando, né safada?”, que funcionava muito mais como uma espécie de autoafirmação. Os caras só estavam se vangloriando por acharem que eram fodas demais ao ponto de satisfazer a “puta”. Ninguém realmente queria saber se eu estava mesmo aproveitando o sexo — e eu não os culpava, já que eles estavam pagando para isso.

Mas com Alexandre era diferente.

Ele esperava pela minha resposta.

Eu balancei a minha cabeça, dando-lhe uma confirmação.

E isso fez com que ele continuasse, aumentando mais os seus movimentos. Alex provavelmente levou a minha resposta como um *“missão cumprida”* e se preparou para gozar também.

Como eu havia pensado no instante em que entrei no quarto e ele se aproximou para me cumprimentar com um beijo no rosto, Alex não tinha muita experiência com garotas de programas ou acompanhantes de luxo. Eu, muito provavelmente, era a sua primeira.

Capítulo 14 — Revelação

Depois de realmente tomar um banho — um que não envolvesse nenhum tipo de “brincadeira” debaixo do chuveiro —, eu deixei o banheiro e tornei a vestir as minhas roupas. Sequei o meu cabelo com uma das toalhas do hotel mesmo e me preparei para ir embora, pois ainda precisava me arrumar para um encontro com outro cliente.

As minhas sextas-feiras costumavam ser sempre cheias, os engravatados deixavam os seus escritórios animados para curtir o início do fim de semana. E em muitos dos casos, essa curtição me envolvia.

Peguei as minhas coisas e voltei o meu olhar em direção a Alexandre, informando-o de que já estava de saída. Assim como eu, ele também estava se trocando, colocando as roupas sociais de volta em seu corpo.

— Eu já vo…

— Deixa que eu te acompanho até lá embaixo… — ofereceu ele, desviando o olhar para o chão, encaixando o pé direito no sapato. — Só deixa eu terminar de calçar isso aqui.

Eu balancei a minha cabeça, negando no mesmo instante.

— Imagina, não… não precisa.

Ele sorriu e continuou, insistindo: — Eu faço questão.

Eu fui vencida por sua insistência. Acabei cedendo, deixando que ele me levasse até a recepção. E por mais que eu não admitisse em voz alta, gostaria de tê-lo me levando até lá embaixo. Sendo assim, deixamos o quarto no segundo em que terminamos de nos vestir.

Pela forma que Alexandre se portava — revelando o seu nome antes do

encontro, oferecendo-se para me acompanhar até a recepção, entre outras coisas nada comuns —, eu supus que ele não devia ser casado e nem mesmo comprometido.

O amigo de Erick não tinha medo de exposição e deixou isso bem claro.

Pegamos o elevador e descemos até o térreo. O loiro continuou caminhando a meu lado como se fôssemos uma espécie de casal. Quando chegamos à recepção, eu avistei a ruiva que já nem era tão desconhecida assim. Inclusive, já havia encontrado com ela mais cedo, quando eu estava subindo para o quarto de Alexandre. E, nesse mesmo encontro, ela praticamente revelou que também era uma acompanhante de luxo, confirmando uma suspeita que eu já tinha.

Como eu estava acompanhada, não me preocupei em cumprimentá-la, sabia que ela faria o mesmo se estivesse em minha posição. Nós sempre colocávamos os nossos clientes em primeiro lugar.

Mas, quando nos aproximamos de onde ela estava parada, encarando a tela do celular, os olhos de Alexandre foram fisgados, passando-me a impressão de que ele a conhecia — o que não fazia nenhum sentido.

Durante todo o encontro, Alex agiu como se nunca tivesse contratado uma garota de programa. E não foi ele que me disse isso, foram todas as suas ações — que sempre significam mais do que palavras. Então, não havia muita lógica ele conhecê-la — principalmente o serviço que ela oferecia — e se portar daquela maneira durante um programa comigo.

— Victória? — questionou ele assim que ficou perto o suficiente para que ela o ouvisse.

A ruiva se virou, deixando a tela do celular de lado e focando no rosto de Alex. Através de sua expressão facial, eu soube que ela ficou mais surpresa do que o homem ao meu lado.

Com a guerra de olhares disparando entre os dois, eu me senti

completamente invisível — uma mera figurante naquela cena.

— O que você… O que você está fazendo aqui no *Star Palace*? — questionou o loiro, deixando-me extremamente confusa com toda a situação rolando bem à minha frente.

Eu só deixei de me sentir excluída no momento em que os olhos de Victória correram em minha direção, finalmente se dando conta da minha presença. Ela sorriu ao me observar ali, ao lado de um cara que ela também devia atender. Esse sorriso foi completamente indecifrável, ele poderia significar deboche e, ao mesmo tempo, cordialidade.

— Eu sou a dona do hotel, esqueceu? — respondeu, como se aquela sua resposta fosse algo bem óbvio. — Eu é que deveria te perguntar o que você faz aqui… — Os seus olhos tornaram a me queimar de forma intensa e, nesse instante, reconheci o sorriso em seus lábios vermelhos. Eles eram do mais puro deboche. — Mas acho que já sei qual é a resposta… É como dizem, homens são tão previsíveis…

Ela desviou o olhar e tornou a encarar o celular, deixando a mim e Alex de lado. A ruiva misteriosa nos dispensou sem dizer uma única palavra.

Com aquele baita “fora”, o homem que me acompanhava tornou a andar e eu o segui, afastando-me da “proprietária” do hotel, cheia de questionamentos relacionados à pequena conversa que presenciei.

Pensei em ignorar tudo, em não misturar as coisas e, mais uma vez — já estava virando rotina —, não ferrar com tudo bem no final do encontro, mas eu não me aguentei, aquelas coisas estavam me consumindo.

As palavras pularam para fora da minha boca, como se tivessem vontade própria. Ou talvez a minha burrice que fosse grande demais.

— Eu pensei que esse hotel fosse daquele seu amigo — arrisquei o comentário, obviamente jogando verde com ele.

Felizmente, Alexandre não tentou entender como eu sabia que ele era amigo de Marinho.

— Do Erick? — indagou ele mordendo a minha isca e deixando-me fisgá-lo como um peixe.

Balancei a cabeça confirmando e, consequentemente, puxando a vara de pescar, terminando de enfiar o anzol em sua carne deliciosa.

— E ele realmente é… — completou Alex, voltando os seus olhos cor de mel para o relógio prateado em seu pulso. Depois de verificar o horário, ele tornou a me encarar. — Victória é a esposa dele.

Capítulo 15 — Descontrole

Todo o meu equilíbrio emocional desapareceu no instante em que Alexandre abriu a porta do táxi para que eu entrasse — sim, ele esperou junto comigo o carro chegar, abocanhando a primeira posição no ranking dos meus clientes mais estranhos.

Assim que o taxista deu partida, eu peguei o meu celular e liguei para o meu melhor amigo. Precisava desabafar com ele, narrando tudo o que havia acabado de acontecer.

Por sorte — ou azar, no caso dele —, Rick não estava com nenhum cliente e conseguiu me atender.

Não esperei nem ele dizer o *"alô"* e já fui contando o relato do *"aconteceu comigo"*. E como ele notou que eu estava "um pouquinho" — basicamente, muito — afetada com toda aquela história, convidou-me para dar uma passada no apartamento dele, para que a gente pudesse conversar melhor.

Fazia muito tempo que não tínhamos uma noite assim — em que dormiríamos tarde, depois de conversar por horas sobre os homens em nossas vidas —, a última mesmo foi quando ainda morávamos juntos.

Depois de seu convite, eu fiz o motorista mudar a rota e ele me garantiu que chegaríamos lá em alguns minutos. Nesse meio tempo, abri a conversa com a minha irmã e constatei, mais uma vez, que ela ainda não havia respondido ao meu *"como é que estão as coisas por aí?"*.

Carol não estava me dando "um gelo", ela havia me colocado em uma geladeira. Eu já estava completamente congelada por todas as vezes em que ela me ignorou. E como a culpada por tudo era eu mesma, não tinha nem o direito de ficar com raiva.

Assim que cheguei ao seu apartamento, Henrique me fez repetir toda a história outra vez. Ele optou por dar a sua opinião só depois que eu já havia acabado.

— Tá bom, essa parte de que ela sabia de tudo, eu compreendi. Só não entendi ainda qual era aquela coisa horrível que eles fizeram com você?

Revirei os meus olhos, não acreditando no que escutava — não depois de explicar tudo nos mínimos detalhes para ele.

— Como não, Henrique? Eles me usaram!

Em minha mente, isso estava muito claro. Erick e a esposa provavelmente me envolveram em uma espécie de fantasia erótica em que a esposa fica no quarto ao lado ouvindo o marido transar com uma garota de programa. Eu não sabia como alguém podia achar isso sexy, mas essa era a única explicação para o fato de ela estar lá no mesmo dia em que eu e ele nos encontramos.

— Você cobrou um valor pra transar com ele… Pra ser usada por ele… Certo? — Confirmei com a cabeça e ele prosseguiu. — E até onde eu sei, o cara te pagou muito bem… Certo? — continuou ele, defendendo o casal do mal. — Então, qual é o problema se a mulher dele sabia o tempo todo, Sabrina?

Ele não conseguia entender a forma que eu enxergava.

— Ela se aproximou de mim, conversou comigo mais de uma vez no elevador… Puxou conversa e…

— Isso não parece grande coisa pra alguém que já atendeu casais… Parece? — O meu amigo me interrompeu, ainda não entendendo toda a tempestade que eu estava fazendo em cima daquele assunto, um copo de água bem pequeno. Seus olhos fitaram o meu rosto e, só então, ele começou a entender parte do que estava rolando. — Espere um pouco… O que você não está me contando, Sabrina Lancaster?

Droga.

Havia sido flagrada.

Fechei os meus olhos e, de forma bem hesitante, revelei tudo a ele. Eu estava cansada de guardar aquele segredo, que podia até parecer algo bobo, mas que também revelava outra coisa — uma que eu ainda não conseguia admitir, nem mesmo para mim.

— Eu… eu já o conhecia… O Erick… — sussurrei, com os olhos voltados para o chão, fitando o tapete da sala. Por algum motivo, estava bem envergonhada. — Ele… ele foi o meu primeiro cliente.

Contei toda a minha história para ele — dessa vez, sem nenhuma parte censurada. E, só então, o meu melhor amigo foi compreender o porquê de todo o meu descontrole com algo tão bobo.

A tempestade não estava no que havia acabado de acontecer.

Ela estava em minha mente.

— Ah, meu Deus… — respondeu ele, não fazendo questão de esconder o quanto estava chocado. — Você está gostando dele?

O *"você está gostando dele?"* não era uma pergunta, por mais que tivesse sido soado em forma de questionamento.

Henrique estava afirmando.

Eu me odiava por isso, mas realmente gostava de Erick Marinho, mesmo ele sendo um cavalo, daqueles que estavam sempre dando coice em alguém.

E o simples fato de notar que todos os nossos momentos juntos foram uma espécie de brincadeira entre ele e a mulher — uma coisa deles —, fez com que eu ficasse sem nada para me agarrar, nada além daquele momento no motel no dia em que nos conhecemos.

Isso era completamente patético — ou algo ainda pior, vindo de uma garota de programa —, mas ainda não deixava de ser verdade.

Não era uma paixão, mas era alguma coisa — o suficiente para me fazer enlouquecer por uma coisa tão boba. Pela primeira vez desde que comecei nesse ramo, estava me envolvendo emocionalmente com um cliente.

Não, era bem mais do que isso.

Pela primeira vez em toda a minha vida, eu estava gostando de um homem.

— Eu sei que sou a última pessoa que pode te aconselhar em um caso assim, mas… Olhe pra mim, amiga… — disse ele, forçando um sorriso sem graça. — Sempre termina de uma forma péssima pra gente.

Eu não acreditava que estava mesmo tendo aquela conversa com Rick, que eu estava mesmo confessando para ele que sentia algo por um cliente — uma coisa totalmente ridícula vindo de alguém que sempre o criticou por se envolver demais.

— Eu não vou alimentar isso, amanhã mesmo resolvo tudo isso com ele naquela porcaria de jantar — disse a Henrique, ansiosa para colocar um ponto final naquela conversa de romantismo barato.

Antes que eu pudesse mudar de assunto, provavelmente comentando sobre os problemas com a minha irmã, ele tornou a falar, questionando: — E você ainda vai a esse jantar?

Foi impossível não esticar os meus lábios em um sorriso.

— Recusar, depois de descobrir sobre esse lance com a esposa? — disse, jogando o meu corpo para trás, toda sorridente. — Meu amor, eu não perderia por nada!

Capítulo 16 — Exclusividade

— Senhora Lancaster? — questionou o recepcionista no instante em que eu informei que tinha uma reserva em nome de Erick Marinho. — Poderia me acompanhar, por gentileza?

Concordei com um aceno de cabeça e passei a segui-lo pelo salão, que estava praticamente lotado.

Quando as melhores mesas começaram a ficar para trás, eu fiquei um pouco desconfiada. O meu "acompanhante" — bem irônico, não? Já que na maior parte das vezes eu que o "acompanhava" — não era do tipo de homem que aceitava estar em um lugar ruim, espremido no fundo do salão.

E como eu já desconfiava, realmente existia algo ali.

Tive essa confirmação no instante em que subimos uma escadaria para um andar do restaurante que eu nem mesmo sabia da existência.

Das duas únicas vezes em que eu estivera ali — depois de lutar muito para conseguir uma reserva —, eu nunca fiquei sabendo desse outro salão.

Minha última vez no *"Grigori's"* foi quando Juliano — um dos meus clientes mais antigos — me levou para jantar. Era aniversário dele e, estranhamente, o engravatado quis comemorar essa data ao meu lado — ignorando a esposa e os filhos que ele deixou no Rio de Janeiro com a desculpa de que estaria viajando a trabalho.

Mas a primeira foi há mais de dois anos, quando a minha lista de clientes começou a disparar, crescendo de forma descontrolada. Com o aumento do faturamento, Rick e eu decidimos comer no restaurante mais caro da cidade.

"Nós merecemos ser como eles por uma noite… Só por uma noite" propus

a ele, na época em que ainda dividíamos o mesmo apartamento.

"Vamos nos sentar no mesmo lugar ao qual esses safados levam as esposas para jantar", concordou Henrique, que não disfarçou sobre o quanto havia gostado da minha ideia. *"Será a nossa noite de madame"*.

Até fingimos que éramos um casal para os garçons que nos serviram. Eles só não acreditaram totalmente porque Rick não desgrudou os olhos de um deles, entregando-nos facilmente. Minutos depois, enquanto eu bebericava o vinho caro, o meu amigo se agarrava com o determinado garçom — que realmente era muito bonito — no banheiro de funcionários.

A parte mais estranha da noite não foi ver Henrique Campana transar com um cara que não fosse o seu cliente — nesse tempo, ele costumava ser mais mercenário do que eu —, mas a sensação de incerteza que me invadiu ao ver todos aqueles casais ao meu redor.

Quando você é uma acompanhante de luxo — garota de programa ou qualquer outra coisa que se resuma a vender o próprio corpo —, sabe que o "trabalho" terá uma data de validade. Principalmente quando se refere aos "engravatados" — os caras da grana —, que costumam pagar muito bem. Esses homens vão sempre procurar as mulheres mais jovens, sem rugas, com todas as partes do corpo duras e esbeltas.

Nesse mercado, infelizmente, não existe espaço para imperfeições e o tempo, na maior parte das vezes, costuma ser o maior vilão.

E por mais que eu ainda tivesse mais alguns anos pela frente — o período em que o meu corpo estaria mais jovem do que nunca, o verdadeiro "auge" da minha beleza —, eu era uma mulher esperta o suficiente para concluir que precisava ter um "plano B" para o futuro.

Lá no fundo — escondido no cantinho de coisas que eu detestava ter que admitir —, eu sabia que o dinheiro não era a minha única preocupação e

justamente por esse motivo, a reflexão surgiu ao observar todos aqueles casais.

O mundo é extremamente estranho — e irônico. Eu, uma mulher que ganhava dinheiro dormindo com vários homens, estava com medo de envelhecer sozinha, deitada em cima de uma cama sem ninguém.

Quando toda a juventude e beleza escorressem para fora do meu corpo, o que mais me restaria?

— Senhora? — o recepcionista me trouxe de volta de todas aquelas lembranças e reflexões.

Eu me desculpei pelo momento disperso e continuei a acompanhá-lo, subindo os degraus. Ele me levou até o terceiro e último andar do lugar. Era praticamente tudo vidro, as paredes transparentes transformavam a cidade em um espetáculo noturno, um verdadeiro show de luzes. Ao fundo, havia um bar com uma infinidade de bebidas importadas, reconheci de longe o nome delas.

A vista era maravilhosa, quase tão incrível quanto a do quarto no hotel "*Star Palace"*.

O salão não era pequeno, mas tinha apenas seis mesas e somente duas delas estavam ocupadas e isso deixou bem claro sobre o quanto esse tipo de serviço era exclusivo. Se já era difícil conseguir uma reserva em uma mesa simples lá no térreo, nesse andar seria praticamente impossível.

Reconheci Erick sentado em um assento bem de canto, ao lado da vidraça.

À distância, ele aparentava estar bem concentrado, lendo alguns papéis espalhados sobre a mesa. E vê-lo dessa forma, tão sereno, quase fez com que eu o detestasse menos pelo showzinho com a sua esposa.

Mesmo com alguns metros nos separando, eu consegui concluir sobre o quanto ele estava lindo. Seus cabelos escuros estavam penteados para o lado, a gravata escura se destacava à distância. O terno azul marinho — assim como o

nome dele — combinava bem mais com Erick do que os pretos que ele costumava usar.

Quando o meu cliente me notou, ele se levantou no mesmo instante, abandonando todas as folhas que estavam prendendo a sua atenção.

Eu era o seu novo foco.

O moreno dispensou o garçom com um aceno de mão e contornou a mesa, caminhou em minha direção e me engoliu com aquelas esferas verdes antes de puxar a cadeira para que eu me sentasse. E isso — o seu gesto inexplicavelmente nobre — foi quase tão estranho quanto o fato de o nosso encontro ser em um restaurante e não em um quarto de hotel — onde a sua mulher poderia ficar do outro lado nos escutando.

Eu não consegui deixar de rir ao imaginar a cena.

E como não foi um sorriso sem graça de quem estava agradecida pela "nobreza", acabou chamando a sua atenção.

— O que foi? — indagou ele, buscando pelo motivo da minha risada.

Como ainda estávamos no começo do "encontro", fiquei um pouco receosa de começar de forma errada. Não queria continuar a dar passos em falso.

Mas acabei dizendo mesmo assim, eu não conseguia controlar a minha língua quando se tratava daquele cara — principalmente depois dos últimos acontecimentos.

— É que em todas as vezes que eu te imaginei puxando a cadeira pra mim… Foram pra me derrubar no chão.

Era um gesto cavalheiresco demais para um cavalo.

Eu não consegui "comprar" a gentileza, simplesmente não combinava com ele.

Era tão sem lógica quanto um mais um ser três.

— Talvez seja porque você está linda e essa beleza esteja mexendo comigo… — continuou ele ainda bancando o *gentleman* pra cima de mim. — É sério, Sabrina. Você está bem melhor sem aquele vestido lilás.

Eu me detestei por não conseguir dizer um simples *"obrigada, Marinho"* e calar a minha boca, interrompendo toda a autosabotagem.

Antes que eu pudesse questionar o óbvio — o real motivo do nosso encontro em um restaurante —, ele levantou a mão, atraindo um dos garçons até a nossa mesa.

Erick fez o pedido.

Ele nem mesmo voltou o olhar em minha direção para ver se eu tinha alguma sugestão a fazer, limitando-se a escolher por nós dois.

Erick era extremamente controlador, fazia isso de forma tão automática que nem mesmo percebia.

— Você vai adorar a comida daqui — garantiu-me ele, juntando os papéis para liberar a mesa. — Eles têm a melhor lagosta da cidade.

— Eu acho que vou ter que confiar em você — brinquei, deixando um pouquinho de ironia escapar da minha boca.

Diferente de como acontecia lá no salão no térreo, tudo era servido de forma extremamente rápida. Em poucos minutos, nós já estávamos com os pratos escolhidos em nossa mesa. Eles tratavam aqueles poucos clientes como verdadeiros reis e, no fim das costas, a comida realmente era boa.

Quando eu finalizei, coloquei os talheres em paralelo sobre o prato e não demorou muito para que um dos garçons o removesse da mesa.

Erick continuava comendo, mas não me importei.

— Acho que agora é o momento em que você me explica o porquê de tudo isso aqui? — finalmente questionei o que não saía da minha mente enquanto encarava todas as coisas luxuosas que nos cercavam.

Para fugir da minha pergunta, ele levou mais um pedaço da lagosta à boca. Marinho mastigou de forma extremamente lenta enquanto mantinha os seus olhos fixos em mim.

— Isso aqui está muito bom… — disse ele assim que terminou de mastigar. Ao notar a expressão insatisfeita do meu rosto, ele continuou: — Mas voltando à sua pergunta… Talvez eu só queira me desculpar pelas coisas que aconteceram entre nós dois… Começar de volta da forma correta, entende? — A sua voz soou tão calma que eu quase acreditei naquela conversinha fiada, quase. — Eu não posso mais levar uma mulher bonita pra jantar sem ter nenhum plano maligno por trás?

Revirei os meus olhos para todo aquele cinismo.

Ele sabia muito bem como me irritar, era uma espécie de dom.

— Pelo pouco que eu te conheço, sei que você não é do tipo de cara que se desculpa, principalmente para alguém que… — Fiz aspas com os dedos, antes de continuar — “comprou”. — Não tinha o objetivo de ser tão direta, mas toda aquela conversinha mansa me deixou sem paciência. — E se você quisesse mesmo levar uma mulher bonita pra jantar, poderia ter feito isso com a Victória, sua esposa. Ou eu estou errada?

E com isso, infelizmente, eu acabei entregando pra ele que já sabia quem era a sua esposa — e, basicamente, que já tinha conhecimento dos seus joguinhos.

Desde que cheguei ao restaurante, estava me perguntando se Victória já não tinha contado sobre o encontro que havíamos tido, de quando Alexandre revelou quem ela realmente era. E até aquele instante — o exato momento em que

pronunciei o nome dela — tinha certeza de que a resposta era “sim”.

Mas a expressão de seu rosto me provou o contrário.

Marinho não sabia, estava surpreso demais para isso. E essa nova informação fez com que eu repensasse toda a minha teoria de que os nossos encontros se tratavam de um joguinho entre o casal, nada mais parecia se encaixar.

Fechei os meus olhos por um breve instante, bem arrependida daquelas palavras. Erick sempre demonstrou odiar quando as pessoas invadiam a sua privacidade — um ótimo exemplo era o momento em que peguei a carteira de motorista no bolso de sua calça para saber o seu nome completo.

— Você está pesquisando sobre a minha vida? — questionou ele com um sorriso debochado, como se eu realmente fosse uma *stalker*. — É por esse motivo que eu detesto revelar o meu nome.

Retribui o sorriso de forma ainda mais sarcástica.

— Quem está pesquisando alguma coisa aqui é a sua esposa, que até puxou conversa comigo — disse a ele ansiosa para finalmente saber qual era a dele. — Ela estava no hotel, no dia em que ficamos juntos…

Ele ficou em silêncio e isso me deixou ainda mais irritada. Marinho fazia parecer que todo o meu descontrole era algo sem motivo.

— No começo, eu até pensei que fosse um joguinho de vocês dois, mas agora… Agora eu vejo que era só uma esposa com ciúmes mesmo — continuei já não me importando com o que ele poderia achar. — E se você não consegue impedir a sua esposa de me cercar, eu não posso mais me envolver nisso com você…

— Victória com ciúmes? — respondeu ele como se fosse uma grande piada. Erick realmente se divertiu com as minhas últimas frases e isso me deixou ainda

mais grogue. — Ela não estava lá por causa de você ou por mi…

— Então, que droga ela estava fazendo lá?

Ele ficou surpreso com a minha interrupção e aumento no tom de voz.

Marinho era o “chefe” na maior parte das situações e sempre agia como se só ele tivesse o direito de gritar.

— Eu estou esperando a sua explicação — continuei, fazendo com que ele se irritasse ainda mais com a minha petulância.

Depois de mais alguns instantes em silêncio, como se ele estivesse pensando se revelava ou não, Erick finalmente me deu uma resposta.

— Ela estava fazendo a mesma coisa que eu… Victória estava com outra pessoa — disse ele, fazendo-me murchar completamente. — Nós não temos mais uma vida conjugal… pelo menos, longe do restante das pessoas. Eu não suporto a presença dela e ela não suporta a minha. — Seus olhos me queimaram tanto que senti vontade de levantar e ir embora, poupando-me da vergonha. — Está satisfeita agora?

Voltei o meu olhar para baixo, completamente sem palavras, odiando-me por ter tirado uma conclusão de forma tão precipitada.

A mão dele alcançou a minha e trouxe o meu olhar de volta ao seu rosto.

— Enfim, a culpa é toda minha, eu não devia ter deixado que ela se aproximasse de você — ele prosseguiu dizendo, daquela sua estranha forma de pedir desculpas. — Fique tranquila, isso não vai mais acontecer… — Erick sorriu antes de continuar. — Eu não consigo demitir a Victória, mas prometo que não vou deixar que ela te irrite.

Achei legal o fato de ele ter referenciado a demissão do pessoal da recepção, só confirmando que realmente tinha sido ele e de que fez isso por mim.

— Mas você ainda não me explicou o motivo desse jantar — disse desconversando e mudando o rumo da nossa conversa.

A verdade era que eu estava com medo de continuar tendo momentos que fugiam do “profissional”, estava com medo de me envolver ainda mais, medo de que aquele sentimento traiçoeiro crescesse ao ponto de eu não conseguir mais controlá-lo.

— Ou você realmente acha que vou comprar esse papo de querer recomeçar? — continuei, destruindo o pouco que tínhamos conquistado.

Esperei por um esporro que não veio.

Erick Marinho se limitou a continuar sorrindo, como se eu fosse uma pessoa bem engraçada. E isso, obviamente, só serviu para completar o clima estranho.

Mas, por sorte — ou azar da minha parte —, depois de alguns segundos em silêncio, ele decidiu assumir o seu joguinho, que devia ser mais sujo do que pau de galinheiro.

— Tudo bem… Você me pegou! Eu realmente tenho um plano maligno com esse jantar. — O meu acompanhante se endireitou na cadeira e concentrou-se completamente em mim. — Eu não te chamei aqui pra gente tomar vinho, comer lagosta e muito menos pra falar da minha mulher… Isso aqui é meio que um jantar de negócios.

Um jantar de negócios?

Comigo, uma garota de programa?

— Eu não sei se já deixei isso claro, mas… Eu quero você. — Antes que eu pudesse dizer o famoso *“eu não entendi”*, ele prosseguiu: — não… Eu quero muito você, Jéssica!

Foi extremamente irritante ouvi-lo usar “Jéssica” e não “Sabrina” — o

nome que eu usava como acompanhante. Esse era provavelmente o meu castigo por ter me referido à sua esposa, invadindo a sua “privacidade” — por mais que ela tivesse feito isso primeiro.

Eu sabia que o cretino não deixaria barato.

Mas ainda existia uma coisinha que não batia em toda aquela história. Erick Marinho já me tinha e bem na palma de suas mãos. Nós dois sabíamos que o seu dinheiro me compraria todas as vezes em que ele me desejasse, ainda mais depois de toda aquela história com a esposa dele ser resolvida.

E essa é a consequência de se colocar à venda, qualquer pessoa com dinheiro pode te comprar.

— Se você me quer tanto assim, porque estamos aqui sentados e não em cima de uma cama fodendo?

Optei por ser direta, sem nenhum tipo de joguinho e esperava que ele fizesse o mesmo em sua resposta.

— Você sabe que eu sou um homem muito ocupado…

Seus olhos esverdeados fixaram-se em mim, os seus lábios se esticaram em um sorriso travesso. Mas nem mesmo esse sorrisinho me impediu de concluir que ele estava analisando a minha expressão.

Por maior que fosse a confiança em suas palavras, eu conseguia sentir certa insegurança, como se ele estivesse hesitante. O fato de ele começar destacando sobre “o quanto era ocupado”, só comprovava isso.

Marinho estava sondando o território, o que significava que eu não gostaria muito do que ele tinha para me dizer.

— O meu objetivo sempre foi ter uma pessoa fixa, alguém que tenha disponibilidade total para me atender e…

— Não funciona comigo — eu o interrompi, colocando um fim naquela conversa.

— Eu tenho uma proposta pra te fazer… Uma muito boa — insistiu ele, ignorando o *"não"* no começo da minha frase. — Esse é o verdadeiro motivo do jantar.

Levantei o meu olhar e retribui o sorriso, disposta a ouvi-lo — já que, aparentemente, eu não tinha opção.

— Então você quer negociar comigo?

Marinho balançou a cabeça, negando.

— Não… Eu quero comprar você. — respondeu ele sem hesitar dessa vez. — Desde que eu era criança, odeio ter que dividir… Então quero a sua exclusividade total e que esteja disponível sempre que eu desejar. Eu quero que você seja só minha.

Será que ele pensava que era o primeiro cara a me fazer uma proposta parecida?

— Eu acho até fofo, mas não… Eu sou boa demais pra ser só de um cara, Erick.

Tomei um pouco do vinho e tornei a observá-lo.

— E quanto é que você fatura com todos esses caras?

Eu não deveria responder a sua pergunta — soube disso no instante em que ele a faz —, mas queria que ele soubesse o quanto eu ganhava. Eu queria vê-lo completamente surpreso com o meu faturamento.

Afinal, estávamos em um jantar de negócios, não é? Então, nada melhor do que falarmos de números, principalmente dos grandes.

— Eu já cheguei a fazer mais de trinta e cinco mil em um só mês — eu me

gabei para ele, realmente orgulhosa da quantidade de dinheiro que ganhava. — É claro que eu não recebo tudo isso todos os m…

— Eu pago cinquenta.

Aquela oferta mexeu muito comigo.

No instante em que ouvi o “cinquenta”, fiquei completamente grogue e a minha mente já foi somando o faturamento anual. Seiscentos mil reais, bem mais do que eu poderia ganhar, independentemente da quantidade dos eventos chatos de Márcia que eu frequentasse.

— É uma oferta muito boa, mas…

— Mas o quê? — Erick indagou, não sabendo quando aceitar um “não”. — Se você for mesmo recusar a minha proposta, eu quero um puta motivo.

Por sorte, eu tinha esse “puta motivo” bem na ponta da língua.

— Quem é que me garante que no terceiro mês você não vai enjoar e me chutar? — respondi, evidenciando o porquê eu detestava a maldita “exclusividade”. Antes que ele pudesse falar, ergui a mão, mostrando que ainda não havia terminado. — Então todos os meus clientes já vão estar com outras garotas. É aquela velha história do *“é melhor um ovo na mão do que dois no cu da galinha”*.

Quando terminei de pronunciar, notei o quanto havia sido “deselegante” em pronunciar o *“cu da galinha”*. Mas já tinha feito isso com o *“fodendo”*. Eu era, provavelmente, uma das acompanhantes de luxo mais desbocadas do mercado — e, ainda assim, conseguia ser uma das mais desejadas.

— Eu te dou a minha palavra de homem que não vou te dispensar antes dessa nossa “parceria” completar um ano — argumentou ele, não me convencendo com a *“palavra de homem”*. Homens, definitivamente, eram as criaturas que mais davam motivos para desconfiança. O sorriso no meu rosto deu

uma dica de que aquilo não estava colando. — Mas se você não acreditar na minha palavra honrada, podemos fazer um contrato com uma cláusula específica. Se eu te dispensar antes do combinado, serei obrigado a pagar uma multa bem gorda.

Quando ele mencionou a multa, passei a prestar mais atenção em suas palavras e até considerar a ideia da “exclusividade”.

— Digamos que eu aceite a sua proposta… — Depois de dizer isso, fiz questão de deixar claro que se tratava de uma suposição. — Eu não estou dizendo que aceitei… Mas, enfim, você entendeu… — Ele balançou a cabeça, permitindo que eu continuasse. — A multa seria de quanto?

— Exatamente o que você ganharia no ano, seiscentos mil reais — explicou ele, tentando-me ainda mais. — Resumindo, nesse caso específico, você vai tirar os ovos do cú da galinha, nem que seja com a mão.

Capítulo 17 — Banheiro

— Eu… eu preciso pensar sobre isso, Marinho — expliquei a minha situação a ele. Eu realmente estava dividida com a sua proposta. — Não é o tipo de coisa que eu posso decidir agora, aqui nessa mesa de restaurante.

Foi mais que perceptível que essa não era a resposta que ele queria ou esperava de mim. Mas Erick, como um bom diretor executivo, sabia que esse não do tipo de negócio que a sua empresa conseguia fechar já no mesmo dia. Uma exclusividade com um bom fornecedor, certamente, levaria bem mais do que alguns minutos.

— Tudo bem, eu vou te dar um tempinho para pensar — respondeu ele, deixando-me mais aliviada. Infelizmente, esse sentimento durou bem pouco, até as suas novas palavras serem pronunciadas. — Você tem exatamente dois dias para me dar a resposta, Jéssica.

Ele continuaria me chamando assim até quando?

Eu detestava quando ele fazia isso, pois sempre tinha um tom de deboche por trás.

— Eu prefiro que você não me chame mais de Jéssica — disse a ele, relevando o óbvio. E isso fez com que o moreno começasse a rir, o que me levou a repreendê-lo mais uma vez. — Estou falando sério, eu quero que me chame pelo meu nome…

— Pelo seu nome de puta? — interrompeu-me ele, ainda com aquele sorrisinho irritante expresso em seus lábios convidativos.

— Pelo meu nome de trabalho — eu corrigi, desviando o olhar de sua boca. — Antes que você diga que isso não é trabalho, pra mim é, inclusive

remunerado.

Ele não gostou de eu ter matado a sua piadinha antes mesmo dela deixar os seus lábios. Dessa forma, Marinho limitou-se a balançar a cabeça, concordando com o meu pedido.

Ou, pelo menos, foi o que eu pensei.

— Tudo bem… Eu te chamo de Sabrina, mas só se você me deixar te usar de sobremesa — ele fez uma contra proposta, deixando-me com uma expressão incrédula na face.

Para Erick Marinho, tudo — absolutamente tudo — era uma espécie negócio, um negócio onde ele sempre tinha que sair ganhando.

Era algo típico de executivos, mas com ele isso ultrapassava o limite de "normal".

— Quer me usar de sobremesa, meu amor? Tudo bem, mas eu vou cobrar o dobro pelo programa — fiz questão de deixar isso bem claro.

Seus olhos continuaram a me fitar.

A nova informação sobre o valor não teve impacto nenhum em seu sorrisinho irritante.

Esse era do tipo de cliente que não se importava com os custos, desde que "comesse" muito bem. E o fato de estarmos em um restaurante tão caro — em um andar exclusivo — só comprovava isso.

— Isso, cobra mesmo, sua puta safada… — provocou ele, não ligando se as outras pessoas no salão poderiam ouvir ou não a nossa conversa. — Eu pago!

Como não queria prolongar aquela conversa próxima daquelas pessoas, tirei o guardanapo do meu colo e o coloquei em cima da mesa novamente, levantando-me e voltando o meu olhar em direção a Erick, para que ele me

acompanhasse.

Se ele queria mesmo me “comer” de sobremesa, então eu seria um pudim delicioso e o deixaria extremamente satisfeito.

Nós seguimos na direção das escadas e mesmo não olhando para trás com frequência, eu sabia que o safado estava secando a minha bunda.

Quando eu ia começar a descer os primeiros degraus, fui puxada por sua mão, que me levou para outra direção, deixando-me bem confusa. Toda essa confusão aumentou ainda mais quando eu percebi que ele havia me arrastado para o banheiro masculino.

— Que droga você está fazendo, seu louco? — sussurrei, temendo que tivesse mais alguém dentro do banheiro. Ao notar que estávamos mesmo sozinhos ali, tomei a liberdade de aumentar o meu tom de voz. — Dá pra dizer que porra é essa?

— Você aceitou ser a minha sobremesa, lembra? — respondeu ele, como se isso fosse algo óbvio, que não precisava de nenhuma explicação.

Sorri sem graça, revirando os meus olhos.

— Sim, mas…

— E eu quero comer aqui no restaurante — interrompeu-me ele, deixando-me apavorada com a ideia de fazer alguma coisa ali, onde qualquer um podia entrar. — A minha vontade era de te pegar com força naquela mesa mesmo, mas eu me contento em comer no banheiro.

Como eu fiquei paralisada e em silêncio, Erick se aproximou de mim, tomando a iniciativa.

E, nesse instante, foi impossível não rir daquela situação. Estava em dúvida se a risada era de nervoso ou por achar tudo cômico demais.

— Eu pensei que você gostava das — fiz aspas com os dedos — “inocentes”.

Eu apontei apenas uma das suas várias contradições.

Mesmo sendo contrariado — algo que ele não gostava muito —, o moreno sorriu de uma forma bem sacana, mostrando-me de que estava mesmo pensando em levar aquela ideia insana para frente.

— Não, hoje não… — respondeu Erick, gelando o meu estômago. — Eu quero que você aja exatamente como a vagabunda safada que você é.

Ele não me deu tempo para responder que o grande *“vagabundo safado”* ali se tratava dele mesmo — do louco que queria transar em um lugar “público”. Marinho tirou-me do chão, prendendo-me em seus braços. Como ele notou que eu não conseguiria fazer nada ali, em frente aos mictórios, levou-me para uma das cabines e fechou a porta.

Ele levantou o olhar, encarando o meu rosto.

Seu olhar era tão intenso que ele quase me fez murchar, ficando submissa as suas vontades, quase.

— Perto de você, eu realmente pareço uma menina inocente — sussurrei, enquanto ainda fitava os seus olhos esmeraldas. — Seu filho da puta…

Desde o nosso primeiro encontro — quando ele interrompeu o sexo, deixando-me na “mão” —, eu quis muito xingá-lo de “filho da puta”. Então, dessa vez, eu não me arrependi quando essas palavras finalmente deixaram a minha boca.

— Eu já vou te mostrar quem é a puta — respondeu ele, passando a me segurar com um só braço. Erick levou a mão livre para debaixo do meu vestido e puxou a minha calcinha, abaixando-a. Isso acabou me desequilibrando bastante, mas como ele era bem forte, eu não despenquei de seu braço. — Deixa eu ver se

essa boceta já tá molhada…

Senti os seus dedos gelados em meu sexo e não consegui deixar de gemer com o toque. Ainda que tivesse sido extremamente invasivo, eu não consegui deixar de gostar. O cretino realmente era bom em seu trabalho sujo, me infectou direitinho com o seu canto de sereia.

— Então… Ainda não tá naquele ponto que eu gosto, mas já dá pra ir fodendo — Marinho continuou, antes de posicionar o meu corpo para se encaixar ao seu. — Olha pra mim, sua safada. — Ele balançou o meu corpo, conseguindo atrair a minha atenção até o seu rosto. — Diz que você tá louca pra dar essa xoxotinha pra mim, diz…

O meu cliente esperou por uma resposta que não veio.

Eu não o deixaria ganhar — pelo menos, não tão fácil assim.

Mas ele não se importou muito com o meu silêncio, partindo direto para o ataque. Erick apoiou as minhas costas na porta da cabine e, sem todo o peso do meu corpo, desabotoou a calça e abaixou um pouco a cueca, o suficiente para que o seu membro escapasse pra fora.

E, nesse momento, não consegui mais continuar calada.

— Se você está pensando que eu vou te deixar fazer isso aí sem camisinha, está muito enganado, meu querido.

— Relaxa um pouco, Sabrina… — respondeu ele, aproximando o seu rosto do meu pescoço. Marinho trilhou um caminho de beijos que foi até a minha orelha. E ao pé do meu ouvido, ele sussurrou: — se você engravidar, eu assumo o moleque.

Respirei fundo para não dar uma cabeçada, quebrando o nariz naquela imbecil.

— Se você colocar essa droga em mim sem encapar, eu juro que tiro ele daí

e depois arranco essa porcaria com os meus próprios dentes — tornei a dizer, sendo ainda mais clara. Com os meus olhos fixos nele, provoquei: — vai querer arriscar?

— Nossa… Que mulher perigosa você, não é? — ironizou ele, afastando um pouco o seu rosto. — Não precisa nem falar de novo.

Por mais que Marinho estivesse sendo extremamente debochado, notei que ele desconsiderou aquela ideia ridícula da penetração sem preservativo. Eu confirmei isso quando ele começou a se mexer, esforçando-se para tirar a camisinha de sua carteira e, ao mesmo tempo, me manter em seu colo.

Com a camisinha já em sua mão direita, ele questionou: — como é que eu vou encaixar isso no meu pau?

— Me coloca no chão logo, Erick — pedi a ele, sem muita paciência. O cretino não me desceu, não antes que eu gritasse com ele. — AGORA!

Quando Marinho finalmente me soltou, eu peguei a porcaria da camisinha da sua mão e a abri a embalagem usando os meus dentes. Depois de ter feito isso, eu mesma me encarreguei de encapar o caralho dele.

— Prontinho. Agora você já pode me comer — disparei, assim que finalizei.

Após o meu aval, Erick tornou a me tirar do chão, colocando-me em seus braços mais uma vez. A minha calcinha já estava no chão do banheiro e o pau dele devidamente embalado, isso possibilitou o ato.

O safado não perdeu mais tempo e encaixou os nossos corpos, unindo-nos completamente. Seu cacete deslizou, invadindo-me sem dificuldade. As suas esferas esverdeadas queimavam-me com intensidade. E por mais que a expressão de seu rosto fosse sexy o suficiente para que eu quisesse continuar com aquela loucura, o medo de alguém aparecer não deixava a minha mente.

Por mais que eu já estivesse acostumada a transar com homens diferentes todos os dias, eu não fazia isso em locais públicos, onde qualquer pessoa poderia entrar e flagrar a cena. Essa era a primeira vez em que isso acontecia. E eu, definitivamente, não estava conseguindo lidar bem com essa situação.

— E se… E se alguém entrar aqui e flagrar a gente? — questionei o óbvio, enquanto ele continuava me comendo. — Pra um cara que dizia se preocupar com discrição, isso é algo extremamente irresponsável.

Pensei que ele fosse me ignorar, limitando-se a continuar me fodendo, mas, dessa vez, Marinho me surpreendeu ao responder a minha pergunta.

— Fica tranquila, não tem quase ninguém nesse andar — disse ele, em sua clara tentativa de me tranquilizar. — Agora para de frescura e me deixa comer a porra da sobremesa.

Por mais que eu detestasse admitir, o moreno realmente tinha um pouco de razão. Ele era um dos únicos dois clientes homens ali naquele andar. As chances de o outro cara querer usar o banheiro eram mínimas.

Depois desse pensamento — e de suas palavras, mesmo incluindo o “frescura” e “porra” —, consegui relaxar mais, aproveitando um pouco do sexo, que não estava nada ruim. Mesmo que eu odiasse admitir, o desgraçado era muito bom fodendo — isso nem mesmo eu poderia negar, pelo menos, não para mim mesma.

Erick continuou metendo com força, ele fazia isso enquanto beijava vorazmente o meu pescoço. E conforme os seus movimentos aumentavam, o barulho também deixava de ser imperceptível. As minhas costas batiam de leve na porta, a própria colisão entre os nossos sexos produziam um som. No entanto, eu me esforçava ao máximo para segurar todos os meus gemidos, pois sabia que esse barulho poderia ser bem maior que os outros sons. Tudo o que eu menos queria, era atrair alguém em direção ao banheiro.

Mas o cretino não estava facilitando as coisas pra mim, era exatamente o oposto. Às vezes, eu sentia que ele queria me fazer gritar.

Marinho devia adorar o sentimento de perigo constante que o sexo em público proporcionava, ele devia adorar sentir o friozinho na barriga enquanto os nossos corpos explodiam de calor. E se não fosse o meu medo — que, naquele instante, conseguia ser maior que qualquer outra coisa —, eu também adoraria tudo isso.

No momento em que fechei os meus olhos — ainda tentando segurar os meus gemidos —, eu ouvi a porta do banheiro se abrindo e isso, obviamente, fez com que eu me apavorasse, o que era bem natural, já que eu estava trepando com alguém no *toilette* masculino.

Em vez de ficar em silêncio como alguém normal, com medo de ser pego fazer merda, o desgraçado do Erick começou a se movimentar novamente, aumentando ainda mais o ritmo das estocadas. Marinho meteu tão rápido e com tanta força que foi impossível segurar todos os meus gritinhos. Infelizmente, alguns acabaram escapando.

Mordi o meu lábio inferior e me esforcei para não entregar — ou terminar de entregar — o que estava acontecendo ali, bem na frente do cara.

Por muita sorte, o homem só urinou no mictório — eu, pelo menos, não o ouvi entrando em uma das cabines vagas —, lavou a mão e saiu do banheiro, aliviando-me completamente. O cara devia estar tão distraído que nem percebeu o que estava acontecendo na cabine.

— Seu idiota… — sussurrei para Erick, segundos antes de dar um tapinha seu peito. — Não passou pela sua cabeça que ele poderia ter ouvido a gente?

— O máximo que aconteceria, seria ele flagrar eu te fodendo gostoso — rebateu o moreno, levando na brincadeira, como praticamente tudo o que eu falava. — Ou vai dizer que não está gostoso?

Eu odiava ter que admitir, mas estava muito gostoso. Por mais que todo o medo de ser descoberta a qualquer momento fosse grande, estar ali com ele, vivendo aquela “aventura”, também era muito prazeroso.

Mas eu, obviamente, não diria isso para o Marinho, aumentando ainda mais o seu ego, que já era bem inflado.

— Não precisa mais se preocupar com flagra, eu já estou quase chegando lá — comentou ele, quando percebeu que eu não responderia a sua pergunta. Ainda bombando com força, ele sussurrou: — e, dessa vez, eu quero gozar na sua boca.

Revirei os meus olhos ao receber aquela informação.

E, mais uma vez, ele estava agindo de forma bem contraditória, o que significava que eu deveria parar de continuar procurando alguma lógica em Erick Marinho.

— Eu pensei que não merecia mamar no seu cacete — disparei, lembrando-o do que ele havia me dito em nosso último encontro. — Suas palavras.

Ele sorriu e isso fez com que eu soubesse que ele já estava se irritando com essas minhas exposições.

— E você não merece mesmo, mas eu estou louco pra encher essa sua cara de porra — ele respondeu, de forma tão intensa que se eu já não tivesse chegado ao êxtase, o teria atingido no instante em que ele pronunciou isso.

Erick realmente era um grande *“filho da puta”*, principalmente pelo fato de ele ainda conseguir me excitar.

Marinho interrompeu os seus movimentos e me colocou no chão. Depois disso, eu me ajoelhei a sua frente, fazendo o meu serviço e satisfazendo o desejo de um cliente. No entanto, eu não foz só porque estava sendo paga — em dobro, diga-se de passagem —, uma parte de mim também queria estar ali, abaixada diante daquele mastro imponente.

Quando eu fui tocar em seu membro, para senti-lo pulsar em minhas mãos pela primeira vez, Erick o afastou, balançando a cabeça em um sinal negativo.

— Eu não te deixei chupar! — repreendeu-me ele, daquela sua forma bem sacana. O moreno adorava me mostrar que eu não possuía nenhum controle. — Hoje você só vai experimentar a minha porra.

Voltei o meu olhar em direção a ele e notei que o meu cliente me encarava de uma forma desafiadora. Seus olhos claros gritavam *"faça isso pra você ver o que acontece!"*.

Por mais que eu sempre zelasse pelo fetiche do determinado cliente, eu não consegui me segurar — pelo menos, não com um cara tão cretino quanto ele.

Isso estava muito além de mim.

Abocanhei o seu cacete só para contrariá-lo. Estava pra existir um cara que ditaria sobre o que eu deveria ou não fazer — principalmente em meu local de trabalho, não é mesmo?

Mas ele não teve nem tempo de reclamar — ou de aplicar uma de suas punições —, pois eu suguei o seu pau com tanta vontade que ele perdeu a voz.

Apertei o seu caralho com força, fazendo as suas veias grossas saltarem. Finalmente tive o prazer de vê-lo pular em minha mão — e a sensação de retomar todo o poder foi maravilhosa. Em seguida, dediquei-me a cabeçona rosada, chupei-a como se estivesse saboreando um delicioso — e grande — picolé, daquele ITU, bem roliços.

Puxei a pele para baixo e tornei a abocanhar aquele mastro, arrancando gemidos do homem em pé a minha frente. E enquanto chupava com vontade, comecei movimentos de vai e vem, preparando aquela porra, que já estava armazenada naqueles bagos.

Após lamber toda a extensão de sua rola, eu desci a minha cabeça em

direção as bolas peludas. Ignorei os pentelhos e suguei uma delas, enfiando-a em minha boca e aproveitei para enlouquecê-lo, dando o troco. Depois disso, eu dei o mesmo tipo de tratamento para o outro bago e então tornei a me focar naquela jeba dura.

Eu estava fazendo tudo o que eu queria ter feito em nossa primeira vez juntos, instantes antes daquele maldito telefone começar a tocar.

Ele agarrou-me pelo cabelo e me afastou de seu sexo. Isso fez com que eu levasse os meus olhos em sua direção, em uma tentativa de identificar o problema. Mas não demorou muito para que eu soubesse exatamente o que estava prestes a acontecer. Ainda fitando-me com aquele seu olhar intenso, Marinho começou a bater o seu caralho na minha cara com força e, em menos de um minuto, urrou mais alto que qualquer um dos meus gemidos. Em seguida, os seus jatos de porra lambuzaram completamente o meu rosto.

Como se já não fosse o suficiente, Erick usou a vara melecada para espalhar ainda mais gozo pela minha face, como se estivesse marcando o seu território.

— Você fica ainda mais linda com a minha porra espalhada pela cara — disse o meu cliente, antes de erguer a cueca, guardando o seu membro. — Te ver assim, faz com que eu queira te comer de novo.

Como aquele seu olhar analítico começou a me incomodar, eu me virei e peguei um pouco de papel higiênico e comecei a me limpar — pelo menos, o máximo que consegui sem água. Eu queria tirar todo o excesso antes de me aproximar da pia.

Quando tirei a maior parte do sêmen de Erick do meu rosto, levantei-me do chão e peguei a minha calcinha. Como eu não a vestiria de volta — não depois de ela ter caído no chão —, a minha ideia era colocá-la em minha bolsa de mão. No entanto, Marinho a tirou de mim com um forte puxão, antes de guardá-la no bolso de dentro do seu paletó.

— Eu vou ficar com ela de lembrança. — Ele não me deu tempo de responder, deixando a cabine. — Eu te espero lá embaixo.

Pensei que ele estava brincando sobre me abandonar ali sozinha em um banheiro masculino — e com um pouco de porra na cara —, mas ele não mentiu. Soube disso no instante em que também deixei a cabine e constatei de que ele realmente não estava lá.

Como estava com medo de ser flagrada, eu corri em direção ao espelho e comecei a me deixar o mais apresentável possível na menor quantidade de tempo. Lavei o meu rosto, mas, infelizmente, não consegui lavar completamente a minha boca. Deixei o banheiro ainda sentindo o seu gosto.

E assim como me avisou há alguns minutos, ele estava parado lá embaixo, no primeiro andar, esperando por mim próximo da porta.

Eu olhei para fora e notei que estava chovendo. Mesmo com aquela vidraça enorme do terceiro andar, eu só fui perceber a chuva quando me aproximei da entrada, onde Marinho estava posicionado.

Ele estava sorrindo feito um bobo e isso me fez revirar os olhos.

Deixei de dar atenção a ele e sai, entrando no meio da chuva. Erick puxou-me pelo braço, trazendo-me de volta para dentro do restaurante.

— Espera um pouco, apressadinha…

Ele tirou o seu paletó azul marinho e colocou em mim, protegendo-me da chuva — na medida do possível, claro. Depois disso, nós caminhamos em direção ao carro dele. Antes que eu o alcançasse, o motorista dele saiu com um guarda-chuva e o meu cliente fez um sinal com a mão para que ele cobrisse apenas a minha cabeça.

Nós dois entramos no banco de trás e, só então, eu notei o quanto ele havia se molhado. Sua camisa estava praticamente encharcada, assim como os seus

cabelos castanhos, que estavam quase pretos, devido à umidade.

Ele me encarou com uma expressão facial indecifrável e, por um pequeno instante, pensei que ele falaria alguma coisa importante, talvez relacionada à sua proposta de exclusividade.

— Qual é o gosto da minha porra? — indagou ele, fazendo-me engolir a seco. — É gostosa?

Eu não acreditava em meus ouvidos e nem no meu cérebro, por ter pensado que ele diria algo interessante.

— Porque você não me beija e descobre? — rebati, em um tom debochado.

Estranhamente, ele se inclinou e me beijou de forma voraz. Sua língua me dominou completamente, explorando-me de uma forma nova e estranhamente boa. Em determinados momentos, parecia que ele me engoliria. Instantes antes de nos afastarmos, Erick mordeu de leve o meu lábio inferior, tornando a me deixar excitada.

— Se for tão boa quanto esse beijo, a minha porra é maravilhosa — ele concluiu, arrancando-me um sorriso espontâneo.

Pensei em dizer alguma coisa, uma piadinha qualquer, mas nada veio a minha mente. Então, fiquei em silêncio até que o carro se aproximasse do meu prédio. A aproximação também fez com que eu me lembrasse de que ainda estava com o paletó dele cobrindo o meu corpo.

Mas quando fui tirá-lo, a mão de Marinho me impediu de continuar.

— Não se preocupe com isso, depois você me devolve… Por enquanto eu só quero uma coisa… — Ele enfiou a mão por dentro da peça de roupa e pegou algo no bolso interno. A minha calcinha preta. Ele tocou duas vezes no tecido azul escuro e prosseguiu: — me devolve em nosso próximo encontro, quando você aceitar a exclusividade.

Eu me limitei a sorrir e, então, o seu motorista abriu a porta do carro para mim e me acompanhou com um guarda-chuva, até que eu estivesse em um local coberto, dentro da recepção. Agradeci a gentileza e segui para o meu apartamento, pensando em tudo o que tinha acontecido — e, principalmente, em sua proposta mais que tentadora.

Capítulo 18 — Questionamentos

Quando eu cheguei em casa, só conseguia pensar na maldita proposta. Durante o banho — que geralmente me livrava de tudo envolvendo os programas —, a sua voz era a única coisa que ocupava a minha mente. Até mesmo quando eu me deitei na cama, fechando os olhos para finalmente dormir, era o seu rosto que eu observava.

Mas, infelizmente, dizer um “sim” para Marinho seria o mesmo que gritar um “não” a todos os meus outros clientes. Por mais que eu não devesse nenhuma satisfação a eles, não queria deixar de atender as pessoas que pagaram por tudo o que eu possuía.

Continuei com esse dilema durante todo o primeiro dia — daqueles dois que ele havia me dado para decidir —, atendi a alguns clientes e, pela primeira vez em muito tempo, não me concentrei totalmente no que estava acontecendo no quarto. Eu não dei o meu melhor, pois estava presa demais a alguns questionamentos.

Quando a noite do último dia chegou, procurei por Rick para desabafar — como fazia em quase todas as vezes — precisava dividir aquelas coisas com outra pessoa e nada melhor do que alguém que vivia nesse mesmo mundo. Henrique, sem dúvida alguma, era a pessoa perfeita para me ajudar a decidir o que eu deveria fazer.

— Eu aceitaria isso no mesmo segundo… Adoraria ser exclusivo de um homem e recebendo muito mais do que ganho atendendo vários — comentou ele já me dando ótimos motivos para agarrar aquela oportunidade. Seus olhos, que estavam na televisão, se voltaram em minha direção. — E o fato de eu aceitar isso tão rápido assim, é sinal de que você não deve.

Eu não estava esperando por aquilo.

Quando decidi discutir sobre isso com ele, eu já estava esperando coisas positivas, que me motivassem a aceitar a proposta de Erick. Mas, assim como fez no dia em que comentei sobre Victória — no dia em que ele estava certo, diga-se de passagem —, ele não apoiou as minhas ideias, incentivando-me a correr de olhos fechados.

— E também tem aquela cláusula que me protege caso ele tente me dispensar antes do tempo…

Henrique revirou os olhos e começou a rir, deixando-me confusa.

— O que foi? — indaguei, realmente não entendendo nada do que ele queria expressar com toda aquela graça ou tom debochado.

Ele ficou alguns instantes em silêncio, encarando o meu rosto com uma expressão de *"não é óbvio, sua burra?"*. Mas quando Rick notou que eu realmente não tinha ideia dos pensamentos que pairavam por sua mente, ele me deu a resposta mastigada.

— Amiga, acorda pra vida… Essa cláusula aí é uma armadilha gigante — explicou ele, tentando me fazer enxergar aquilo que não consegui sozinha. — A multa de desistência vale para os dois lados, o que significa que você pode ficar presa com um cara louco por um ano inteiro.

Eu nunca pensei que Henrique bancaria o inteligente pra cima de mim. Mas, naquele momento, foi exatamente o que aconteceu. O meu amigo que sempre se envolvia demais com os clientes estava sendo mais sensato do que eu, a pessoa que se dizia inteligente e pé no chão.

— Eu… eu não tinha pensado nisso — confessei, enxergando tudo de outra forma, bem menos colorido e fantasioso.

Essa conversa me mostrou que a exclusividade, definitivamente, não era um

bom negócio, por mais lindo e perfeito que o meu cliente tentasse pintá-la.

Levantei-me do sofá e peguei o meu celular na mesinha de centro, já certa do que eu deveria fazer, ou melhor, escolher. Liguei para Marinho e, enquanto chamava, passei a andar de um lado para o outro na sala de Henrique.

"Você está fazendo a coisa certa, é o mais inteligente a ser feito" disse a mim mesma.

Foi somente no momento em que estava prestes a recusar a proposta de Erick que percebi o quanto eu a queria. Mesmo com todos os meus argumentos montados sobre o quanto eu detestava exclusividade, queria ser a "garota" dele.

No final das contas, eu era tão contraditória quanto qualquer outra pessoa. As coisas que deixavam a minha boca — e até mesmo aquelas que eu precisava reafirmar para mim mesma a todo instante — nem sempre eram verdades.

— Eu já estava começando a me preocupar — disse ele, ao atender a ligação. Marinho não me deu tempo de começar a dizer as coisas que estavam entaladas em minha garganta. — Podemos marcar de nos encontrar para definir mais algumas coisas e depois disso o nosso negócio vai estar oficialmente fechado.

Ele era tão convencido que nem devia passar por sua mente a ideia de eu recusar a proposta. Mas eu não podia jogar toda a culpa em suas costas, os seiscentos mil por ano realmente eram irresistíveis, qualquer outra garota teria aceitado.

Mas eu não era uma garota qualquer.

— Eu liguei para agradecer pela proposta e dizer que eu não posso aceitar — finalmente disse, ainda andando de um lado para o outro.

Ele ficou em silêncio e isso fez com que eu continuasse.

— Se você quiser, ainda podemos mar…

— Eu já deixei bem claro o que eu quero — ele me interrompeu, mostrando-me o quanto estava insatisfeito com a minha negativa. — Se não for pra ser assim, acho que é melhor não ser de forma nenhuma.

E então ele desligou na minha cara, deixando-me com um ódio mortal.

— O filho da puta desligou na minha cara? — disse, voltando o meu olhar para Rick. — Esse desgraçado nem me deixou responder.

Eu me detestei por ter dito que agradecia a proposta, mas que não poderia aceitar. Eu me odiei por fazer um monte de rodeios, ter cuidado com as minhas palavras para no final ganhar aquela grosseria.

O *"se não for pra ser assim"* era, basicamente, *"se não for pra ser como eu quero"*. Aquele cretino não conseguia aceitar o fato de que nem todo mundo se jogava aos pés dele, fazendo sorridentemente todas as suas vontades.

Respirei fundo e tentei ver tudo aquilo como uma lição divina — considerando o fato dos celestiais se preocuparem em avisar a mulher que provavelmente iria para o inferno —, a de que eu havia feito a escolha certa em não me prender a ele.

— Eu não vou atender esse idiota nunca mais — disse, refazendo a promessa que havia quebrado há algumas semanas. Antes que Rick jogasse na minha cara que eu já tinha dito isso, antes de aceitar ir àquele jantar, completei: — Desta vez é pra valer.

Capítulo 19 — Briga

No momento em que a portaria ligou, avisando-me de que o cliente estava subindo, eu desliguei o celular e corri para o banheiro, dando os últimos retoques no meu visual. Por sorte, só faltava o batom vermelho e uma ajeitada em meu cabelo, o que eu não levou muito tempo.

Em menos de dois minutos, eu ouvi três batidas na porta. Já pronta para o “crime”, fui atender a pessoa que havia me ligado no começo da semana para marcar um programa.

Ao girar a maçaneta e encontrá-lo parado, encarando o chão, foi impossível não sorrir.

Alexandre retribuiu o sorriso e se aproximou para me cumprimentar com um beijo no rosto. E com a aproximação, pude sentir um pouco do seu perfume delicioso.

Ele sempre me tratava bem — muito mais do que o normal, comparado com o restante dos meus clientes. Eu nunca me acostumaria com aquele seu tratamento, até parecia que estávamos em uma espécie de encontro.

— Tudo bem com você, Alex? — questionei, fazendo um sinal com a mão para que ele entrasse.

Depois de cruzar a porta, ele respondeu: — Melhor agora.

Como o loiro estava sem jeito, parado a alguns metros de mim, observando o meu rosto, eu tomei a iniciativa e o peguei pela mão, levando-o até o quarto que eu usava para os programas.

O apartamento era razoavelmente grande, possuía duas suítes bem espaçosas. Um deles era o meu particular, que eu usava para dormir e guardar as

minhas coisas — esse estava, na maior parte das vezes, bem desorganizado. O outro era, basicamente, o meu *"local de trabalho"*, que eu usava exclusivamente para os programas.

Nunca conseguiria dormir na mesma cama em que o sexo acontecia. Manter isso em quartos separados era a forma mais simples que encontrei de me manter sã, diferenciar bem as coisas, por mais que fosse complicado. Quando eu me deitava no meu quarto, não queria estar pensando em clientes e muito menos nas coisas que aconteceram durante os programas.

— Você quer começar fazendo o quê, bonitão? — indaguei logo após fazê-lo sentar-se na cama.

Alex me secou com o seu olhar, certamente não sabendo como responder à minha pergunta. E tudo o que eu não queria, era deixá-lo pressionado, por mais que fosse com algo idiota.

— Acho que eu vou ter que escolher por você — sussurrei, aproximando-me dele em passos lentos. Inclinei-me e coloquei a minha mão direita sobre a sua coxa e fui subindo, cercando o pacote que ele estava escondendo. — Que tal a gente começar por aqui, hein safado?

Ele concordou com as minhas palavras, balançando a cabeça e sorrindo com a ideia de me ter ocupada com o seu membro.

Por mais que tivesse optado pelo sexo oral, eu queria ter começado de forma diferente, que não se assemelhasse à última vez em que estivéramos juntos.

Uma das coisas que eu mais evitava quando os clientes retornavam para um novo programa, era deixar o encontro parecido com o da vez anterior. Eu tinha medo do sexo acabar se tornando monótono — exatamente como o que a maior parte deles tinha com as esposas em casa.

Antes que eu pudesse abaixar aquela calça e apertar o seu cacete com força,

fui interrompida por algumas batidas em minha porta.

Como eu continuei parada, Alexandre voltou os seus olhos cor de mel em minha direção, esperando por uma resposta da minha parte — uma que eu não possuía.

— Eu não estou esperando ninguém… — disse a ele, mesmo com uma boa ideia de quem poderia ser. — Por que você não vai tirando um pouco dessa roupa enquanto eu vou lá despachar essa pessoa?

Felizmente, ele não se contrapôs à ideia. A minha voz sexy deu conta do recado ao sussurrar um simples *"eu já volto pra cuidar de você"*.

Deixei o quarto, respirando bem fundo para não estrangular Henrique — a pessoa por trás das batidas. Como o pessoal da portaria o conhecia — bem demais, por sinal —, não ligava pra avisar sobre as suas visitas.

Não era a primeira vez que isso acontecia. No entanto, eu não poderia nem ficar com raiva dele, pois nas últimas semanas eu o perturbei várias vezes, sempre correndo até o seu apartamento para *"desabafar"*.

Abri a porta, pronta para dizer um *"você vai ter que voltar depois"*. Mas antes que eu pudesse pronunciar a primeira palavra, notei que não se tratava de Rick.

Erick Marinho estava do outro lado.

— Só pode ser brincadeira! — disse, confrontando o universo por me agraciar com momentos assim. — Uma de extremo mau gosto.

Eu não acreditando que ele havia invadido o meu prédio mais uma vez.

Como já era de se imaginar, o meu primeiro cliente — e o mais conturbado deles — não esperou por um convite, simplesmente avançou por mim, entrando em meu apartamento.

Eu me detestei por não ter fechado a porta em sua cara, vingando-me daquela ligação, onde ele nem me deixou falar.

Dessa vez, eu nem fiz questão de perguntar como ele havia passado pela portaria. Sabia que a resposta disso devia ser *"dei um pouco de dinheiro pra alguém"*.

Quando ele viu o meu olhar, que o fuzilava sem nenhuma piedade, estivou os lábios em um sorrisinho debochado, nem disfarçando que adorava me irritar.

— Não me olhe assim, meu amor… A culpa é toda sua, foi você que não quis me atender — comentou ele, justificando-se de algo que não tinha justificativa.

Depois do dia em que liguei para ele e disse que não poderia aceitar a sua proposta — um pouco antes de ele desligar na minha cara —, cheguei à conclusão de que não deveria mais atendê-lo. Na noite em que tomei essa decisão, eu ainda nem sabia se Erick ainda tinha algum interesse em mim — alguém que não deitava no chão para que ele pisasse.

As suas ligações começaram três dias depois. Eu não me dei nem ao trabalho de atender, mas ele foi muito insistente, enviando mensagens de texto, deixando recados para minha caixa postal e até mesmo recorrendo a Márcia, que me ligou dizendo que eu deveria encontrar um lugar na minha agenda para ele.

Mas diferentemente das últimas vezes, eu não cedi a essa pressão e continuei ignorando da forma que ele merecia ser ignorado. Parei de dar atenção ao palhaço que ele era.

E agora ele estava parado bem à minha frente, complicando muito as coisas pra mim. Dispensá-lo por telefone era muito fácil. Pessoalmente? Nem tanto. Afinal, eu ainda gostava do desgraçado.

— Qual a parte do "não" você não conseguiu entender, Erick? — questionei com os meus olhos colados em sua cara de pau. — Pra um diretor executivo,

você é um cara bem burro.

Usei o seu primeiro nome e falei do cargo que ele exercia só para irritá-lo. Como Marinho detestava ter a privacidade “infringida”, usei isso como forma de ataque.

Ele, por sua vez, lançou-me um olhar que me deu uma boa ideia do xingamento que estava prestes a usar. Mas antes que Marinho pudesse pronunciá-lo, o meu outro cliente, provavelmente atraído pelo barulho, saiu do quarto e aproximou-se da cozinha, tornando a cena ainda pior.

O homem dos olhos esmeralda ficou três segundos com a boca aberta, extremamente surpreso com aquilo que acabava de constatar.

Se antes eu achava que Erick havia me indicado para Alexandre, agora tinha certeza de que isso não havia acontecido.

Eu voltei o meu olhar para o loiro, tentando tirá-lo da sala e não correr o risco daquela discussão idiota com Marinho incluir mais uma pessoa.

— Daqui a pouco eu te encontro lá no quarto — disse a ele, esforçando-me para passar a impressão de que tudo estava bem. — Ele já está de saíd…

— Vai voltar pro quarto porra nenhuma! — interrompeu-me o moreno, dando três passos e aproximando-se do amigo. Depois de parar em frente a Alexandre, Erick voltou o olhar em minha direção. — É isso mesmo que eu entendi? Você está dando pra ele, Sabrina?

Aquela pergunta foi tão idiota que eu não consegui encontrar uma resposta para ele.

Mas, diferentemente de mim, Alex sabia muito bem o que responder.

— Ela não é tua propriedade, parceiro.

Isso foi o suficiente para que Marinho avançasse mais um pouco, peitando

Alexandre.

Nesse instante, finalmente enxerguei o quanto aquela situação era problemática. Fiquei com medo de que dois começassem a brigar e, para impedir que isso acontecesse, eu me coloquei entre aqueles dois, separando-os como uma professora do primário.

O moreno sorriu, encarando a resposta do cara que deveria ser o seu amigo como um desafio.

— Eu sempre soube que você era um filho da puta, mas não pensei que fosse tanto — Marinho disse, como se estivesse sendo traído por nós dois, o que era bem ridículo. — Eu vou te ensinar a não mexer no que é meu.

Senti toda a tensão entre eles e estiquei os meus braços, afastando-os o máximo que eu pude, mesmo sabendo que era uma questão de tempo até que eles começassem a brigar.

Levei o meu olhar para o rosto do homem que continuava a despejar ameaças.

— Eu sou uma garota de programa e atendo qualquer pessoa que me pag…

— Eu não estou falando com você… Ainda não — Erick me cortou mais uma vez e me afastou com o braço, tirando-me do seu caminho. Ele tornou a se aproximar de Alexandre, para o confronto que parecia ser inevitável. — Nesse momento, a minha conversa é com esse pilantra aqui.

Alex levantou a cabeça, mostrando-me que também estava disposto a resolver as coisas com violência. Nesse momento, eu constatava mais uma vez o quanto os homens eram burros e primitivos, sempre achando que a melhor solução para os problemas era sair dando porrada.

— Eu peguei mesmo e dei um trato gostoso nela, comi todinha — provocou o loiro, deixando-me bem surpresa com a rebeldia. Depois que Marinho tornou a

se referir a ele como *“filha da puta”*, antes de recomeçar com as ameaças, Alexandre continuou: — E você vai fazer o que mesmo?

Erick estava bem irritado e isso deixou claro que a briga não se limitaria a apenas alguns socos e chutes.

— Se vocês dois não pararem com isso agora, eu juro que vou ligar para a portaria e chamar o segurança do prédio — ameacei, morrendo de medo do que poderia acontecer. — Eu estou falando sério!

Mas, infelizmente, eles não me ouviam, os seus olhares sanguinários deixavam isso evidente. E eu também sabia que até o segurança subir, alguém estaria gravemente ferido, o que também significava que envolveria policiais — e eu sempre buscava evitar a polícia.

Sem muita opção, eu corri em direção a minha bolsa e peguei o meu spray de pimenta — algo que sempre levava comigo, por receio de acabar sendo atacada por um louco qualquer. Retornei até onde eles estavam e aprontei a minha arma, em uma cena completamente patética.

— Eu quero os dois fora do meu apartamento — comentei, esforçando-me para manter a calma. Como eles continuaram parados, completei, aumentando bastante o meu tom de voz: — AGORA!

Depois do meu grito, Alexandre deixou de pitar Marinho e voltou o seu olhar em minha direção. O loiro assentiu com a cabeça, entendendo o meu recado.

— Eu sinto muito… por tudo isso — disse ele como se fosse o único culpado, o que não era verdade. — Eu não vou bri…

Marinho o golpeou em cheio no rosto, aproveitando do momento em que Alex abaixou a guarda, falando comigo. O soco covarde foi tão forte que o loiro cambaleou para trás, antes de levar a mão até a face, cobrindo o local do impacto.

O sangue sujou o piso da cozinha e contribuiu para que eu entrasse em um estado grogue.

— Isso aí foi só um aviso pra você aprender a não pegar o que não é seu — disse Marinho com os punhos cerrados, ameaçando voltar a atacar.

Eu continuei completamente paralisada com aquela violência acontecendo bem à minha frente, não conseguia nem mesmo dizer alguma coisa, tampouco usar a porcaria do spray de pimenta.

— Eu vou matar você, seu desgraçado! — respondeu Alexandre visivelmente alterado.

Eu nunca o havia visto daquela forma. Ele sempre foi bem calmo e, em determinados momentos enquanto dividíamos a mesma cama, até mesmo bobo.

E pensar que eu o considerava ingênuo até alguns minutos atrás.

Alex se levantou e se jogou em cima de Erick. Os dois começaram a se empurrar pelo meu apartamento, derrubando cadeiras, quebrando o vaso de flor em cima da mesa e tornando tudo extremamente caótico.

E isso — principalmente o barulho —, fez com que eu deixasse aquele estado e passasse a agir.

Aproximei-me dos dois, gritando para que eles se afastassem e interrompessem a briga, mas, com já era de se esperar, de nada adiantou, eles continuaram se golpeando no chão da minha cozinha.

Totalmente desesperada, eu apontei o spray em direção a eles e disparei sem mirar em um ponto específico. Só continuei pressionando, torcendo para que isso fizesse com que eles se afastassem.

Mas, novamente, eu não tive resultado nenhum.

Como notei que disparar contra o corpo deles não surtia efeito nenhum —

pelo menos, não o suficiente para interromper a briga —, mirei no rosto do moreno e pressionei com toda a minha força. No entanto, infelizmente, bem nesse instante, Alexandre se aproximou para golpeá-lo e o disparo que era para acertar Erick o atingiu.

O jato do líquido foi bem no olho dele, fazendo-o gritar de dor. Isso me mostrou — de forma, muito clara — que o meu disparo havia doído mais do que todos os socos de Marinho.

Erick se levantou, afastando-se de Alex e começou a rir enquanto o homem continuava se debatendo no chão.

Eu corri em direção a pia e peguei um pano de prato na segunda gaveta. Depois disso, o enfiei em baixo da torneira, molhando-o bastante. Como era a primeira vez que havia usado aquilo, não tinha ideia do que fazer em caso da porcaria do spray atingir o olho de alguém por acidente. Mas como água aliviava queimaduras, eu supus que também devia ajudar nesses casos mais peculiares.

Levei o pano úmido para que ele limpasse os olhos e, enquanto esforçava-me para ajudá-lo, comecei a repetir *"me desculpe"* sem parar.

— É bem irônico vindo e um fura olho, não é? — continuou Erick ainda rindo do que havia acontecido a Alexandre.

Eu estava tão envergonhada que não conseguia nem olhar em direção a Alex.

Primeiro eu deixei que o Marinho invadisse o apartamento e atrapalhasse o nosso programa. Depois falhei em impedir a briga e, logo em seguida — fechando com chave de ouro — disparei spray de pimenta em seus olhos.

Eu só fui criar coragem para encará-lo quando Alex me devolveu o pano de prato. Nesse instante, eu notei o quanto os seus olhos estavam vermelhos, completamente afetados pelo líquido disparado — tudo isso sem contar com todos os machucados deixados por Erick.

— Eu… eu estou bem… A dor deu uma diminuída — ele sussurrou, levantando-se e passando a piscar sem parar. Alexandre se voltou em minha direção e focou os seus olhos em mim, arregalando-os. — Tá muito feio?

Eu balancei a cabeça de forma negativa, mentindo descaradamente. Já tinha feito toda aquela “cagada”, não podia ser a pessoa que contaria a verdade a ele.

O desgraçado do Marinho continuava rindo.

— Sua cara tá toda zoada… — revelou o moreno, deixando-me ainda mais envergonhada. — Você tá parecendo o chupa-cabra.

Lancei um olhar de desaprovação para Erick e tornei a me concentrar em Alex.

— Eu acho que é melhor dar um pulo no hospital… — disse, usando o pano de prato para limpar alguns dos arranhões sangrando em seu rosto. — Aí você já aproveita e faz um curativo nesses machucados.

Ele recusou balançando a cabeça e isso fez com que eu insistisse, oferecendo-me para acompanhá-lo até o pronto-socorro mais próximo.

— É sério, não precisa. Eu estou bem — argumentou ele, fazendo uma careta de dor e não me convencendo muito de suas palavras. — Eu acho melhor a gente continuar isso em um outro dia…

Com um aceno de cabeça, eu concordei com as suas palavras. Na verdade, estava bem aliviada por ele ter sugerido isso primeiro, me livrando desse fardo pesado, que eu, muito provavelmente, não conseguiria carregar.

Alexandre tirou a carteira do bolso e começou a pegar algumas notas.

No mesmo instante, eu o impedi de continuar com aquilo.

— Não, não e não… — disse, deixando bem claro que não aceitaria um pagamento, não depois de tudo o que havia acontecido. — Deixa isso pra essa

próxima vez, O.K.?

Ele sorriu e, então, fez uma careta, lembrando-se de que o seu lábio estava cortado e de que não deveria sorrir.

Acompanhei o cliente até a porta e antes que ele a cruzasse, eu pronunciei mais uma vez um *"eu sinto muito por isso, de verdade"*.

E, quando Alexandre finalmente deixou o meu apartamento, os meus olhos voaram em direção ao cara que continuava reclamando.

— Esse imbecil acha mesmo que vai te ver de novo? Ele é muito idiota — comentou Erick, balançando a cabeça, incrédulo. — Você deveria ter pegado o dinheiro.

Assim como Alex, Marinho também tinha alguns ferimentos espalhados pelo rosto. Mas estava, indiscutivelmente, melhor do que o meu outro cliente. O maior ferimento estava no canto de sua boca.

— Qual é a porra do seu problema? — questionei, aproximando-me de onde ele estava parado.

O sorrisinho bobo tornou a surgir em seus lábios debochados.

Ele adorava me irritar, parecia uma espécie de esporte.

— Você, Sabrina… A porra do meu problema é você — respondeu ele, deixando-me com vontade de também iniciar uma briga física. Ele cerrou os punhos e bufou, mostrando-me que por mais que estivesse rindo há poucos minutos, ainda estava com muita raiva. — Há quanto tempo vocês dois estão…

— Eu saí com ele um dia antes daquele nosso jantar e, até agora, pensava que você havia me indicado — disse, odiando-me por me lembrar de que havia ficado com raiva por achar que Marinho havia me *"recomendado"* para o amigo. — Na verdade, foi no dia em que a gente cruzou com a Victória… Foi o Alexandre que me confirmou que ela era a sua esposa.

Ele tornou a rir, gargalhou, esbanjando sarcasmo.

— Pior que eu devo ter feito isso… — retrucou ele, completamente inquieto, mexendo os braços, como se quisesse continuar desferindo golpes. — Eu contei tudo pra ele, disse que gostava de passar o meu tempo livre ao seu lado, falei sobre você ser a mulher mais linda que eu já conheci e do quanto as nossas brigas me divertiram… Acho que isso foi uma indicação.

Todas aquelas coisas — as mais bonitas que Marinho já havia dito pra mim —, deixaram-me desconcertada. Depois disso, eu nem consegui mandá-lo embora da minha casa.

— Não é a primeira vez que ele tenta pegar o que é meu… — Antes que eu pudesse repetir que não pertencia a ele ou a qualquer outro homem, Erick mesmo se corrigiu. — Quer dizer, algo que eu gosto. Mas o fato é que eu nunca me importei muito, até o ajudei com aquela porcaria de marca, fiquei do lado dele até mesmo quando ele lançou aqueles vestidos horríveis que você foi obrigada a usar… — Seus olhos esmeraldas se levantaram, encontrando-se com os meus. — Eu não me importei até ele vir atrás de você.

Ele se aproximou e eu senti que estávamos a um passo de nos beijar e isso fez com que eu me afastasse, destruindo o clima.

Caminhei até a mesa e peguei o meu celular. Eu o liguei e esperei ansiosa para mandar uma mensagem para Alexandre, desculpando-me novamente pelo ocorrido. Por mais que Marinho estivesse me dizendo todas aquelas coisas, Alex sempre me tratou bem, muito melhor do que ele deveria e isso não conseguia ser apagado com duas frases.

— Você não vai falar nada? — indagou Erick, tornando a roubar a minha atenção. — Eu acho que mereço um pedido de desculpas.

Eu não conseguia acreditar.

Ele queria mesmo que eu me desculpasse por aceitar um programa?

Esperaria sentado.

— Eu não te devo nada, nem mesmo satisfação — respondi, já cansada de deixar isso claro para ele. — Eu não concordei com a porcaria da exclusividade, Erick… Eu não sou sua. — Revirei os meus olhos e não consegui evitar um riso frustrado. — Mas não precisa se preocupar, até porque, depois desse seu showzinho, o Alexandre nunca mais vai querer me ver.

O moreno balançou a cabeça e riu, como se alguma coisa naquela situação tivesse alguma graça.

— Aquele frouxo não deve nem te aguentar… — Marinho retrucou, com aquele seu excesso de confiança. — Ele não é homem pra você.

Responderia com um *"e nem você, meu querido"*, mas outra coisa chamou a minha atenção — algo aterrorizante. Assim que liguei o meu celular, notei que havia cinco ligações não atendidas de Caroline.

E isso foi mais do que o suficiente para que eu entrasse em desespero.

— O-O que foi? — questionou ele, ao notar a expressão assustada em meu rosto. — Aconteceu alguma coisa?

Ignorei tudo o que Marinho estava dizendo e liguei para a minha irmã o mais rápido que eu pude, só queria ouvir a voz dela e me certificar de que ela estava bem.

Eu coloquei o celular em meu ouvido e comecei a sussurrar *"atende, atende, atende, atende, atende, atende"* de forma ininterrupta, como se isso fosse ajudar.

E realmente não ajudou, pois só estava caindo na caixa postal.

Depois da terceira tentativa, caminhei até o sofá para pegar a minha bolsa. Eu não conseguiria ficar ali parada, esperando até que a minha irmã me desse alguma notícia. Eu estava disposta a ir até a casa da minha mãe, mesmo que isso

significasse que eu poderia encontra-la por lá — ou pior, encontrar com o meu padrasto.

Antes que eu pudesse chegar até a porta, Erick se colocou na minha frente e me segurou pelos braços, impedindo-me de sair.

— Fala comigo, porra! — Ele gritou, trazendo-me de volta dos pensamentos aterrorizantes. — Que droga está acontecendo, Sabrina?

Como eu sabia que ele não me deixaria ir sem antes responder à sua pergunta, contei o que estava acontecendo a ele.

— A minha irmã… Eu acho que aconteceu alguma coisa… Eu preciso…

— Estou de carro — ele se ofereceu, nem me esperando finalizar a frase. — Eu posso te dar uma carona até lá, se você quiser.

Balancei a cabeça, recusando a oferta.

— Não… não precisa…

Mas, infelizmente, não foi tão fácil assim me livrar dele.

— Eu não vou te deixar sair sozinha, não nesse estado...

Estava começando a me sentir angustiada por estar ali, desperdiçando um tempo precioso com ele. Caroline podia estar precisando de mim.

— Da última vez em que ela te viu… — comecei a dizer, tentando explicar o motivo por eu estar recusando. — Não terminou bem.

Ele pensou um pouco e notou que eu estava certa, que não seria uma boa ideia aparecer acompanhada — principalmente com o cara que ela sabia que era um dos meus clientes, basicamente o motivo por estarmos brigadas.

— Então, o meu motorista te leva até lá — concluiu ele, deixando explícito de que eu não poderia recusar a oferta, não dessa vez. — Eu acho um táxi pra mim.

Como não estava com muito tempo para ficar discutindo com ele, eu acabei aceitando aquela sua proposta e, então, finalmente deixamos o meu apartamento. Marinho me acompanhou até a portaria e conversou com o cara que estava esperando-o do lado de fora — o mesmo motorista que me buscou em nosso segundo encontro —, disse para ele me levar para onde eu quisesse ir e para que cuidasse de mim.

A minha mente estava tão distante dali que nem mesmo o agradeci pela ajuda — algo que ele não tinha obrigação nenhuma de fazer —, simplesmente entrei no veículo escuro e rezei para que a minha irmã mais nova estivesse bem.

Capítulo 20 — Jéssica Martins

Eu nunca senti tanto medo em toda a minha vida, nem mesmo no dia em que Leandro — o meu padrasto — avançou em minha direção, fazendo-me gritar e, consequentemente, atraindo o vizinho até o apartamento em que vivíamos com a minha mãe e minha irmã pequena.

O simples pensamento de que algo ruim poderia ter acontecido a ela, fazia com que tudo dentro de mim se partisse. E talvez toda essa dor só estivesse sendo aumentada porque, lá no fundo, eu sabia que a culpa era minha, mesmo que tudo tivesse ocorrido de forma indireta.

Eu deveria estar mais presente na vida dela, mas eu não estive. Fui idiota o suficiente para não procurá-la depois daquele desentendimento, fui idiota o suficiente para deixar que ela tivesse *"um tempo para refletir"*. Eu não deveria ter deixado que o meu "trabalho" — independentemente do que fosse — me afastasse da única família que eu possuía.

Mas agora já era tarde demais, eu não poderia mudar o passado e questionar sobre as coisas que eu poderia ou não ter feito, só prestava para me deixar ainda mais frustrada com as escolhas que havia feito.

"Você está bem?" foi a primeira mensagem que eu enviei para ela. Nessa, eu até me preocupei em não transmitir todo o desespero que sentia.

Mas o fato era que eu não aguentava mais ficar dentro do carro, olhando pelo vidro e imaginando as coisas que poderiam ter acontecido. Não aguentava mais todas aquelas terríveis possibilidades bombardeando a minha mente.

Carol não respondeu, aumentando a minha angustia.

Sendo assim, eu não esperei nem um minuto para mandar outra. E, dessa

vez, não consegui transmitir uma tranquilidade que não existia.

“Aconteceu alguma coisa?” enviei antes de pedir para o motorista apressar mais um pouco. E quando o carro parou em um sinaleiro, continuei com *“o que ele fez?”*.

Mas, novamente, não tive uma resposta e isso fez com que eu concluísse com um *“estou indo para a casa da mãe”*.

Eu fiquei tão nervosa que mal conseguia segurar o celular de tanto que a minha mão tremia. O sentimento de impotência era gigantesco. Eu detestava me sentir dessa forma, completamente inútil.

Quando chegamos ao bairro em que eu cresci, o meu celular apitou, fazendo-me voltar a atenção para ele no mesmo instante.

Era Carol.

“Eu não estou lá. Estou na casa da Juliane”.

Antes que eu pudesse digitar, perguntando onde ficava isso, ela me mandou o endereço. E somente com essas poucas palavras, eu já me senti mais aliviada, mesmo ainda sem saber o que realmente tinha acontecido.

Não perdi mais tempo, pedindo para que o motorista mudasse o nosso destino e me levasse até a casa dessa amiga.

Ele não conhecia o bairro, mas eu, como cresci ali, tinha uma boa ideia de onde era. A localização da rua que ela me enviou era bem próxima do colégio em que eu costumava estudar.

Por esse motivo, não foi tão complicado localizar. E quando chegamos, desci do carro apressada, procurando a casa azul, com o número 205. Após encontrá-la, eu nem hesitei para me colocar em frente ao portal e gritar o nome da minha irmã, como se a minha vida dependesse disso.

Não demorou muito para que Carol saísse de lá e viesse me encontrar em frente ao portão branco. O rosto dela estava todo vermelho, evidenciando o choro e isso fez com que eu voltasse a me desesperar.

— O-O que ele fez? — indaguei ainda sem saber se realmente queria saber a resposta.

A minha irmã balançou a cabeça, negando. No entanto, era visível que existia alguma coisa e isso fez com que eu repetisse a pergunta.

— O que ele fez, Caroline?

Ela trouxe os seus olhos cheios d'água até o meu rosto e respondeu: — Ela… ela sabia. — Carol abriu o portão e saiu para o lado da calçada, aproximando-se de mim. — Ela sabia de tudo, Jéssica.

Caroline parou bem à minha frente e começou a chorar, enquanto repetia a sua frase anterior, dando-me uma boa ideia de quem o *"ela"* se referia.

Eu a abracei com bastante força, fechando os meus braços em torno de seu corpo. E depois de nós duas já estarmos ligadas pelo abraço apertado, eu não consegui mais segurar as minhas lágrimas.

— Ela sabia sobre o que aconteceu com você… Ela sempre soube — continuou ela entre os soluços. — E… e ela não fez nada, Jéssica.

Carol afastou-se e se sentou no meio fio, voltando o seu olhar em minha direção. Enxerguei muita vergonha em sua expressão facial.

— Me desculpe por…

Eu me aproximei e sentei-me ao seu lado e a impedi de finalizar aquela frase.

— Não precisa se desculpar… — disse a ela, abraçando-a novamente. — Está tudo bem… você não tem culpa.

Sentada ali, a minha irmã me explicou exatamente o que havia acontecido e me garantiu que Leandro nem mesmo chegou a tocar nela.

De acordo com Carol, nas últimas semanas os olhares do nosso padrasto aumentaram, tornando a situação quase insuportável. Leandro também deixou de se limitar apenas a isso, passando a investir em cima dela com algumas brincadeirinhas inapropriadas. E como isso a deixou assustada, ela resolveu contar tudo para a nossa mãe, com medo do que poderia vir a acontecer se continuasse ignorando todos esses sinais.

Caroline narrou para a nossa mãe tudo o que acontecia dentro daquela casa, de como Leandro mudava quando ela não estava presente. Informou dos olhares, das investidas e das brincadeiras. Mas em vez de continuar a ouvi-la, a nossa mãe começou a defender Leandro, dizendo que eu — a irmã mais velha dela — estava colocando coisas em sua cabeça, induzindo-a a achar isso.

Durante todo o tempo em que a minha irmã contou sobre o assédio que sempre sofria por parte do nosso padrasto, ela não havia citado o meu nome, nem mesmo em um único momento. Então, quando a minha mãe usou essa desculpa, Carol descobriu que ela sempre soube de mim, do que havia acontecido no passado.

— Eu… eu não consegui te contar — confessei envergonhada por ter sido tão covarde. — Não queria manchar a imagem que você tinha dela, não queria tirá-la de você.

Caroline deixou escapar um riso frustrado.

— Não adiantou muito, já que agora essa imagem está completamente pintada de preto. — Os olhos dela estavam fixos no carro do outro lado da rua. — Eu não quero voltar àquela casa… Nunca mais.

Então, os seus olhos tornaram a me encontrar.

Eu senti toda a sua hesitação e medo, muito antes das palavras surgirem.

— Você… você tinha me dito que se eu quisesse…

— Não se preocupe com isso, você não vai voltar pra lá — garanti a ela, forçando um sorriso. — Eu vou dar um jeito em tudo.

O *"eu vou dar um jeito em tudo"*, definitivamente, era mais para mim do que para ela.

Como o motorista estava olhando em nossa direção, acabei me lembrando de que o chefe dele — ou a esposa — poderia estar precisando do carro.

— Vamos? — questionei, ainda sorrindo, em uma tentativa de aliviar o clima pesado que pairava entre nós duas.

Ela confirmou com um aceno de cabeça, retribuindo o sorriso.

— Eu só preciso pegar a minha bolsa lá dentro.

Foi impossível não me enxergar nela, no seu medo e em descrença em nossa "família". E, nesse momento, o meu estômago congelou só com a ideia de que ela poderia vir a trilhar o mesmo caminho que eu.

Eu não era do tipo de pessoa que cuspia no prato em que havia acabado de comer, principalmente em um que repeti várias vezes. Ser uma garota de programa — e depois acompanhante de luxo — sempre funcionou para mim, pagou as minhas contas e até fez com que eu gostasse com o tempo, encarando-o como um trabalho qualquer.

Mas eu não queria isso para ela — o que confirmava que não era tão bom assim. Podia até ter as partes boas — o que incluía bastante dinheiro —, mas as partes ruins eram muito ruins.

E somente essa ideia fez com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem e, consequentemente, que eu tomasse uma decisão — uma de que eu tinha certeza não ser das boas, por mais que fosse muito necessária.

Assim que Caroline se afastou para pegar a mochila, eu tirei o meu celular do bolso e procurei pelo contado de Marinho em minha lista.

Senti o meu coração disparar enquanto chamava, ouvi o meu subconsciente gritar um sonoro *"não"* e lembrei-me até mesmo de Henrique questionando *"você pode ficar presa com um cara louco por um ano inteiro"*. Mas nada disso interrompeu o meu celular de continuar chamando.

— Como a sua irmã está? — Essa foi a primeira coisa que ele disse após atender a ligação. — Ela está bem, Sabrina?

Nesse instante, com todas as coisas que se passava por minha mente, eu nem conseguia prestar muita atenção no que ele estava dizendo.

— Eu… eu aceito — disse completamente decidida, mesmo ciente de todas as consequências que chegariam até mim mais cedo ou mais tarde. — Se aquela oferta, a da exclusividade, ainda estiver de pé… Eu aceito.

A minha irmã mais nova não precisava de "Sabrina Lancaster", ela não precisava de todos os clientes chegando em meu apartamento, ela não precisava da irmã mais velha atendendo dezenas de ligações de caras diferentes todos os dias para marcar um programa. Nesse momento, ela precisava da "Jéssica Martins" e a forma mais fácil de ser essa pessoa e ainda conseguir manter o meu padrão de vida — mais do que o suficiente para cuidar de nós duas —, era atendendo apenas um homem.

Epílogo

Diferentemente de todas as outras vezes em que nos encontramos, nós não estávamos em um quarto de hotel e nem mesmo em um restaurante — ou no meu apartamento. Erick pediu para que eu fosse até o seu escritório para acertarmos os últimos detalhes com respeito à “exclusividade”.

Por mais que Rick continuasse me dizendo o quanto essa ideia era péssima — provavelmente, com muita razão —, eu sabia que, devido aos últimos acontecimentos envolvendo a minha irmã, era o melhor a ser feito. Já tinha refletido bastante sobre essa mesma questão e todos os caminhos me levavam de volta a Marinho.

Eu fiquei sentada na recepção, esperando por mais de trinta minutos.

Trinta minutos.

Toda essa demora só não superou a do nosso segundo encontro — aquele que aconteceu logo após o evento de Márcia —, no dia em que ele me deixou plantada no quarto do *Star Palace*.

Eu não duvidava que o filho da mãe havia me deixado ali de propósito, só para que eu constatasse — outra vez, diga-se de passagem — sobre o quanto ele era um homem ocupado e poderoso. Isso fazia bem o estilo daquele cretino.

Depois que a senhora sentada à mesa à minha frente — a secretária — informou-me que ele finalmente me receberia, ela me acompanhou até a sala dele, que ficava no final do corredor.

A mulher grisalha bateu três vezes na porta e a abriu, levando-nos para dentro do ambiente. A primeira coisa que eu notei ao cruzar aquela porta foi o tamanho do lugar, que era enorme e extremamente luxuoso.

Ainda que nenhum de meus outros clientes tivessem me levado até o escritório deles, eu tinha certeza de que aquela sala era especial, única — assim como o seu proprietário dela.

— Desculpe a demora, é que surgiu uma reunião de última hora e era muito importante pra cancelar — explicou ele assim que dispensou a secretária que havia me acompanhado até ali. Erick apontou em direção a uma cadeira que ficava de frente para a sua mesa. — Senta aí… A gente ainda tem bastante coisa pra resolver.

Sentei-me no local indicado e voltei a minha atenção a ele, que ainda organizava os papéis em cima da mesa.

— Aqui é bem grande… — observei, virando-me na cadeira para encarar tudo daquele novo ângulo. — Tem quase o tamanho da minha sala e cozinha juntas.

— É que eu sou um cara bem espaçoso — respondeu ele queimando-me com o olhar.

"E várias outras coisas desagradáveis", pensei quase pronunciando em voz alta.

— Eu te chamei aqui hoje porque acho que precisamos estabelecer algumas coisas — continuou ele, pegando uma folha e separando-a das demais. — Quero saber dos seus limites, das coisas que você está disposta a fazer e, também, daquelas que não está.

Eu não entendi o porquê daquilo.

Não tinha muita lógica.

— Não é como se a gente ainda não tivesse transado. — respondi cruzando as minhas pernas. — Estou disposta a fazer tudo o que eu fiz nessas vezes.

Ele sorriu de forma maliciosa.

— Da forma que eu gosto, nós ainda não transamos — rebateu ele, engolindo-me com o olhar. — Eu tenho um gosto… Peculiar.

No mesmo instante, lembrei-me de Márcia dizendo que o seu amigo possuía *"métodos estranhos"*. E, nesse instante, eu questionei se realmente os tinha conhecido, se Erick não havia guardado essa carta em sua manga.

Foi impossível não me assustar um pouco com aquela conversa, tampouco deixar de teorizar sobre o buraco em que eu estava me enfiando, a cada segundo era como se eu estivesse um pouco mais fundo.

— Existem algumas coisas que eu até faço com algumas ressalvas e outras que estão fora de questão — disse optando por ser direta.

— Que tal começar pelas que você não faz? — ele sugeriu, pegando uma caneta e voltando os seus olhos para mim.

Balancei a cabeça, concordando.

— Nada que envolva algum tipo de fluído corporal — disse, lembrando-me de alguns loucos que apareciam querendo algum programa com essas "peculiaridades" bizarras. — Com exceção do sêmen, é claro.

Ele riscou alguma coisa em uma folha, provavelmente eliminando um determinado fetiche doentio de sua listinha medonha.

— Enforcamento e nada que me asfixie por muito tempo — continuei, também recordando de algumas péssimas experiências. — Mas como eu sei que você curte esse lance de dominação, se for uma coisa rápida, que não me prive de ar por mais de trinta segundos, pode até rolar.

Marinho concordou e fez um gesto com a mão para que eu prosseguisse.

— Dupla penetração é algo que eu não gosto muito de fazer — disse a ele,

mesmo sabendo que a ideia de dividir uma mulher com outro cara não devia agradá-lo.

Erick mesmo havia me dito que não era do tipo de homem que gostava de dividir.

— Mas se for com o Alexandre, eu até penso na ideia — completei, não conseguindo deixar de fazer a piada. — Seria bem divertido.

Como já era de se esperar, ele não gostou muito de relembrar do ocorrido.

— Não precisa se preocupar, nós ainda vamos nos divertir muito, Sabrina. — O moreno respondeu como se fosse uma de suas promessas. Ainda com o sorrisinho sacana, ele continuou. — Onde é que paramos mesmo?

— Dupla penetração.

— E quanto a BDSM? Você ainda não falou muito sobre isso… — indagou ele, nem tentando esconder o seu interesse no fetiche. — Gosta de ser fodida com força?

— Tem algumas práticas de BDSM que eu faço e outras que não — respondi, ignorando o *"gosta de ser fodida com força?"*. — Será uma conversa bem longa.

— Já reservei o restante da tarde para discutirmos sobre isso… Temos bastante tempo — ele garantiu, tornando a se concentrar na folha. — O que você acha de fisting?

— Fis… o quê?

— Enfiar a minha mão na sua boceta — ele me explicou, deixando-me bem surpresa com a forma direta com que ele fez isso. — Também tem o anal, mas eu acho que…

—- É… Não, sem chance! — apressei-me em responder. Ele continuou

me encarando, esperando a resposta para o *"fisting vaginal"*. — Alguns dedos? Tudo bem. Uma mão inteira em mim? Não mesmo.

— Ser fodida amarrada?

Balancei a cabeça, confirmando positivamente.

Ele sorriu feliz pela minha resposta e tornou a marcar algo em sua folha, tornando impossível eu não me imaginar em uma cena dessas com ele, sendo fodida com força, completamente amarrada, como uma presa indefesa.

Talvez ele tivesse razão e nós dois realmente nos divertiríamos juntos.

— Transar em locais como restaurante, escritório…?

— Se você esvaziar o lugar e não tiver ninguém além de nós dois, eu não vejo nenhum problema — respondi, não controlando o deboche.

Sabia que para ele a graça de transar em locais públicos era o perigo constante, toda a adrenalina que isso acabava provocando. Mas o mais próximo que cheguei disso, foi no banheiro daquele restaurante e não tinha planos de repetir isso tão cedo.

— Brinquedinhos?

— Você vai ter que ser bem mais específico — disse, não querendo nem imaginar quais eram os "brinquedinhos" dos quais ele se referia. — Se você estiver falando de vibradores, chicote de couro, algemas e coisas parecidas com isso… Por mim tudo bem.

Ele voltou o olhar para a folha em cima da mesa e sorriu, deixando-me curiosa quanto ao conteúdo.

— Eu acho melhor a gente pular essa parte.

E isso deixou bem claro que os seus "brinquedinhos" não se tratavam daqueles que eram vendidos em sex shop.

— Span…

— Deixa eu resumir toda essa conversa — eu o interrompi, não querendo ouvi-lo recitar toda a sua listinha de fetiches. — Eu não faço nada que me machuque de forma física ou psicológica, esse é o meu — fiz aspas com os dedos — "limite". Tudo o que você achar que eu não vou topar é porque eu realmente não vou querer fazer.

Ele sorriu e isso me fez questionar onde estava a graça em minha frase.

Mas nem precisei perguntar, Marinho logo me deu a resposta.

— Você ainda não sabe, mas será uma ótima submissa — ele sussurrou com aquelas lanternas verdes fixas em mim, devorando-me de forma selvagem.

Eu, obviamente, não consegui levar essa frase a sério.

— E você chegou a essa conclusão antes ou depois do dia em que questionei a tua capacidade de fazer uma mulher gozar? — disparei contra ele, não me importando mais em agradá-lo. — Ou será que foi naquele dia que você disse… — Eu engrossei a minha voz, em uma tentativa de imitá-lo — *"não chupe o meu pau"* e, logo depois, eu o chupei mesmo assim?

Infelizmente, eu não consegui arrancar o sorrisinho vitorioso do seu rosto.

— Você não me ouviu direito, Sabrina… — ele respondeu, tornando a roubar a minha atenção. — Eu não disse que você é uma ótima submissa, eu disse que você será.

Antes que eu pudesse voltar a debochar de sua autoconfiança, ele se levantou.

— Já que você resumiu toda a nossa conversa, eu acho que podemos dar essa nossa reuniãozinha como encerrada. — Erick Marinho estendeu a sua mão enquanto continuava sustentando o intenso olhar em minha direção. — Negócio fechado?

Levantei-me também e apertei a sua mão, sabendo que a partir daquele instante, eu era completamente dele, assim como todas as coisas que decoravam aquela sala.

FIM.

“O segundo volume da trilogia Acompanhante de Luxo está previsto para ser lançado em meados de abril. Enquanto a continuação dessa história não sai, deslize a página e conheça outros dos meus trabalhos”.

.

C onheça os Meus Outros Trabalhos

Operação CEO

Capítulo 01 — De Volta ao Lar

Ainda bastante hesitante com toda a ideia de voltar para aquela parte do meu passado — uma que não costumava visitar nem mesmo nos meus pensamentos —, eu dei dois passos e três batidas na porta de Bia.

E, então, o meu estômago se revirou enquanto esperava para ser atendida.

Fiquei ainda mais nervosa do que eu já estava há alguns segundos, quando precisei convencer o porteiro a me deixar entrar no prédio. Não foi muito difícil enrolá-lo, o ganhei com a péssima desculpa de que queria fazer uma grande surpresa para a minha amiga e se ele avisasse que eu estava subindo, automaticamente, estragaria tudo.

Em um primeiro momento, ele barrou a minha entrada, dizendo que isso lhe daria problemas e mais um monte de coisa que eu não fiz questão de ouvir. Mas tudo o que eu precisei fazer, foi inclinar um pouquinho o meu corpo, deixando-o encarar o decote da minha blusinha e, como em um passo de mágica, ele me deixou entrar.

E esse era o grande problema com os homens.

Eles não costumavam pensar muito com a cabeça de cima — pelo menos, não quando a de baixo se “animava”.

Nunca fui do tipo orgulhosa e envergonhada — definitivamente, isso não combinava muito comigo —, mas quando se tratava de Bianca — talvez a única

pessoa com quem eu realmente me importava —, as coisas mudavam completamente.

E, de repente, eu já estava me odiando por incomodá-la e tornar a ser um encosto em sua vida, que já era bastante complicada sem a minha presença e influência — nem um pouco positiva.

Quando a porta escura finalmente se abriu, a primeira coisa que a minha amiga olhou, não foram os meus olhos verdes, nem mesmo os meus lábios avermelhados — o que ela mais invejava em mim, com exceção do meu peso, segundo a própria — e tampouco os fios dourados muito bem hidratados em minha cabeça.

Bianca encarava as duas malas que estavam aos meus pés.

Certamente, ela já devia imaginar o que eu estava fazendo ali — e quem não imaginaria? —, tão tarde e daquela maneira, com todas aquelas coisas a minha volta, como se eu estivesse gritando que precisava de um lugar para ficar.

Mas o que eu poderia fazer? Sempre fui uma pessoa muito previsível.

— Oi... — Bianca disse, aparentemente, surpresa em me ver, o que fez com que aquela desculpa que eu havia inventado para entrar no prédio se tornasse uma espécie de meia verdade.

Depois de alguns segundos em silêncio, ela deu dois passos para trás e terminou de abrir a porta, dando-me espaço suficiente para entrar, antes de prosseguir, dizendo: — en... entre!

— Como você está? — perguntei, antes de abraçá-la com força.

Voltei o meu olhar em direção ao seu corpo e notei que, provavelmente, ela havia engordado mais um pouco desde a última vez em que nos vimos.

— Nossa, você está tão diferente... mais magra?

A morena a minha frente me lançou um olhar cético, antes de responder: — mais magra? Olha, Vanessa, você já foi bem melhor do que isso!

— Mas você não emagreceu? — insisti, fingindo estar surpresa pela negativa. — Eu juro que tive essa impressão quando você abriu aquela porta.

Ela deixou escapar um riso sarcástico, respondendo: — vai se ferrar... e, que fique bem claro, eu só vou te deixar ficar aqui porque não vou conseguir te expulsar.

— O.K — concordei com a sua visão das coisas.

Ela realmente não conseguiria me expulsar.

Levantei o dedo indicador, roubando novamente a sua atenção.

— Tem um táxi parado lá na rua e eu meio que disse pro cara que você pagaria a corrida quando chegássemos aqui...

Depois de me lançar mais um olhar incrédulo, Bianca caminhou até a mesa, pegou a sua carteira cor de rosa e deixou o apartamento apressada.

Nesse meio tempo, sentei-me no sofá marrom da sala e me odiei novamente por ter voltado para aquele lugar, o maldito e pequeno *"apertamento"* — o mesmo que jurei nunca mais precisar.

Infelizmente, o universo não estava sendo muito generoso comigo.

Tudo bem, talvez não fosse culpa do universo.

No entanto, eu precisava culpar alguém que não fosse eu mesma, pois não aguentaria carregar ainda mais culpa — provavelmente, a única coisa que eu já havia conseguido na vida por mérito próprio.

— Agora, me conte tudo... o que aconteceu com você? — questionou Bianca quando retornou.

Não respondi, deixei com que ela se sentasse no sofá primeiro.

Eu não queria que a minha amiga corresse o risco de desabar com o meu relato.

— Brigas no paraíso?

Paraíso?

Estava mais para uma espécie de inferno.

Um em que eu havia reinado como o demônio.

— Não deu muito certo com o Roberto — respondi, limitando-me a poucas palavras. Mas o olhar de Bia tornou a queimar o meu rosto, forçando-me a prosseguir, revelando mais detalhes: — eu... droga... ele me pegou beijando o Jean.

— E quem é Jean? — indagou ela.

Suspirei fundo e, de maneira ainda hesitante, respondi a sua pergunta com uma voz baixa, como se estivesse lhe contando um segredo: — o irmão dele.

— Droga!

Realmente, uma grande *"droga!"*.

A cena só não foi cômica, porque meu ex-namorado começou a chorar na nossa frente.

Ele não tentou bater no irmão, não tentou me ofender com palavrões — que eu merecia muito ouvir —, simplesmente, nos encarou e os seus grandes olhos castanhos encheram-se de lágrimas.

Não havia sido a primeira vez que eu o traí com o seu irmão — ou com outro cara mais interessante do que ele, o que não era muito difícil de encontrar, diga-se de passagem —, mas aquela foi a primeira em que eu realmente me senti culpada por isso.

Naquele instante, eu me senti, de alguma maneira, suja e não digna da

pessoa que nos observava — completamente destroçada com a terrível cena.

E, estranhamente, eu realmente me odiei por alguns poucos segundos — o que, sem dúvida alguma, era algo inédito na minha vida.

Só não fiquei mais triste com tudo o que aconteceu, porque eu não o amava o suficiente para algo assim. Toda a minha culpa e dor limitou-se a aquele momento em que o observei chorar, decepcionado ao descobrir o meu segredinho.

No fundo, eu estava mais triste porque precisei deixar o seu apartamento e devolver os seus cartões de créditos — incluindo o dourado com bastante limite. Mas eu ainda tive sorte por ele não querer pegar de volta alguns dos presentes caros que me deu durante o tempo em que passamos juntos.

Todo o luxo e conforto que eu tinha, desapareceu, junto com a última lagrima que Roberto deixou cair.

Não, eu não era uma monstra, era apenas uma pessoa completamente entediada com o namoro e que encontrou algo mais divertido para fazer — com o irmão dele, por sinal.

E, não, eu não me arrependia.

— Você não se arrepende?

Eu nunca havia visto a minha amiga tão chocada com algo que havia saído da minha boca, foi como se ela não reconhecesse a pessoa a sua frente, o que era bem irônico.

— Não foi uma traição qualquer, Vanessa, foi uma traição dupla!

Esforcei-me para tentar fazê-la ver da mesma forma que eu enxergava tudo: — se eu não tivesse traído ele, continuaria lá, completamente entediada com a vida de merda que estávamos levando. Eu sei que não deveria ter traído ele, que deveria ter terminado o nosso namoro e blá blá blá, mas estar com ele

era cômodo... tipo uma cama confortável que você não quer deixar pela manhã, mesmo sabendo que em um determinado momento terá que levantar.

— E quanto a esse Jean?

Balancei a cabeça, negando também.

— Ele foi só uma distração boba... algo sem muita importância.

Não, eu não era uma sociopata — pelo menos, achava que não.

Afinal, não devia existir um teste de farmácia pra isso, não é?

A verdade era que eu não tinha uma desculpa boa o bastante para justificar os meus atos e também não queria inventar uma, tornando-me uma espécie de vítima.

Eu, definitivamente, também não era uma vítima.

E aceitava bem o fato de ter machucado Roberto, não precisava do olhar de desaprovação de Bianca para me dar conta disso.

— Eu, provavelmente, já te disse isso, mas vou repetir... Você é uma vaca desalmada! — concluiu a minha amiga, antes de se levantar para me abraçar. Depois do nosso breve abraço, ela sussurrou: — mesmo assim, eu confesso que senti a sua falta... mas só um pouquinho.

Antes que eu pudesse responder que também senti a dela, Bia completou: — só não vá achando que eu vou te sustentar agora, garota.

Não pude deixar de rir com as suas palavras.

— Você... me sustentar? O meu estilo de vida é caro demais pra você bancar, querida — respondi, como se realmente tivesse ficado ofendida com a sua frase. — Você não conseguiria nem se tentasse.

— Ótimo então, querida! — retrucou ela, com um olhar que eu conhecia muito bem.

A minha amiga, com toda a certeza, me irritaria muito com a sua próxima frase.

— Amanhã você irá trabalhar comigo na Leal, eles estão precisando de uma pessoa nova por lá.

Bianca trabalhava de secretária em uma grande organização, Leal Corp, uma das maiores empresas que ofereciam serviço de previdência privada no Brasil — e também presente em vários outros países.

E, por algum motivo — um bem estranho —, ela adorava o trabalho, mesmo sendo completamente insuportável, do tipo que a obrigava ficar sentada em uma mesa pequena atendendo telefone o dia inteiro.

Eu tinha quase certeza que esse cargo era um dos maiores culpados pelos seus quilinhos a mais — depois de todos aqueles venenos que ela consumia como comida, claro.

Afinal, ficar sentada atendendo a vários telefonemas, não ajudava a queimar nenhuma caloria, não é mesmo?

Como eu já conhecia a sua reação — AKA *"você está me chamando de gorda?"*, somado a uma expressão histérica estampada no rosto —, optei por guardar essa teoria somente para mim.

— Eu como secretária? Sem chance! — respondi de imediato, ainda não acreditando no que ela estava me propondo.

Eu era uma pessoa refinada demais para um cargo tão medíocre.

— Caso você tenha se esquecido, eu sou formada em Marketing, não posso sair aceitando qualquer tipo de emprego, amiga... Isso aí faz uma mancha irreversível no nosso currículo. Imagina eu, Vanessa Waller, atendendo telefone o dia inteiro? Não mesmo!

— Secretária? Não, amiga — explicou Bia, segurando-se para não

começar a rir, o que já me deixou bem nervosa e apreensiva para as suas próximas palavras. — A vaga disponível é pra copeira, o que é bom, já que você não vai precisar atender telefone nenhum... só vai fazer e servir café.

Capítulo 02 — Novos Dias, Novos Problemas

— Não, não precisa! Eu vou encontrar alguma coisa na minha área mesmo — respondi, mais uma vez, tentando convencê-la de que servir cafezinho na Leal Corp não combinava muito com uma mulher do meu nível. — Eu sou formada...

Quase virei a noite tentando colocar na cabeça dela que eu, Vanessa Waller, não tinha perfil para esse tipo de função e que, obviamente, mancharia o meu currículo. Depois que eles — os meus possíveis futuros chefes — descobrissem que eu havia passado um tempo servindo cafezinho, não me contratariam para mais nada importante.

No entanto, Bianca parecia não compreender, era como se não estivéssemos conversando no mesmo idioma. Ela só sabia repetir *"sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui"*, como um papagaio de pirata irritante.

E mesmo na manhã seguinte, ela continuava com o mesmo papo.

— Você está desempregada e sem dinheiro — interrompeu-me ela, jogando, desnecessariamente, mais um pouco de verdade na minha cara. Depois de alguns segundos, ela tornou a agir como um disco riscado: — sem contribuir com as contas, você...

— Não vai ficar — completei, devolvendo a interrupção. Respirei fundo, controlando-me, antes de prosseguir: — eu já saquei, flor. E, só pra que fique claro, você não precisa me lembrar de que eu não tenho uma casa ou dinheiro, os zeros em minha conta já dão conta do recado... O Itaú mostra o meu saldo bancário pelo aplicativo de celular.

Bianca não precisou dizer mais nenhuma palavra — incluindo aquelas que formavam a frase *"sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui"*.

Aparentemente, eu estava prestes a me tornar a mulher do cafezinho — o que, certamente, era uma grande piada de mau gosto.

— O universo me odeia — constatei outro fato bem evidente, já conformada com todo aquele carma que me cercava.

Ao me ouvir sussurrar isso, Bia se virou, voltando o seu olhar e sorriso sarcástico em minha direção: — com mais de sete bilhões de pessoas na terra, você acha mesmo que o universo perderia o tempo dele para focar em você, uma vaca egoísta, desempregada e sem um tostão? Ah, querida, por favor, você não é tão importante assim. — Ela não conseguiu continuar segurando a risada e entre uma gargalhada e outra, completou: — agora, se arrume, pois, no meu mundo, as pessoas costumam sair de casa cedo.

Foi quase como se ela dissesse *"agora você vai aprender a ralar de verdade, vadia"*.

No entanto, ela estava se esquecendo de que eu já havia passado por coisas ainda mais duras do que *"sair de casa cedo"* ou, simplesmente, servir um pouco de café.

De qualquer forma, eu merecia suas palavras e até mesmo o seu ódio. Era natural Bianca estar com raiva por eu tê-la procurado somente quando precisava de ajuda.

A essa altura do campeonato, ela não deveria se surpreender com nada do que partisse de mim.

Não tentei discutir mais.

Retornei ao meu antigo quarto, onde havia deixado as minhas malas e peguei algumas peças de roupa, antes de seguir até o banheiro para me arrumar para o meu primeiro dia de trabalho — algo que não acontecia em um longo período de tempo.

Eu já não conseguia nem me lembrar de quando havia sido a última vez em que trabalhei de verdade.

Roberto possuía um restaurante no centro da cidade, mas eu nunca realmente trabalhei lá. Quando ia até o *"Cheirinho do Campo"* — sim, o nome era ridículo, lembro-me até de comentar isso com ele diversas vezes —, era pra jantar com alguma amiga ou escapar do tédio que seria passar parte da noite sozinha em nosso apartamento.

Depois que terminei de me arrumar, encarei o meu reflexo no espelho e tentei sorrir, pensando nas coisas boas que ainda me restavam.

Se eu fizesse uma listinha, estariam os seguintes itens:

** Rosto de Barbie versão fashion.*

** Cabelo loiro maravilhoso, extremamente bem cuidado.*

** Corpo magro, com todo o peso muito bem distribuído.*

Em um resumo, eu ainda era uma mulher *"linda, loira e magra"*. Não tinha motivos para não estar com um grande sorriso no rosto, deixando-o ainda mais belo do que ele já era.

— Eu acho que estou pronta — gritei, ao deixar o banheiro.

Encontrei a minha amiga na sala e, pelo seu olhar, eu realmente devia estar linda.

Passei a mão em minhas madeixas douradas, enquanto a encarava.

— Vamos?

Bianca continuou me olhando, analisando-me dos pés a cabeça, como se eu fosse uma espécie de mercadoria. Mas, por algum motivo, esse olhar não estava mais parecendo ser um dos *"bons"*, como cogitei anteriormente.

Depois de mais alguns segundos me secando, ela começou a rir,

debochando: — estamos indo para o trabalho e não para o bailão do seu João.

Ignorei a sua frase sarcástica — que, provavelmente, era apenas inveja por não caber em minha blusinha — e peguei a minha bolsa azulada, que acrescentou ainda mais para o meu *look* incrível.

— Quem vem te buscar? — questionei, fingindo interesse quanto ao modo que ela ia para o trabalho.

— Ninguém... — respondeu Bia, como se aquele fato fosse óbvio. — Eu vou de ônibus, como qualquer outra pessoa.

Foi como um tapa bem forte na minha cara.

— Ônibus?

Eu estava mesmo ferrada.

Capítulo 03 — A Mulher do Cafezinho

A triste realidade era que eu não tinha nem ideia da tortura que seria voltar a andar com o maravilhoso — só que não — transporte público.

Mas eu logo descobri.

E realmente era bastante complicado.

Pegamos um ônibus biarticulado vermelho, completamente lotado, não tínhamos nem mesmo espaço para apoiar uma das mãos. Mas, ainda sim, nem havia perigo de cairmos. O ônibus estava tão cheio que as pessoas ficavam empilhadas, lado a lado, espremidas, sem espaço no chão até para cair.

Infelizmente, eu ainda nem havia chegado na pior parte do relato — quando o ônibus realmente começou a se movimentar, torturando-me com o passeio até a Leal Corp.

Conforme ele se mexia e toda a sua estrutura balançava, empurrando-nos uns em cima dos outros, eu tinha a impressão de que parecíamos animais, um simples bando de gado sendo transportado para uma fazenda qualquer.

O motorista, com toda a certeza, também devia achar isso — para dirigir daquela forma, com toda a lotação do veículo.

Eu não havia nascido para isso e se desconfiasse do que aconteceria, certamente, teria me empurrado lá pra dentro do útero de volta, recusando a vida miserável que me esperava do lado de fora — pelo menos, até que a situação financeira dos meus futuros pais fosse maravilhosa. O meu primeiro choro seria uma espécie de *“eu não sou obrigada”*.

Quando o ônibus estacionou em um tubo grande, questionei Bianca,

perguntando se nós já estávamos perto do prédio em que ela trabalhava.

Ela respondeu com um curto e seco *"não, não chegamos"*.

E, de repente, eu havia me tornado o burro do *Shrek*, perguntando a todo instante, *"a gente já chegou?"*.

Em oitenta por cento do tempo, confesso que só fiz a pergunta para irritá-la.

O fato é que quando nós finalmente chegamos, eu fiquei surpresa com o tamanho da empresa, era enorme, muito diferente da corporação que imaginei. E Bianca me disse que esse era apenas um dos vários prédios que a empresa possuía espalhados por todo o mundo.

Nosso trabalho era o terceiro andar, mas Bianca me contou que, muito em breve, ela seria promovida e passaria a trabalhar no sétimo, como a secretária do CEO, Bryan *"alguma coisa que não consegui compreender muito bem"*.

Ela não era muito ambiciosa, qualquer promoçãozinha boba parecia ser a melhor coisa do universo.

Eu não conseguia compreender.

Fiquei na mesa de Bianca enquanto ela foi tentar convencer a sua supervisora a me contratar. Sentei em sua cadeira — que não era muito confortável — e, como não tinha mais nada de interessante para fazer, eu comecei a girar nela, como uma criança de cinco anos de idade.

Mas fui completamente interrompida por um furação que se aproximou rapidamente, levando tudo o que encontrava pela frente — incluindo a minha atenção.

Ele era alto, loiro, com um terno bonito — Armani? —, barba bem feita e parecia desfilar em minha direção. Sem dúvida, era o cara mais gato que eu havia visto no dia — e talvez o que tinha mais grana também, o que somava

mais alguns pontos.

No mesmo instante, eu me levantei da cadeira, endireitei o meu corpo rapidamente, empurrei o meu busto para frente, tentando deixar os meus seios maiores do que eles realmente eram e sorri, esperando ele passar por mim e ficar maravilhado com a minha beleza.

Ele passou, mas foi como se eu não estivesse ali, toda maravilhosa, encarando-o com um olhar de desejo. Nunca havia sido tão ignorada por um homem — aparentemente, heterossexual — antes.

E para alguém tão incrível como eu, isso era inadmissível, quase uma ofensa.

Talvez ele realmente fosse gay ou tinha sérios problemas de visão. Essas eram as únicas justificativas para o que havia acabado de acontecer, eu não conseguia pensar em mais nada.

— Conseguimos — gritou Bianca, mais animada do que eu com a minha contratação.

Fiz uma careta de frustração, pois, no fundo, estava com esperanças de me dispensarem com um *"eu sinto muito, mas não estamos contratando no momento"*.

No entanto, dessa vez, nem mesmo a crise no país estava do meu lado.

— Ah, qual é? Não vai ser tão ruim trabalhar no mesmo lugar que eu.

Mesmo duvidando muito disso, optei por mudar de assunto, comentando sobre algo que me interessava mais do que o meu novo emprego na Leal.

— Quem é o loiro delícia?

Instantaneamente, ela me lançou o seu olhar de *"não... nem pense nisso"*.

— Bryan... O CEO e... Não, ele não é para o seu bico, Vanessa —

respondeu ela, não me convencendo com aquelas palavras desencorajadoras. — E, de qualquer forma, ele acabou de terminar um namoro agora... não deve estar querendo um novo relacionamento tão cedo.

Só forcei um sorriso, pensativa.

Bianca não tentou levantar o seu braço gordinho para mim, enquanto me julgava por algo que eu ainda nem havia feito. Em vez disso, ela me acompanhou até uma dispensa, onde eu, supostamente, deveria fazer o café — outra coisa em que eu era péssima.

— Não se preocupe, vou fazer o café hoje. — Após eu concordar sorridente com a cabeça, ela completou, arrancando o sorriso do meu rosto sem nenhuma piedade: — mas não se acostuma, quando estivermos em casa, eu te ensinarei a fazer isso sozinha.

Depois de pronto, eu fiquei encarregada de limpar a bagunça e servi-lo em algumas salas.

Estranhamente, a parte mais fácil foi lavar a louça e limpar a pequena pia.

Se há duas semanas alguém me contasse que eu molharia as minhas mãozinhas lindas na água fria, lavando uma louça nojenta, eu não acreditaria.

Responderia com um *"eu, Vanessa Waller, lavando louça suja? Sem chance, amada!"*.

Infelizmente, a era *"Empreguete"* chega para todo mundo.

No entanto, difícil mesmo foi entrar nas salas e servir para um monte de gente mal encarada, com expressões de superioridade estampadas no rosto. Para completar a peça *"a escrava do café"*, obrigaram-me a usar um avental azul quadriculado, completamente fora de moda.

Em relação aos olhares, eu confesso que no rosto de algumas mulheres, me reconheci, encarando eu mesma de frente, em minha versão mais arrogante.

Mas nos de alguns homens, fiquei enjoada ao notar a maneira com que me olhavam, cheios de desejos.

Eu imaginava exatamente o que muitos deles deviam estar pensando. Os seus olhos tagarelas contavam-me mais a cada movimento em direção aos meus seios.

Sempre gostei de ser desejada, adorava estar presente na mente de homens poderosos — como o CEO que me ignorou mais cedo. Mas não daquela forma, como a empregadinha do café. Eu queria ser vista como a mulher incrível que eu era e não por uma fantasia de *"mulher do cafezinho servindo o patrão"* de um homem casado e, provavelmente, frustrado com o próprio relacionamento.

Eu era boa demais pra algo assim.

Mas talvez eu já estivesse morta, vivendo em uma espécie de purgatório, devido ao meu grande saldo de pecados — o que, por um lado, até fazia certo sentido.

Eu não sabia se realmente era isso, mas se fosse, tinha que dar os parabéns ao Diabo, que estava sendo bem criativo com a minha punição.

O dia foi longo e eu não tornei a ver o loiro delícia pelos corredores novamente, tampouco algum outro homem do nível dele — um em que eu realmente adoraria ser encarada com olhares carregados de desejo e malícia.

Tudo o que eu fiz foi limpar, servir café e limpar de novo.

Foi extremamente longo e exaustivo.

Sempre que eu fazia uma careta ou alguma expressão de desânimo, a minha amiga me lançava um olhar de *"bem vinda à realidade, fofa"*, como se eu já não tivesse experimentado disso antes — como se não tivéssemos passado por coisas muito piores juntas, ainda em nossa infância.

Eu não suportava nem lembrar, porém, já havia vivido de maneira ainda

pior no orfanato e em algumas casas de casais que me adotaram e, logo em seguida, descartaram-me, como se eu fosse um produto defeituoso.

O fato de eu não gostar de determinada coisa, não significava que eu não era capaz de fazê-la com perfeição.

E eu realmente fiz, não deixando nenhuma brecha para comentários negativos em relação ao trabalho desempenhado durante o dia. Devia muito disso a minha ótima capacidade de disfarçar minhas expressões faciais.

Quando o relógio marcou dezoito horas, fiquei até aliviada. Nunca havia estado tão feliz pela chegada de um determinado horário.

— Vamos embora?

— Pensei que nunca fosse perguntar — respondi prontamente, com um enorme sorriso no rosto, como se nem precisasse voltar no dia seguinte.

Essa minha felicidade durou até eu me dar conta de que nós duas precisaríamos pegar o ônibus para voltar ao apartamento.

Como eu já estava imaginando, foi aquela mesma tortura de cedo.

Várias pessoas amontoadas em muito pouco espaço.

A diferença era que, pela manhã, essas mesmas pessoas estavam limpinhas e cheirosas, já no período da tarde, todo mundo estava fedendo suor — e outras coisas que, graças a Deus, eu não pude identificar — e cansadas, escorando-se em você.

Nunca fiquei tão feliz em ver aquele apartamento minúsculo antes. Depois do dia exaustivo que tive, não o chamaria mais de *“apertamento”*.

Adquira o livro e complete a leitura: clique aqui para comprar.

Marido de Aluguel

Prólogo

Eu cresci ouvindo que o maior sonho de uma mulher — ao menos, da maior parte delas — era, definitivamente, ter o casamento perfeito — com o homem perfeito —, no entanto, a única coisa que eu almejava era o cargo de editora chefe na revista Global, o que me tornava totalmente estranha, de acordo com a sociedade.

Mas talvez eu fosse mesmo estranha e isso nunca foi um problema pra mim. Pelo menos, até a manhã daquela segunda-feira, no momento em que o meu supervisor se colocou à minha frente e cuspiu todas aquelas palavras na minha cara.

— O que você disse? — perguntei a ele, ainda não acreditando naquela grande bobagem que havia saído da sua boca. Respirei fundo, tentando manter a calma, enquanto o meu olhar continuava fuzilando o centro do seu rosto, sem me importar com o que ele pudesse fazer. Quando percebi que ele não iria repetir, tornei a falar. — Você não pode estar falando sério.

Ele levantou as mãos, rendendo-se a mim.

— Você é, sem dúvida alguma, a melhor funcionária que eu já tive em anos nessa revista. Mas... mas eu tenho que ser sincero e te falar a verdade, aquilo que ninguém além de mim quer dizer. Gabriele, eles não vão te oferecer o

meu cargo.

Naquele instante, tudo o que eu mais quis foi arrancar a cabeça de Gaspar com as minhas próprias mãos. Nunca pensei que pudesse chegar a odiar aquele idiota — não da maneira que eu o odiei naquele instante. Eu não conseguia me conformar com o fato de não ganhar aquilo que, por direito, deveria ser meu.

— Eu tentei... antes mesmo de eu me demitir, falei com Frederico e te indiquei para esse cargo, eu disse a ele que você era a melhor, a mais capacitada para me substituir. Mas tudo o que ele disse, foi que nunca daria um cargo assim para uma mulher... uma mulher solteira.

Era ridículo e totalmente injusto comigo, uma pessoa que passou anos se dedicando, esperando por aquele momento. E, quando ele finalmente chegava, tudo era arrancado dos meus braços com brutalidade. Não havia como compreender.

Eu não ganharia o cargo porque era uma mulher e, pior do que isso, sem um marido por trás da minha imagem, passando uma espécie de confiança para uma sociedade extremamente machista. Era como se eu não tivesse um valor, pelo menos, não sem um homem ao meu lado.

— Então, você está supondo que se eu fosse uma mulher casada, aquele machista me daria o cargo?

Gaspar riu, ainda encarando o meu rosto, antes de responder:

— Eu não estou supondo, estou afirmando. Você é perfeita para o cargo e Frederico não tem como ignorar isso. Mas sem uma aliança de casamento no dedo ou, no mínimo, a promessa de uma, ele não vai te promover.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e encarei o piso branco, sem a mínima ideia do que responder a ele. Não foi nada fácil assistir a todas as minhas esperanças serem esmagadas daquela forma.

— Eu não sei o que dizer...

— Mas eu sei — disse ele, interrompendo-me. — Diga um “muito obrigado pela dica Gaspar, você é incrível”. Eu sei que você está namorando, só precisa convencer o cara a te propor em casamento e, caí em entre nós, isso não vai ser tão difícil.

E, no fim das contas, Gaspar estava certo a respeito da proposta de casamento. Não seria nem um pouco difícil conseguir fazer o meu namorado me propor em casamento, seria completamente impossível pelo simples fato de ele, na verdade, ser gay.

O Homem Perfeito — Capítulo 1

Depois de um dia cansativo de trabalho, tudo o que eu mais gostava de fazer era chegar em casa e me sentar no sofá da sala, onde eu colocaria o notebook em meu colo e começaria a editar um artigo que escrevi para a revista. Um artigo que, infelizmente, não teria nem a chance de ser publicado, como de costume — pelo menos, até que eu assumisse o cargo de editora chefe. E, sim, escrever sobre coisas das quais eu não poderia publicar era totalmente deprimente, mas era o que eu gostava de fazer.

Durante toda a minha vida, eu sempre coloquei o meu trabalho na frente de todas as outras coisas existentes nela e os homens, definitivamente, não eram uma exceção. O meu plano sempre foi muito simples; eu deveria me dedicar ao meu trabalho na revista, àquilo que eu realmente gostava de fazer e, se eu seguisse por esse caminho, tudo daria certo para mim, contanto que eu não colocasse nenhum homem como o centro do meu universo. E pensar que toda essa minha estratégia desmoronou tão fácil.

Entretanto — apesar de tudo —, existia um único homem que quase

conseguia me dobrar. O meu namorado — como Gaspar havia lembrado bem — com toda a certeza era esse homem perfeito. Só existia um pequeno detalhe que contrariava toda essa sua perfeição.

No momento em que abri a porta da minha casa, eu fui contemplada com uma cena extraída do início de um pornô — um gay, por sinal —, uma cena em que um garoto beijava a boca de Eduardo — a pessoa que todos do meu trabalho conheciam como o meu namorado — em meu sofá. Eduardo não fez cerimônia para retribuir o beijo quente que havia acabado de receber. E, enquanto enfiava a sua língua na boca do outro garoto, ele agarrou o menino magrelo e o colocou em cima de seu colo, dominando-o completamente.

Sim, o meu namorado tinha um namorado.

Eduardo encarou o meu rosto e esticou os seus lábios em um sorriso mais que perfeito. Alguns segundos depois, o garoto em cima dele virou o seu pescoço e cumprimentou-me também, da mesma forma gentil que a pessoa a sua frente fizera.

— Vocês dois não transaram no meu sofá, não é? — perguntei a eles, torcendo para que a resposta fosse um enorme “é claro que não transamos”. Com o silêncio dos dois, eu obtive a minha resposta. — Incrível... mas eu vou logo avisando, se vocês mancharam alguma coisa, vão limpar com a língua.

Eduardo se limitou a continuar sorrindo. Por outro lado, Kauan — o garoto no colo de Eduardo — afastou-se do meu “namorado” e caminhou em minha direção, para um abraço forte e, infelizmente, inevitável. Eu poderia muito bem acrescentar um “forçado” na descrição do abraço.

— Eu já estava até com saudades – disse ele, ainda me abraçando, como se eu fosse a sua pessoa preferida no universo, o que era uma completa mentira. Antes de se afastar, Kauan completou, mantendo a sua falsidade em um nível bem alto: — eu espero que você não se importe por eu ficar aqui essa

noite.

— A casa é sua — respondi, no momento em que ele se afastou de mim, também com o modo “falsiane” ligado. – E saiba que pode ficar o tempo que quiser. Você é sempre bem-vindo aqui em casa.

Por mais que não aparentasse, eu não era a dona do apartamento. A pessoa que havia comprado o apartamento e todas as outras coisas dentro dele não era eu, mas Eduardo. Foi ele quem me convidou para morar ali e não o contrário, o que significava que, na verdade, o namorado dele possuía muito mais poder dentro daquela casa do que eu.

O meu melhor amigo levantou-se do sofá e caminhou em minha direção. Correção, Eduardo caminhou na direção do namorado dele e o abraçou por trás. Após beijar o pescoço de Kauan, ele finalmente voltou o seu olhar para mim e encarou-me por alguns segundos, com uma expressão de paisagem, enquanto me analisava.

— Você está muito estranha hoje — observou ele, rapidamente. Edu franziu a testa e continuou queimando o meu rosto com o seu olhar. Não demorou muito para que ele perguntasse: — aconteceu alguma coisa que eu deva saber?

Ele, definitivamente, era a pessoa que mais me conhecia em todo o universo. Se colocassem Eduardo de um lado e a minha mãe biológica de outro, em um programa de perguntas e respostas sobre mim — um De Frente Com Gabriele, dois ponto zero —, Eduardo ganharia sem nem se esforçar. Mas não que a minha mãe fosse concordar em participar de um programa em que ela não fosse à atração principal.

— Eu... eu acho que preciso me casar, Edu — disse a ele, em um tom sério, com o olhar fixo em seus olhos castanhos claros. Com um nó enorme na garganta, continuei a falar: — eu não acredito que vou dizer isso, mas eu preciso

que você se case comigo.

Respirei fundo e continuei sustentando o meu olhar em sua direção, enquanto esperava pela resposta do meu melhor amigo. Mas o que aconteceu em seguida foi completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. Não houve nenhum abraço seguido por um “é claro que eu te ajudo, somos irmãos, não é?”.

— Mas é claro que precisamos nos casar, minha princesa — respondeu ele, não segurando a risada.

Edu gargalhava como se eu estivesse contando uma piada muito engraçada, do tipo que não envolvia gays ou loiras burras, coisas que afetavam a nós dois. Após ver que eu não havia compartilhado do seu humor e que a minha expressão continuou a mesma, Eduardo levantou as sobrancelhas, perguntando, totalmente surpreso:

— Você não está falando sério, não é? Gabriele Novais, por favor, me diga que não!

Ele se afastou muito antes de eu começar a explicar o quanto tudo aquilo era importante para mim, acabando com toda a minha estratégia dramática, algo do tipo “eu pensei que fôssemos irmãos, mas tudo bem. Eu... eu me viro”. No entanto, Eduardo não queria saber dos detalhes, estava mais do que claro que ele não toparia me pedir em casamento — não com o seu namoro em jogo. Dessa vez, era oficial, eu estava mesmo sozinha, de uma maneira que nunca estive antes — pelo menos, não antes de ele aparecer.

Com uma expressão nada legal estampada na face, Eduardo respondeu totalmente irritado: — essa nossa mentira já foi longe demais, Gabriele. — Ele disse aquelas palavras com o olhar focado o rosto de Kauan, como se precisasse se certificar de que o namorado ciumento estivesse ouvindo a cada uma de suas palavras. — Eu não quero e não posso mais me envolver em todas essas suas mentiras sem fim.

Sem mais cartas escondidas na manga, restava-me apenas um último truque, o meu olhar pidão ou, como eu gostava de chamar, o calcanhar de Aquiles para Eduardo — o mesmo que o convenceu a fingir ser o meu namorado para as pessoas do meu trabalho.

— Mas é o emprego dos meus sonhos — eu disse a ele, lentamente, usando aquele meu olhar bandido. Fiz uma careta de choro, enquanto fingia limpar uma lágrima com a manga da minha camisa. — Eu... eu não sei o que fazer, é o meu sonho, Eduardo.

— Mas e quanto aos meus sonhos? — questionou-me ele, voltando o olhar para mim. Após ouvi-lo falar daquela forma, eu soube que não havia mais o que eu pudesse fazer para mudar a sua opinião. O meu melhor amigo não salvaria a minha pele desta vez. – E quanto a minha felicidade, Gabriele? Como é que eu fico nessa história toda?

Kauan nem mesmo esperou o seu namorado terminar de falar e deixou a minha casa. E a atitude dele era totalmente compreensiva, uma vez que eu estava tentando me casar com a pessoa que ele, certamente, amava. Talvez — seu eu estivesse em seu lugar —, fizesse muito pior, pulando em cima do pescoço da amiga — vaca — egoísta e manipuladora.

Eu não odiava o namorado do meu melhor amigo e, bem no fundo, sabia que ele também não nutria um ódio mortal por mim. Mas não éramos amigos e nem mesmo podíamos nos considerar colegas. Eu era, simplesmente, a pessoa que ficava entre ele e o namorado. Eu era, definitivamente, aquilo que os afastava. Entretanto, talvez o que Kauan mais odiasse em mim fosse à preferência que o seu namorado sempre me daria. Mesmo depois de ele ter deixado o apartamento, Eduardo continuou comigo, esperando pelo que eu tinha para falar.

— Desculpe — eu disse, com o olhar voltado para o chão da sala. Depois de alguns segundos em silêncio, criei coragem para continuar. — Gaspar

me contou que eles não querem me dar o cargo pelo simples fato de eu ser uma mulher solteira, como se isso fosse algum tipo de doença contagiosa ou uma ficha criminal.

Caminhei em direção ao sofá e Eduardo me acompanhou, sentando-se ao meu lado. O meu amigo estava sem camisa, trajando apenas uma fina bermuda azulada. Uma das coisas mais lindas em Eduardo, sem dúvida alguma, era o seu abdome totalmente definido, onde os gominhos eram esculpidos perfeitamente. Coloquei a minha mão em cima da sua coxa e suspirei, enquanto virava o meu pescoço em sua direção.

Ele colocou a mão em cima da minha e continuamos sentados, em um silêncio profundo. Não havia uma maneira de ele me ajudar, não sem aceitar ser o meu noivo perfeito e isso, infelizmente, parecia estar totalmente fora de questão naquele instante.

— Kauan me deu um ultimato mais cedo, dizendo que eu deveria escolher entre você e ele. Acho que, no final das contas, ao ficar aqui, eu acabei escolhendo você.

Por mais que eu gostasse da ideia de ser a escolha de Eduardo, aquilo não era certo e nem mesmo uma pessoa egoísta como eu poderia ignorar. Então, eu fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, mas que acabei não fazendo por medo de perdê-lo.

— Nós terminamos, oficialmente — eu disse, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma. Ainda em um estado hesitante, completei: — eu não vou mais roubar a sua vida, nunca mais.

Ele ficou me encarando, como se estivesse esperando pelo momento em que eu desmentiria tudo, um momento que não aconteceu nos segundos seguintes e nem depois disso — por mais que eu quisesse desmentir e voltar atrás em toda aquela história.

— Não fique aqui me olhando, seu idiota. Vá atrás do seu garoto!

Plano B — Capítulo 2

A maior parte das pessoas teria um plano B, entretanto, tudo o que eu possuía era uma enorme dor na boca do meu estômago. Por mais que eu soubesse que Eduardo não aceitaria de primeira participar mais uma vez dos meus planos — diga-se de passagem —, bem no fundo, eu nutria esperanças de que ele fosse, eventualmente, ceder a toda a pressão acompanhada do drama que eu estava fazendo. Mas isso não aconteceu e, parte disso, era culpa minha, que o dispensei na noite anterior. Eu estava arrependida, por mais que tivesse feito à coisa certa para o meu amigo.

Sim, eu era uma pessoa extremamente egoísta e parte disso, infelizmente — ao quadrado —, acabei puxando da minha mãe biológica, que não conseguia viver sem ser o centro do universo de todas as pessoas que a cercavam. Mas a última coisa que eu precisava era ficar pensando em Clarisse.

Caminhei em direção à cozinha, mas antes que eu pudesse me sentar à mesa, Eduardo apareceu, com o seu namorado ao lado, o que significava que, felizmente, eu não havia destruído o relacionamento dele com Kauan — o que também não era muito bom pra mim.

Por mais que eu quisesse me esconder e evitar toda aquela conversa que estávamos prestes a ter, aproximei-me dos dois, dizendo, de uma vez só:

— Eu sinto muito por ontem, O.K?

Kauan se limitou a balançar a cabeça, o que era melhor do que nada. Eduardo, por outro lado, sorriu, mostrando-me que estava mais do que bem para nós dois. Saber que a minha relação com Eduardo não estava completamente destruída, deixou-me mais feliz. E quanto à de Kauan, sinceramente, eu não me

importava.

— Eai? — perguntou-me ele, referindo-se ao que eu faria a respeito do cargo de editora chefe. Éramos tão íntimos ao ponto de quase não precisarmos de palavras para que nós dois nos entendêssemos. — O que você está pensando em fazer agora, qual o seu plano B?

Fiz uma careta, balançando a cabeça, mostrando a ele que, na realidade, eu não possuía nenhum plano B. Tudo o que eu tinha, naquele instante, era ódio e um sentimento enorme de impotência. Eu odiava o dono daquela revista por ser um machista com M maiúsculo, mas eu me odiava ainda mais por precisar de um homem para provar o meu valor.

— Eu vou desistir... Não preciso de um homem para provar que sou boa o suficiente e se eles não enxergarem isso, quem perde não sou eu — eu disse a eles, mesmo sabendo que Frederico nunca nem mesmo pensaria em olhar para mim sem uma aliança. Gaspar não me contaria isso se não fosse a mais pura verdade. — Eu não preciso disso.

E, ao pronunciar o “eu não preciso disso”, eu estava dizendo outra mentira. A revista Global já não era um simples trabalho para mim. Depois de um tempo, aquele trabalho passou a ser a minha vida, ele passou a definir a pessoa que eu era e, com isso, tornou-me mais que uma simples dependente. Parte de mim sentia muito medo de não ser capaz de me reconhecer sem fazer aquilo que eu tanto gostava.

— Você não precisa desistir só porque o meu namorado não quer bancar o seu noivinho — disse Kauan, após cansar de se fingir de estátua. Com uma estranha expressão no rosto, ele continuou, dizendo: — nós não somos amigos, mas eu sempre admirei você, pois nunca te vi desistir de algo. Essa pessoa aí, com toda a certeza, não é você. A Gabriele que eu conheço nunca deixaria com que o chefe machista ganhasse, não sem lutar.

Depois daquelas palavras arrebatadoras, eu finalmente poderia dizer que aquele garoto magrelo havia ganhado algumas dezenas de pontos comigo. Entretanto, eu não tinha a mínima ideia do que fazer, de como me tornar aquela pessoa forte que Kauan dizia que eu era.

— O que você me sugere? — arrisquei na pergunta, pronta para qualquer coisa, com exceção daquilo que ele me respondeu.

Depois de alguns segundos pensando, de uma maneira hesitante, Kauan respondeu a minha pergunta, aparentemente, ainda em dúvida se deveria mesmo estar dizendo aquilo: — um amigo de uma amiga, que conhece um cara, que conhece outro cara... bem, o que eu quero dizer é que tem um homem que faz esse tipo de serviço, ele é muito discreto e apenas algumas poucas pessoas sabem sobre o que ele realmente faz.

Voltei o meu olhar — um nada bacana — para Eduardo, que estava fingindo uma expressão de paisagem ao lado de Kauan, como se nem estivesse prestando atenção nas coisas que deixavam a boca do seu namorado.

— O seu namorado está me mandando contratar um puto para ser o meu noivo. Você está ouvindo isso, Eduardo? — perguntei a ele, completamente possessa de ódio. — Ele quer que eu me envolva com um puto?

Com um sorriso nos lábios, o meu amigo respondeu: — sim, eu ouvi e, na verdade, até acho uma ótima ideia. E não é como se você precisasse transar com ele... seria mais como um acompanhante de luxo.

Não importava o quanto ele tentasse melhorar aquela frase, no fim das contas, continuaria significando que eu precisava contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Naquele instante, eu não estava apenas odiando o mundo por ser completamente machista, eu estava me odiando por não ser capaz de encontrar um homem decente sem ter que pagar por isso.

Voltei o meu olhar para Kauan, já com o meu nível de ódio por ele

reduzido. Afinal, que diferença faria usar o meu melhor amigo gay ou um puto para fingir ser um cara interessado em mim? Em ambas as formas, eu era um fracasso total como mulher.

— Então, esse seu amigo da amiga, do amigo, do amigo tem o número deste prost... acompanhante de luxo?

Ligação — Capítulo 3

Já havia se passado uma semana desde que Kauan me deu a incrível ideia de contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Primeiramente, pensei muito sobre a decisão que estava prestes a tomar e acabei desistindo por ser um plano totalmente irresponsável, uma vez que eu poderia estar colocando um assassino dentro da minha própria casa. Entretanto, no dia seguinte, Gaspar me confidenciou que Frederico daria uma pequena festa e convidaria algumas pessoas e que, por muita sorte — ou muito azar —, eu e o meu acompanhante estávamos inclusos nesta pequena lista de convidados.

Como eu, Gabriele Novais, não acreditava nem um pouco em sorte, confrontei o meu chefe e, desta forma, obtive a minha resposta de uma maneira rápida. Em uma tentativa desesperada de me colocar em seu atual cargo, Gaspar mentiu para Frederico, dizendo que eu já estava noiva. Mas, ao que tudo indicava, Frederico precisava ver isso com os seus próprios olhos.

— Agora, por favor, me diga que convenceu o cara a se casar com você? — A voz dele soou um tanto desesperada, assim como a expressão de seu rosto. Depois de alguns segundos em um silêncio constrangedor, Gaspar completou: — eu espero, de verdade, que esse seu silêncio signifique um imenso “sim, ele vai se casar comigo”.

Então, eu fiz aquilo que sabia fazer de melhor. Eu menti para Gaspar, dizendo que tudo estava sob o meu incrível controle, que o meu namorado — o homem mais perfeito de todo o universo — havia aceitado se casar comigo e que eu nem mesmo havia me esforçado, pois o pedido de casamento havia partido dele.

Pelo jeito, eu estava muito ferrada — com a lama até a minha cintura

—, tão ferrada ao ponto de reconsiderar a ideia ridícula de Kauan. Eu não tinha outra opção a não ser contratar aquele puto para me acompanhar, ao menos, se eu quisesse continuar na disputa pelo cargo de editora chefe, o que eu, certamente, queria e muito.

Quando entrei na minha casa, a primeira coisa que fiz foi correr até o meu quarto e apanhar o papel em que Kauan anotou o número daquele garoto de programa ou, como ele gostava de dizer, acompanhante de luxo — que, pra mim, dava no mesmo.

Depois de várias horas encarando o número daquele ser totalmente desconhecido por mim, decidi arriscar e ligar para ele. Afinal, pior do que estava, definitivamente, não poderia ficar. Eu estava oficialmente no fundo do poço, com os meus saltos completamente sujos de lama, não tinha como me afundar mais.

Instantes depois de digitar aquele número de celular, eu percebi que estava totalmente perdida, o que era completamente compreensivo já que nunca me imaginei ligando para um homem que vendia o próprio corpo. Eu não sabia nem mesmo o que dizer quando ele atendesse a minha ligação. Deveria dizer um “oi, você é aquele garoto de programa do panfleto que encontrei no telefone público?” ou “oi, eu falo com um profissional do sexo?”. Não importava qual fosse a minha ideia, ela sempre seria pior que o ridículo. Mas no final das contas, nem mesmo precisei dizer uma única palavra, já que ele não atendeu a minha ligação. E depois da terceira tentativa, eu finalmente desisti de ligar.

Algo me dizia que ele devia estar “trabalhando”, enfiando o seu pinto em alguma mulher de meia idade entediada com o próprio casamento. Entretanto, o fato de eu estar ligando para ele, por precisar de um simples acompanhante, com toda a certeza, tornava-me alguém em uma situação muito pior do que a dessas mulheres que só queriam se divertir.

Cansada de esperar por um retorno de ligação que, obviamente, não

aconteceria, sentei-me em meu sofá e me preparei para mais um dos meus artigos. Por mais deprimente que aquilo fosse, eu adorava ficar ali sentada, escrevendo sobre coisas das quais eu gostava de falar, coisas que poderiam dar outra visão do mundo para os leitores da revista, coisas inovadoras e, talvez, coisas revolucionárias, mas, principalmente, coisas que nunca seriam publicadas na revista Global — ao menos, até que eu assumisse o cargo de Gaspar.

Quando o ponteiro do meu relógio apontou para as dez da noite, eu recebi uma mensagem de Eduardo, uma em que ele dizia que não voltaria para o jantar. Aparentemente, estar com o namorado era muito melhor do que ficar ao lado de uma amiga chata, completamente viciada em trabalho — e obcecada por um garoto de programa.

Caminhei até a cozinha na esperança de encontrar alguma coisa bem gordurosa e suculenta, algo que faria com que eu engordasse uns três quilos, mas tudo o que eu encontrei foram bolachas e algumas outras porcarias que não eram da família do bacon. Apanhei um pacote de pipoca instantânea no armário e o preparei rapidamente. Quando retornei à sala, com uma bacia repleta de pipocas na mão, sabia exatamente que tipo de filme eu deveria assistir.

E, mais uma vez, eu assistiria a Saga Crepúsculo e embarcaria na jornada de Bella Swan ao lado de Edward Cullen, em uma história de amor proibido, envolvendo uma humana sem graça e um vampiro sexy que brilhava no sol. Era uma história de romance água com açúcar? Sim, era e não importava o quanto falassem mal daquela saga, eu nunca deixava de amar cada um daqueles personagens maravilhosos. Aparentemente, só me faltava os gatos para a situação ficar ainda mais deprimente.

O toque do meu celular fez com que eu me assustasse, soltando a bacia que estava em minha mão esquerda, derrubando toda a pipoca no tapete da sala. Mesmo sem voltar o meu olhar para a tela do telefone, visualizando o número que me ligava, eu sabia quem era e foi por esse motivo que me assustei,

como um pressentimento daquilo que estava por vir.

Corri até a mesinha de centro e peguei o meu celular. Como cheguei tarde demais para atender, retornei aquela ligação e, desta vez, eu esperava que o garoto de programa me atendesse.

E, para a minha sorte, ele realmente atendeu.

— Quem fala? — perguntei, ainda sem saber exatamente o que eu deveria dizer para alguém como ele. — Eu... estou falando com quem?

A voz do outro lado da linha finalmente soou, em uma risada completamente sarcástica. E, por algum motivo, essa única ação dele foi capaz de me irritar.

— Então, como foi você quem me ligou primeiro, não sou eu quem deve se apresentar aqui! — respondeu ele, de uma maneira grosseira e mandona. E antes que eu pudesse responder à altura, ele tornou a falar, cortando-me: — eu também não tenho todo o tempo do mundo... então, fale logo o que você quer!

Sem paciência para a grosseria daquele imbecil, disse as minhas próximas palavras, sem nem mesmo pensar uma segunda vez: — por quê? No puteiro em que você trabalha precisa bater cartão?

— A única coisa que eu vou bater, será o meu pin... Quer saber, obviamente, isso é algum tipo de trote idiota, feito por uma garota virgem idiota. E eu não vou mais perder meu tempo com isso aqui. Foi bom falar com vo...

— Não, espere! — eu gritei, interrompendo-o e o impedindo de desligar a ligação. Engoli todo o meu orgulho de uma só vez, como se fossem cem gotinhas de dipirona e prossegui de uma maneira totalmente hesitante: — eu... eu gostaria de contratar os seus serviços.

Adquira o livro e complete a leitura: clique aqui para comprar.

SELVAGEM: Sexy, Sombrio e Assustador

Sedução e Liberdade — Capítulo 1

Talvez, no fim das contas, eu estivesse enganada sobre tudo. Os homens não eram todos iguais — como eu não cansava de repetir. Naquela noite, eu descobri que existiam alguns ainda mais depravados que os ditos “normais”. Mas eu poderia mesmo julgá-los por isso? Definitivamente, não! Mas, de qualquer forma, eu adorava fazer isso.

Mas não se engane comigo, pois eu sou apaixonada por eles — talvez, até demais, eu admito. Gosto dos prazeres que um homem é capaz de proporcionar a uma mulher. Gosto de tocar e ser tocada por eles, dos movimentos frenéticos que nossos corpos são capazes de fazer em conjunto. E, principalmente, gosto de toda a brutalidade escondida dentro deles, aguardando o momento exato para se revelar ao mundo.

Se o seu palpite é de que sou uma prostituta, saiba que quase acertou. Sou, basicamente, uma colega de profissão delas, uma das famosas *strippers* de casa noturna. Mas, obviamente, não uma qualquer. Eu sou “a *stripper*” ou, simplesmente, a grande estrela da noite.

A verdade — que muitos não gostam de assumir — é que algumas pessoas não foram feitas para se formar em uma faculdade importante. Para alguns — onde certamente estou inclusa —, um canudo é completamente

irrelevante. Diploma nenhum conseguiria substituir o sentimento que eu sentia toda vez que pisava naquele palco. Nenhum emprego convencional faria com que eu me sentisse livre — não daquela forma, pelo menos. O “errado” para muitos, tornou-se incrivelmente “certo” para mim.

Enquanto eu dançava, sentia-me a criatura mais livre do universo. E, também, com toda a certeza, a mais desejada delas. Cada olhar malicioso e sorriso sacana, desferidos por todos aqueles homens, conseguiam me satisfazer de forma completa, provando-me mais uma vez o quanto eu amava estar ali, entregando-me parcialmente para eles.

As luzes coloridas piscavam sem parar, enquanto os meus cabelos dourados voavam, pulando junto com o meu corpo em uma dança sensual. Se eu possuía algum dom, certamente, era o da sedução — algo que aprendi a usar desde muito cedo. Com o tempo, eu me tornei irresistível e me orgulhava muito disso, mais do que qualquer outra coisa.

E, então, a minha parte preferida da noite finalmente começou. Os barbados — e os sem barbas também —, que cercavam o meu palco, começaram a atirar aquilo que eu amava mais do que homens — talvez, no fim das contas, essa fosse à única exceção. Aquelas notas amassadas que estavam sendo arremessadas em minha direção, incentivavam-me a continuar descendo, em minha dança cheia de posições sexys bem ensaiadas — uma dança que eles adoravam. A visão de todo aquele dinheiro colorindo o meu palco, não tinha preço — ou quase isso.

No instante em que comecei a juntar todo o dinheiro do chão, sem deixar de dançar enquanto o fazia, avistei um homem loiro nos fundos, queimando-me com o seu olhar duro. Por algum motivo desconhecido, ele conseguiu se destacar de todos os outros daquele lugar. Talvez fosse a sua jaqueta de couro preta, que deixava transparecer o seu corpo bem trabalhado, repleto de músculos. Talvez fosse seu olhar cheio de desejo, que não deixou de

me secar até o final do show. Eu não sabia o motivo, mas fiquei completamente atraída por ele. No entanto, antes mesmo de eu pensar em caminhar até onde ele se encontrava, aquele homem já havia deixado o local, tornando impossível a possibilidade de conhecê-lo.

Depois do show, as garotas eram obrigadas a entregar trinta por cento de tudo que ganharam para o dono da casa noturna — o que não facilitava muito para nenhuma de nós —, pelo espaço cedido. O negócio até era justo, mas, ainda sim, não tornava mais fácil de entregar o dinheiro conquistado, literalmente, com muito suor. Contra a minha vontade, eu deixei uma parte do que arrecadei com Fred e me preparei para deixar o local.

— Está me dizendo que só conseguiu isso? — questionou-me ele, evidenciando toda a sua desconfiança em seu tom de voz. Depois de eu balançar a cabeça, confirmando a sua pergunta, ele finalizou: — então, é oficial, você está precisando mexer mais essa bunda, Alice.

Limitei-me a concordar, balançando a minha cabeça. Fred era um ser humano repulsivo e estúpido ao ponto de se achar o homem mais inteligente do universo. No entanto, depois de conhecê-lo melhor, você acabava descobrindo que ele não passava de um grande idiota, alguém que era facilmente manipulado por qualquer pessoa que possuísse o mínimo de inteligência. Os trinta por cento que ele acreditava ter ganhado com o meu esforço, na verdade, não chegaram a passar de dez.

Alice era a maneira como o dono da casa noturna — e todas as outras pessoas — referiam-se a mim, naquele determinado ambiente. Em um resumo simples, esse era o meu “nome de guerra”. Longe daqueles palcos, eu tornava a responder por Camila, uma dançarina que descobriu da pior forma que não é nada fácil ganhar dinheiro dançando fora de uma boate. Mas, como já disse, não tenho o que reclamar do meu trabalho, pois é através dele que tenho, diariamente, a chance de me sentir livre.

Cena de Crime — Capítulo 2

Como não podia deixar a casa noturna seminua, eu apanhei uma saia preta curtinha, junto com uma blusinha básica branca. Depois de vesti-las, escondendo o conjunto vermelho de lingerie que havia usado para me apresentar no palco, não tardei a deixar o meu local de trabalho.

Enquanto atravessava a rua, encarei um dos outdoors que estampavam um banner promocional do filme “Marido de Aluguel”, baseado no livro de Anne Miller. De acordo com aquele cartaz, o longa seria estrelado por Bianca Bittencourt e Wesley Dolberth, que, ao meu ver, não passavam de dois rostinhos bonitos — mas, não vou mentir, existiam controversas quanto ao talento. Em minha opinião, aquela adaptação cinematográfica só comprovava o quanto as pessoas eram hipócritas. Não se cansavam de criticar casas noturnas, garotas de programas e qualquer outra coisa relacionada ao sexo explícito, mas não perdiam a estreia de um filme que, na realidade, continha exatamente tudo o que eles julgavam como “errado”. Para essas pessoas, infelizmente, só era arte e só tinha valor o que elas queriam que tivesse. E todo o restante era pré-julgado e rotulado de perversão e pecado.

Eu estava tão concentrada no outdoor que nem mesmo prestei atenção na movimentação da rua — algo que, em hipótese alguma, se deve deixar de fazer, a menos que não se queira continuar vivendo, o que, definitivamente, não era o meu caso. Eu só fui reparar nesse detalhe quando entrei em um beco medonho, em uma tentativa estúpida de cortar parte do caminho até a minha casa.

O lugar era escuro e deserto, completamente sombrio, mas, mesmo com todos esses “probleminhas”, eu continuei seguindo. E, como se não fosse o

suficiente, dois homens pareciam conversar a uns cem metros de onde eu estava. Depois de avistá-los, a minha mente já começou a simular uma espécie de assalto, deixando-me ainda mais paranoica. Eu nunca fui do tipo “garota medrosa”, mas, naquele momento, foi como um instinto daquilo que estava prestes a acontecer.

E só me dei conta do quanto estava errada sobre a conversa daqueles homens, quando um deles puxou um revolver da cintura e disparou duas vezes, derrubando o outro no mesmo segundo. Infelizmente, eu já estava muito próxima da cena do crime para fugir sem ser notada pelo assassino.

Devido a uma descarga de adrenalina em meu corpo, eu até tentei correr, mas, como eu já devia saber, foi totalmente inútil. Tudo o que eu fiz, foi chamar a atenção do assassino e provar de vez que eu havia presenciado a tudo, que eu era uma porcaria de testemunha — uma mulher que estava com a sua sentença de morte devidamente assinada.

Quando percebi que ele havia me identificado, interrompi os meus movimentos, pois, se continuasse correndo, eu sabia que ele não hesitaria em atirar na minha direção. Entre morrer naquele instante e no seguinte, sem nem pensar, eu optei pelo que levava um pouco mais de tempo.

Esperar pela sua aproximação, em passos lentos, sem dúvida alguma, foi a pior parte — pelo menos, até aquele momento, diga-se de passagem.

Eu pensei em dizer “não se preocupe, eu não vou contar sobre o que vi” ou “eu juro que não vou dar uma de X9, colega”, mas essas frases nunca funcionaram antes, o que significava que também não funcionariam comigo.

Então, temendo por minha vida, optei pela boa e velha apelação, com direito a sorriso e tudo.

Virei-me, encarando-o se aproximar de mim. Ele era grande e estranhamente familiar.

Sim, eu conhecia aquele cara.

O assassino do beco era o loiro que chamara a minha atenção mais cedo na casa noturna, o mesmo que não deixou de me encarar até que eu estivesse fora do palco.

E, no fim das contas, eu o conheceria.

— Você me pegou — eu disse a ele, tentando disfarçar todo o meu desespero. A minha atuação não ficou cem por cento, mas, mesmo assim, consegui controlar o meu nervosismo. Com o olhar fixo em seus olhos, completei: — e foi de jeito.

Após lançar-me um sorriso cruel, Alemão — a maneira como decidi me referir a ele — apanhou um objeto em sua cintura, um revolver, mostrando-me que seria um pouco mais difícil de convencê-lo a não puxar aquele gatilho, como fizera há pouco. Mas nem isso fez com que eu desistisse de tentar. E, sabendo que o próximo minuto seria completamente decisivo para a minha sobrevivência, não fiquei perdendo tempo e coloquei o meu plano infalível em prática.

Adquira o conto e complete a leitura: clique aqui para comprar.

Canalha Irresistível

Depois do Altar — Capítulo 1

Nós estávamos completamente ferrados. E, definitivamente, não foi muito difícil chegar a essa conclusão, bastava olhar ao meu redor, observando os detalhes do barraco que aluguei para um dos momentos mais especiais de toda a minha vida — a minha lua de mel. Não existia piso algum naquela casa, era, simplesmente, chão e, como se não fosse o suficiente, em alguns cômodos, que eram divididos por uma espécie de cortina artesanal, era coberto por areia da praia.

Provavelmente, eu havia alugado a casa do Tarzan.

Não, aquilo não era um simples engano, estava mais para um meteoro gigantesco, um tão grande quanto o que extinguiu os dinossauros há milhares de anos.

Eu nunca me senti tão burra.

Talvez, com exceção do dia em que eu decidi contratar um acompanhante de luxo para ser promovida a editora chefe na revista em que eu trabalhava.

Mas eu podia mesmo reclamar do meu passado? Se eu não tivesse agido por impulso, não teria conhecido o amor da minha vida — sim, o acompanhante de luxo—, mas isso era uma outra história, que, por sinal, já fora contada.

Eu devia ter suspeitado desde o início, pois tudo estava barato e fácil demais. Mas eu não suspeitei e acabei viajando para o lugar em que Judas perdeu as botas — botas que, provavelmente, estavam enterradas naquela areia maldita. Eu devia ter aceitado o pacote que os meus pais me ofereceram — uma viagem caríssima em um cruzeiro no Caribe —, mas o meu orgulho falou mais alto e acabei enfiando eu e o meu novo marido em uma grande furada.

Furada? Ah, estava mais para um buraco negro.

— E, só pra constar, minha querida, essa ideia idiota não foi minha, O.K? — Pablo começou a dizer, antes de revirar os olhos, acusando-me outra vez de ferrar com as nossas férias. Não, ele não estava me acusando. Pablo afirmava a minha culpa. — Nós devíamos ter ficado no nosso novo apartamento, aproveitaríamos a nossa lua de mel do mesmo jeito, mas não... Tínhamos que viajar para essa maldita praia.

Antes mesmo de completarmos um dia de casamento, já estávamos brigando como se estivéssemos casados há anos. Eu estava me esforçando muito para não esganá-lo com uma daquelas cortinas de bambu, mas o “Pablo Puto” — a maneira “carinhosa” como eu costumava chamá-lo — não estava cooperando nem um pouco.

Por mais que eu odiasse admitir, o idiota do meu marido tinha um pouco de razão. Tudo bem, talvez ele tivesse muita razão.

Eu, simplesmente, decidi comprar passagens para um lugar bem afastado da cidade, em uma praia deserta, onde — em teoria — teríamos toda a paz do mundo para aproveitar nosso momento especial. Eu só não pensei que isso incluiria a escassez de mercados, farmácias, restaurantes ou, simplesmente, de eletricidade.

— Sabe a pior parte? Essa droga de lugar não tem nem uma cama decente, Gabriele Novais — continuou Pablo, transparecendo a raiva que estava

sentindo ao dizer o meu nome completo. Enquanto resmungava, o homem a minha frente olhava para o monte de tábuas forrado por um fino colchão, a nossa mais nova cama. — Nós vamos ter que dormir em cima dessa porcaria aqui... você está me entendendo agora?

Quando eu contei sobre os meus planos para Pablo, ele desconversou e tentou me convencer de todas as formas a ficarmos na cidade, em nosso novo apartamento — um presente dos meus pais, um que eu aceitei de maneira muito relutante. Mas, no final das contas, ele acabou cedendo aos meus desejos. A minha lavagem cerebral foi tão bem feita que Pablo confidenciou-me que até achava sexy a ideia de estar comigo em uma “espécie de floresta”.

Ao julgar por sua reação, isso não devia ser muito verídico.

— Não, meu amor, a pior parte foi você ter me dito que adoraria ficar preso comigo em uma “espécie de floresta” — lembrei ele, enquanto fazias aspas com meus dedos. — Então, bonitão, uma cama dessas não deve ser um problema para o Tarzan aqui, não é?

Ele balançou a cabeça, como se ainda não aceitasse o fato de estarmos completamente ferrados, presos no meio do nada.

Às vezes, eu me esquecia do quanto Pablo podia ser direto. Mas, nesses determinados momentos, ele sempre fazia questão de me lembrar.

— Eu só disse isso porque nunca pensei que você fosse nos enfiar em uma droga de “espécie de floresta” — argumentou ele, copiando o meu gesto de aspas, completamente sarcástico. — É bem provável que uma cama de pedra seja mais confortável do que isso.

Eu já estava cansada de ouvi-lo reclamar sobre a porcaria da cama. Eu havia entendido que não dormiríamos bem ali, que aquele monte de taboas velhas era desconfortável, mas reclamar disso várias vezes não tornaria a taboa macia.

— Por que você está tão irritadinho por causa de uma porcaria de cama?

Primeiro, ele me encarou como se não estivesse acreditando em minhas palavras. Em seguida, lembrou-me do dia em que nos conhecemos, sendo completamente grosso, ao dizer:

— Nós estamos em lua de mel — gritou ele, com uma voz séria, como se eu fosse surda. — Nós deveríamos passar noventa por cento do nosso tempo livre em cima dessa maldita cama... Ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?

Aquilo foi a gota d’água, a única coisa que faltava para eu explodir.

Sem paciência para continuar com aquela discussão ridícula, eu finalizei, encerrando o assunto: — você é um imbecil... E, quer saber, fique aqui com essa cama, pois ela será tudo o que você vai foder nessa lua de mel, seu babaca.

Depois de dizer, com o mesmo tom de voz usado por ele, eu deixei o barraco, segurando-me para não começar a chorar.

Do lado de fora, contemplei a grande desgraça em que me enfiei. Toda a casa era feita de madeira e a pior parte, certamente, não era toda a tinta descascada. Ela parecia estar podre, prestes a desmoronar.

Era impossível não compreender Pablo em relação a péssima hospedagem. Entretanto, eu não conseguia aceitar a maneira como ele reagiu em relação a isso. Esse, definitivamente, não era o homem que escolhi para viver ao meu lado pelo resto da minha vida.

Cansada de encarar o que, provavelmente, era um dos meus maiores arrependimentos, virei-me, caminhando em direção a praia, a única coisa bonita de todo aquele lugar. Mas até mesmo a beleza dela possuía algumas controversas.

Por ser em um local afastado da cidade e muito pouco frequentado, a areia era limpa, mas completamente tomada pelo mato, que dominava praticamente toda a extensão dela, deixando apenas uma pequena trilha que levava até bem próximo do mar. O mato só chegava ao fim perto da areia úmida.

Eu tirei os meus chinelos, um par de havaianas na cor rosa, e comecei a andar, acompanhando a margem do mar, molhando os meus pés, enquanto pensava na briga que tive com Pablo.

As palavras dele conseguiram me irritar mais que o lugar, pois elas me mostraram que em nosso primeiro obstáculo — um muito idiota, por sinal — nós dois optamos por brigar em vez de superá-lo juntos, como um casal deveria fazer.

— ESPERE!

A voz de Pablo fez com que eu caminhasse ainda mais rápido, ignorando o seu pedido. Eu ainda não tinha digerido todo o episódio do “ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?” Mas, infelizmente, de nada adiantou, Pablo correu, alcançando-me em pouco tempo. Ele nem mesmo se esforçou.

Ele me encarou por alguns segundos, provavelmente, pensando em como se desculpar por agir feito um idiota, a sua maior especialidade.

Eu reconhecia aquele olhar de cachorro sem dono, algo arquitetado para que eu sentisse pena dele. Mas, desta vez, o seu olhar não funcionaria, ele teria que se esforçar um pouco mais.

— Desculpe pela parte de “te foder na areia da praia” — comentou ele, tentando permanecer sério enquanto pronunciava a frase “foder na areia da praia”. — Eu... eu sou um imbecil e sei muito bem disso. Mas, em minha defesa, você já sabia disso antes de se casar comigo.

Continuei em silêncio, mostrando a ele que nós ainda não estávamos

nada bem. Se ele quisesse acertar as coisas comigo, precisaria de uma desculpa bem melhor, de preferência uma que não me culpava por seus erros.

— Ei, amor... — Pablo sorriu do seu jeitinho especial, roubando-me um meio sorriso. Aquele canalha sabia bem como me derreter, foi impossível não sorrir com aquela expressão em seu rosto. — Desculpe por eu ter surtado, jogando toda a culpa em cima de você. — Pablo tornou a rir, antes de completar: — por mais que ela realmente seja sua. Eu... eu acho que só queria que tudo fosse perfeito. E, no meio disso tudo, eu acabei me esquecendo de que você é a coisa mais perfeita na minha vida. E, sim, esse lugar é uma droga, mas ter você aqui comigo o torna, de alguma forma, um pouquinho melhor.

Eu parei de andar, rendendo-me completamente a ele. Eu deveria judiar um pouquinho mais de Pablo, mas não consegui — e depois, provavelmente, me arrependeria.

Aquele homem era o meu ponto fraco, o meu calcanhar de Aquiles.

Pablo aproximou-se, mantendo os olhos fixos em mim, como se estivesse prestes a me devorar. E, talvez, ele realmente estivesse cogitando essa ideia, pois avançou sobre mim como um verdadeiro predador, beijando-me de uma maneira voraz.

— Eu estou começando a achar que você realmente quer que eu te foda na areia da praia — disse ele, sem afastar os nossos rostos. As suas mãos, que estavam em minha cintura, desceram, agarrando a minha bunda com força, de uma maneira dominadora e safada. — Minha loirinha top.

Eu empurrei ele, antes de dizer: — você falou “top”? O nosso casamento terminou aqui.

Ele tornou a me agarrar, prendendo-me em seus braços fortes e protetores.

— Eu posso não dizer tanto quanto eu queria, eu posso não

demonstrar tanto quanto eu sinto, mas eu quero que saiba que te amo e que sempre vou amar — disse ele, com uma voz séria, olhando dentro dos meus olhos. E, então, Pablo sorriu, finalizando: — minha loirinha top.

Enquanto meu marido envolvia-me daquela forma, finalmente eu fui capaz de notar toda a beleza daquele lugar. Ela não estava no barraco que aluguei, não estava na areia, tampouco no mar. Estar com ele era o que tornava aquele lugar maravilhoso.

Adquira o conto e complete a leitura: clique aqui para comprar.

Sabor da Traição

Traída — Capítulo 1

Depois de um tempo jogando o “jogo da vida” — que não é aquele de cartas, que consegue ser ainda mais chato, diga-se de passagem —, você descobre que os contos de fadas acabam por uma razão bem específica.

O maravilhoso “felizes para sempre” não costuma durar tanto tempo assim — pelo menos, não durou comigo.

Por mais ridículo que possa parecer, eu costumava me ver como uma espécie de Cinderela da vida real, pois vim de uma família bem humilde e, estranhamente, casei-me com um milionário, alguém que pensei ser o meu príncipe encantado, o meu “amor verdadeiro”.

Sim, eu costumava ser uma mulher bem inocente — ou uma extremamente idiota, se preferir.

A pior parte de tudo isso, em minha opinião, era que o meu casamento estava sendo muito feliz, não existiam problemas entre nós dois. E, se eles realmente estavam ali, eu desconhecia — o meu marido certamente se esquecera de me contar.

O nosso amor — aquele que eu pensei ser mais forte do que tudo — se tornou frágil demais, começando a acabar depois de eu assistir a uma única cena protagonizada por ele.

Era uma noite fria de domingo, eu estava parada em frente à porta,

sem reação, completamente devastada, encarando-os naquele momento totalmente asqueroso — algo que eu nunca mais seria capaz de esquecer —, logo depois de tê-lo seguido até a nossa casa de campo, em um ato desesperado.

Todos os meus problemas começaram quando eu resolvi dar ouvidos aos conselhos da minha mãe.

"Aquela mulher não me engana nenhum pouco, Greice. E se você não abrir os seus olhos logo, ela vai abri-los pra você", dissera a minha mãe, logo depois que a minha amiga deixou a sala.

E, agora, depois de tudo isso, eu descobri o quanto ela estava certa, pois os meus olhos nunca estiveram tão abertos.

Em um primeiro momento, eu afastei todas essas possibilidades da minha cabeça, porque, por mais que a minha mãe estivesse com todas aquelas acusações, eu confiava completamente em Frederico e também na mulher que a minha mãe acusava sem nenhuma prova.

Beatriz — "aquela mulher", de acordo com a minha mãe — era uma amiga tão próxima quanto uma irmã, eu nunca pensaria uma maldade como aquela — pelo menos, não uma que a envolvesse daquela forma.

Não, eu confiava plenamente em Bia.

Algo muito engraçado sobre a confiança é que, não importa o quanto ela seja forte, quando alguém te traz um pouco de dúvida, toda a sua estrutura se abala completamente, transformando-a em uma espécie de taça trincada, algo que pode se quebrar a qualquer momento.

E, quando essa semente é plantada em sua mente, tudo se transforma, fazendo com que você precise tirar uma prova, algo que consiga afastar todas as vozes em sua mente. E, quando você menos percebe, o seu principal foco passa a ser silenciar todos esses sussurros.

Nos últimos tempos, Frederico viajava muito para a nossa casa de campo para passar o fim de semana com os amigos, as famosas “noites dos homens” — como nós dois costumávamos chamá-las.

Eu nunca enxerguei nenhuma maldade no fato de ele ir se divertir com os amigos algumas vezes no mês — ao menos, não até a minha mãe plantar a desconfiança em minha cabeça.

E, quando ele me contou que estava indo viajar, que passaria o fim de semana inteiro fora, instantaneamente, eu fiquei abalada, tão mexida ao ponto de nem mesmo conseguir disfarçar isso.

Essa foi uma das primeiras vezes que em que brigamos. E, mesmo depois de eu implorar para que ele ficasse, para que passasse o fim de semana comigo no lugar de se divertir com os amigos, ele me deixou em casa, partindo em direção a nossa casa no interior.

Eu não pensei bem, simplesmente, troquei de roupa e fiz com que um dos nossos motoristas me levasse pra lá. Eu cheguei algumas horas depois dele.

A princípio, estranhei o fato de nenhum dos carros dos amigos de Frederico estar estacionado ali, mas ignorei esse fato, pois existiam milhões de explicações para isso. Eles poderiam ter combinado de chegar depois ou, simplesmente, o meu marido havia desmarcado o encontro, optando por descansar a mente, passando um período de tempo sozinho depois da briga que tivemos.

Sim, eu gostava de me enganar, encontrando desculpas idiotas para as perguntas sem respostas ou, simplesmente, arrumando respostas alternativas para as que eu já possuía. Eu costumava fazer isso inconscientemente.

Mas, como deveria ter imaginado — pois praga de mãe é mais forte que macumba —, Frederico estava mesmo colocando-me chifres, uns tão grandes ao ponto de me fazer andar curvada.

Provavelmente, essa era a causa das minhas dores nas costas.

Maldito!

Quando adentrei a casa, o encontrei na sala, completamente despido, dividindo o sofá — que costumávamos usar juntos — com a pessoa que se dizia ser a minha amiga, a melhor delas, mais especificamente.

Enquanto eu encarava-os, podia sentir as várias facadas perfurando as minhas costas, Bia e Frederico nem mesmo me deram uma chance de se defender de seu ataque covarde.

Naquela fração de segundos, eu não queria gritar, gastando a minha voz com aqueles dois, não valia a pena, eles não mereciam. Eu queria ter soado de uma maneira elegante — algo que a mãe dele sempre me acusava de não possuir —, eu queria parecer, de alguma maneira, completamente superior a aqueles dois safados.

Mas, infelizmente, eu não consegui.

Em vez de tudo isso, eu gritei com eles, acabei puxando o cabelo dela, quebrei algumas unhas e deixei um olho roxo na cara daquela falsa.

O meu sangue era quente demais para ignorar.

Se existia uma única regra entre amigas, com toda a certeza, era a de não pegar o homem da outra. Isso era quase uma lei da natureza, não se deve roubar a casa de quem te dá abrigo. Mas Beatriz nunca foi uma mulher inteligente.

Eu já não sabia o que me deixara mais surpresa; o homem que eu amava com outra mulher ou a minha melhor amiga dormindo com o meu marido. Talvez não houvesse diferença, provavelmente me machucaram em uma intensidade parecia, pois eu não conseguia distinguir, só sentia a dor do golpe.

E eu continuei sentindo, por mais dois anos.

Se eu me separei de Frederico após descobrir aquela traição? Não, eu continuei casada com ele, fingindo que o nosso casamento era algo mais que uma grande fachada.

Eu não poderia chutar o balde, a situação era um pouco mais complicada. E, por mais que não tivéssemos filhos, eu não teria como me manter sem o dinheiro dele.

Tudo o que eu tinha era a minha mãe, que também vivia da fortuna do meu marido.

"Greice Rafaela da Silva Brandão, eu te criei para ser uma dama. E uma dama você se tornou. Não jogue tudo fora por causa de um filho de uma puta", dissera a minha mãe, quando confirmei as suas suspeitas.

E, desta vez, eu segui o seu conselho sem questionar.

Por eu não ter dinheiro, a família dele só concordou com o nosso casamento se ele ocorresse com separação total de bens. E, naquela época, eu não me importei, pois vivia na ilusão de que nós dois ficaríamos casados para sempre, que nunca deixaríamos de nos amar.

Eu nunca me importei com o dinheiro dele, só me casei com Frederico porque estava verdadeiramente apaixonada. Naquele tempo, eu acreditava que dinheiro não era a melhor coisa do mundo, que somente o amor verdadeiro poderia trazer a felicidade para a vida de uma pessoa.

Eu só não imaginava que essa felicidade possuía um prazo de validade tão curto.

Sem saber, eu, literalmente, assinei o meu péssimo destino, condenando-me a uma vida miserável ao lado de alguém ainda mais miserável.

E quanto a minha querida amiga, ela continuou como estava, solteira e completamente rodada. As amantes nunca aprendiam a lição. Por mais que um

homem jurasse lealdade a você, por mais que ele pronunciasse mil vezes o “eu te amo”, jamais iria se separar da atual mulher para te assumir perante a sociedade. Para eles, existe uma grande diferença entre a mulher com quem se dorme escondido e aquela com quem acorda pela manhã.

E, mais uma vez, a minha mãe não estava errada.

Depois de tudo o que aconteceu com Beatriz, Frederico me pediu perdão, prometendo não me trair novamente, jurando que faria o impossível para consertar a nossa relação, para se redimir comigo.

Tudo isso, acompanhado de um belo colar de diamantes, claro — o melhor presente possível para um pedido de desculpas.

Eu o perdoei, afinal, as pessoas podiam mudar, não é? Todos deviam ter direito a uma segunda chance.

E, realmente, o meu marido mudou, mas só por exatos três meses, até eu descobrir uma nova traição. Talvez ele nunca tivesse realmente deixado de me trair.

Dessa vez, pelo menos, o cretino não usou a nossa casa de campo para transar com a vadia, deixando para fazer o seu trabalho sujo em um motel barato.

Eu só descobri sobre a traição porque a sua mais nova — ou velha — amante me enviou as fotos pelo Facebook, em uma tentativa patética de se vingar dele.

Como não sou boba — não depois de ter que aprender a cortar as galhadas em minha cabeça —, ajudei ela na vingança, vazando as fotos e envergonhando os dois, de uma só vez. Mas o infeliz do meu marido foi mais rápido do que eu e conseguiu remover todas as fotos da internet em um único dia, acabando com todo o meu plano vingativo.

A minha sorte foi que Frederico nunca descobriu que havia sido eu a

vazá-las e não a sua amante revoltada. Pelo menos, o meu plano serviu para afastá-los de uma maneira definitiva.

Depois disso, Frederico se desculpou comigo novamente, jurando nunca mais me trair e, é claro, eu fingi acreditar nele, pois eu não tinha nenhuma outra opção além de aceitar continuar vivendo naquele ciclo eterno de traição.

Adquira o conto e complete a leitura: clique aqui para comprar.

Anne Miller

"Anne Miller é, simplesmente, uma autora independente que começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além do conto "Selvagem", também tem o livro "Marido de Aluguel" — o seu primeiro livro — disponível na Amazon".

Acompanhe-me nas redes sociais e fique por dentro de todas as novidades.

Wattpad: www.wattpad.com/iannemiller/

Facebook: www.facebook.com/annemillerautora/

Site: annemilller.blogspot.com.br/